

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
NÍVEL DOUTORADO

Olmaro Paulo Mass

**A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO DE ABERTURA AO NÃO-IDÊNTICO:
Uma leitura a partir da *Dialética Negativa* de Theodor Adorno**

São Leopoldo

2016

Olmaro Paulo Mass

**A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO DE ABERTURA AO NÃO-IDÊNTICO:
Uma leitura a partir da *Dialética Negativa* de Theodor Adorno**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), sob orientação do professor Dr. Álvaro Montenegro Valls, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Aprovado no dia 24 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls - UNISINOS

Dr. Ricardo Timm de Souza - PUCRS

Dr. Oneide Perius - UFT

Dr. Castor Marí Martin Bartolomé Ruiz - UNISINO

Dr. Luiz Rohden - UNISINOS

São Leopoldo

2016

AGRADECIMENTOS

Ao amigo, professor Dr. *Álvaro Montenegro Valls*,
pelo incentivo e orientação do trabalho.

Aos professores Dr. *Castor Mari Martin Bartolomé Ruiz* e
Dr. *Luiz Rohden*, pelas sugestões na qualificação da tese.

Aos professores Dr. *Ricardo Timm de Souza* e Dr. *Oneide Perius*, pela amizade e estímulo em continuar os estudos em Adorno.

Aos meus familiares, *pai Lindolfo e mãe Melita Mass (in
memoriam)*, pelo apoio.

*Aos professores, à secretaria e à coordenação do Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos.*

Aos professores do Instituto de Filosofia Berthier, em especial,
ao professor Dr. *Paulo Carbonari*, pela leitura e sugestões.

Aos amigos *Irio Luiz Conti, Evandro Pontel, Isis Hochmann de
Freitas, Edilson Frey e Wilson Lamps.*

Aos Missionários da Sagrada Família.

Dedico este trabalho àqueles que ao longo dos anos me incentivaram e colaboraram na minha formação intelectual e humana.

RESUMO

A presente tese tem por finalidade desenvolver a filosofia como exercício de abertura ao não-idêntico a partir da Dialética Negativa de Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno. Além disso, visa compreender as principais contribuições e concepções filosóficas do seu pensamento, destacando a importância da autonomia alicerçada na interdisciplinaridade da teoria crítica. O pensamento de Adorno cobra que a filosofia assuma seu principal papel: o efetivo exercício crítico e uma rigorosa compreensão da realidade por meio do pensamento dialético que preserve em sua essência a negatividade. Esta pesquisa tem, ainda, por objetivo analisar criticamente como se gestou, no seio da sociedade, uma forma de vida banalizada nas diversas formas de violência e administrada sob uma racionalidade técnico-científica que, na concepção de Adorno, possui sua identidade conceitual e sua expressividade na sociedade contemporânea. Os processos de instrumentalização da razão e suas consequências foram desastrosos no decorrer dos séculos XX e XXI: o fim das utopias, a produção da vida danificada exposta ou posta à disposição de um poder que a rege, administra-a e torna-a mero produto de descarte nas estratégias de poder do controle das massas. A filosofia adorniana tem por objetivo dar voz ao pensamento crítico da dialética negativa e, assim, abrir-se ao não conceitual para realizar uma nova experiência filosófica de resistência ao conhecimento instrumentalizado. Assim, o pensamento crítico tem sua expressão na não identidade da negatividade enquanto instrumento para aproximar-se do não conceitual, potencialidade da dialética negativa.

PALAVRAS-CHAVE: Adorno. Dialética negativa. Não-idêntico. Não identidade. Pensamento crítico.

ABSTRACT

This thesis aims to develop an analysis of philosophy as the exercise of non-identical with the theoretical support of Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno. It also seeks to understand the main contributions and philosophical conceptions of thought, highlighting the importance of autonomy grounded in interdisciplinary critical theory. The thought of Adorno requires that philosophy takes its main role: the actual critical exercise and a thorough understanding of reality by means of dialectical thinking that preserves in its essence the negativity. This research has also aims to analyze critically how it developed, within society, a form of banal life in the various forms of violence and administered in a technical-scientific rationality that, in the design of Adorno, has its conceptual identity and expression in contemporary society. The process of the instrumentalization of reason and its consequences were disastrous over the centuries XX and XXI: the end of utopias, the production of damaged life exposed or made available to a power that governs, manages it and becomes a mere product disposal in power strategies of control of the masses. The Adornian philosophy aims to give voice to the critical thinking of negative dialectics and thus be open to non-conceptual to make a new philosophical experience of resistance instrumentalized knowledge. Thus, critical thinking has its expression in the non-identity of negativity as a tool to approach the non-conceptual, the potential negative dialectics.

KEYWORDS: Adorno. Negative Dialectics. Non-identical. No identity. Critical thinking.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
2 EXPERIÊNCIA CRÍTICA E FILOSOFIA NEGATIVA	12
2.1 Atualidade da filosofia: projeto filosófico de Adorno	13
2.2 Contextualização e crítica ao pensamento instrumentalizado	26
2.3 Possibilidades da dimensão crítica da filosofia negativa.....	40
3 DIALÉTICA NEGATIVA E RAZÃO DO NÃO-IDÊNTICO	47
3.1 Três estudos sobre Hegel: contraposição à dialética hegeliana.....	49
3.2 Filosofia – imaginação da dialética negativa.....	56
3.3 Crítica à filosofia da identidade – dialética negativa.....	65
3.4 Razão do não-idêntico: potência crítica do pensamento	76
4 A FORÇA CRÍTICA DO PENSAMENTO DIALÉTICO	84
4.1 Por uma filosofia crítica da memória	84
4.2 Arte e sociedade: possibilidade do não-idêntico	99
4.3 Por uma racionalidade antissistemática	111
4.4 Sujeito crítico e emancipação	123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	135

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que mantém todos os viventes ocupados e em movimento é o esforço de existir.¹

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno é um pensador *sui generis* que interage com a filosofia e a sociedade contemporânea no conjunto de suas reflexões filosóficas e multicríticas presentes em suas obras, assim como com outros importantes intelectuais e pesquisadores em diversas áreas do conhecimento. Adorno introduz e conduz o leitor a uma tensão dialética e a uma articulação permanente entre pensamento filosófico e a realidade para além do itinerário habitual com o qual se é acostumado a interagir e se confrontar. As pessoas se tornam sujeitos inconformados, com métodos tradicionais para conhecer e captar a realidade que é apresentada pelo pensamento preestabelecido, instrumentalizado e produzido por um percurso muitas vezes imposto. Em um viés crítico, a concepção adorniana mostra que tal forma de conhecimento tradicional se enrijeceu de forma autoritária no exercício de seu poder. Por isso, cabe destacar uma das características marcantes de seu pensamento na concepção de Souza: “Em suma, pode-se dizer que o pensamento adorniano é tudo menos leve e fácil, como não era leve e fácil o mundo no qual vivia o pensador”.²

Ao aprofundar o estudo sobre o pensamento filosófico de Adorno, trata-se de construir um conhecimento autorreflexivo e de crítica imanente capaz de possibilitar a afirmação de um sujeito ético e esclarecido, que não se deixe manipular pelas forças da opressão ou pelos atos imperativos que conservam o existente com seus elementos subjacentes no pensamento. Os escritos de Adorno têm uma preocupação não só de ser um contraponto crítico às correntes filosóficas, mas uma concepção que leve a um comprometimento ético da filosofia com o mundo. O legado de Adorno está em sua persistência e coragem de dar direção ao pensamento filosófico, ou melhor, fazer da filosofia a expressão de um exercício crítico da racionalidade do não-idêntico, ponto central de seu pensamento filosófico e da dialética negativa.³

A presente pesquisa visa explicitar e defender a tese de uma concepção de filosofia como exercício de abertura ao não-idêntico – o pensamento que se deixa impulsionar na direção do movimento da não identidade como instrumento central da dialética negativa. Para Adorno, ela assegura a atualidade da filosofia numa perspectiva essencialmente crítica. Por isso, o fio

¹ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 171.

² SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e a razão do não-idêntico*, 2004, p. 96.

³ Quando utilizarmos a expressão dialética negativa de forma minúscula, estamos nos referindo ao modelo de pensamento filosófico proposto por Adorno e não à obra *Dialética negativa*, que será referida todas as vezes em itálico.

condutor deste estudo se constitui na exposição do não-idêntico da dialética negativa como força especulativa do pensamento que pretende ser crítico no próprio movimento do filosofar. Na exposição adorniana, o pensamento dialético tem por finalidade não enfraquecer a dialética, mas “[...] libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação [...]”⁴, tampouco enfraquecê-la em sua intenção.

O ponto fundamental que instiga a proposta do pensador frankfurtiano reside na potencialidade da dialética negativa enquanto instrumento de interpretação e compreensão da realidade e, por outro lado, como impulso organizador da autorreflexividade do pensamento. A partir da perspectiva adorniana há um duplo processo, tal como se realiza como expressão atenuante, embora carregue um fardo insuportável, indiferenciado da realidade ao trazê-la à tona: de um lado, a dialética tem o significado de exprimir de dentro para fora, de dar vida e, por outra via, de mostrar os paradoxos das diversas faces da história esvanecida pelos escombros e assombros das barbáries remanescentes.

Deve-se ter como pressuposto, nessa óptica exposta, uma (re)leitura a partir dos oprimidos, esquecidos, que são as principais vítimas da sociedade. Persiste, em todo caso, que “[...] o pensamento, que apenas se torna verdade ao tomar para si plenamente aquilo que lhe opõe resistência, sucumbe sempre ao mesmo tempo à tentação de esclarecer precisamente com isso o que resiste ao pensamento como ideia, verdade”⁵. Nesse sentido, buscar-se-á explicitar uma concepção de dialética negativa que emerge no tempo histórico e que, por isso, possibilita ler e perceber a realidade na sua resistência. Posto isso, eis a imensa tarefa de pensar as possibilidades da negatividade como espaço que vivifica a positividade da dialética negativa enquanto referência metodológica e paradoxal, espaço por excelência do não-idêntico. Assim, “a filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização”⁶.

Necessário é observar que, na acepção adorniana, no que concerne à dialética, não se trata tão somente de uma simples inversão ou de uma oposição, já que o marco diferenciador de tal compreensão reside justamente em seu próprio caminho filosófico⁷ e exposição que indica que o *jogo* não será o mesmo nem o procedimento para chegar ao objetivo final de seu labor

⁴ Optamos por citar a edição brasileira no texto e, em nota de rodapé, o original da *Negative dialektik*, abreviado por GS, Band 6 e número de página. Ex.: ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 7. In: GS, Band 6, p. 11. “Dialektik von derlei affirmativem Wesen befreien, ohne an Bestimmtheit etwas nachzulassen”.

⁵ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2003, p. 168.

⁶ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 11. In: GS, Band 6, p. 15. “Philosophie, die einmal überholt schien, erhält sich am Leben, weil der Augenblick ihrer Verwirklichung versäumt Ward”.

⁷ Conforme, ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 7.

conceitual. O método como caminho e exposição da realidade precisa ser entendido como um processo a ser elaborado ou construído no qual as *regras básicas* não são secundárias, mas essenciais no decorrer do percurso em vista de criar possibilidades diferenciadas de fazer uma leitura crítica da realidade.

Os *edifícios conceituais*, na concepção adorniana, estão diante de uma encruzilhada: não sabem mais tomar um rumo certo por causa da instabilidade de suas concepções, estão, portanto num momento histórico crucial, de desmoronamento, de decadência teórica, política e ética. Nesse panorama, cabe indagar: como pensar a racionalidade do não-idêntico, em suas possibilidades, em frente a todas as formas de normatividade e sublimação da realidade e da identidade? Como expõe Adorno na *Dialética negativa*, a filosofia se faz a partir de um pensamento que se expressa no não conceitual, em que a identidade está em permanente movimento para o não-idêntico. Por isso, o conceito está em relação e em mediação ao não conceitual, voltado para o não-idêntico, caráter constitutivo de um pensamento crítico e de uma filosofia que não se submete à identidade da totalidade.

Tendo por ponto de partida o acima explicitado, enquanto articulação fundamental ao entendimento do pensamento de Adorno, a investigação almeja entender a gênese de sua filosofia crítica presente desde seus escritos da juventude até suas obras mais maduras, com especial atenção ao estudo específico da *Dialética negativa*. Os conceitos de negação, negatividade e crítica à sociedade moderna percorrem intrinsecamente ao pensamento filosófico de Adorno desde seus escritos da juventude e têm uma importância central em suas obras mais maduras.

Assim, desde sua gênese, o pensamento adorniano insiste que a filosofia tem um papel fundamental na sociedade, principalmente quando tem uma atitude numa perspectiva crítica, no exercício do movimento para o não-idêntico. Por isso, o pensamento filosófico de Adorno e a sua crítica à sociedade residem em “[...] desobstruir com intransigência a densa camada ideológica que oculta as contradições do social e iluminar com raio xis o duro chão da realidade”⁸. Nesse sentido, a dialética negativa como método em suas análises e reflexões filosóficas está incorporada em seu pensamento, isto é, está inerente com o que propulsiona e intenciona o movimento reflexivo: “Adorno compreendeu que a partir do momento em que a filosofia rompeu sua promessa de ser idêntica com a realidade ou de estar prestes a efetivá-la, está

⁸ PUCCI, Bruno. *Filosofia negativa e educação*: Adorno, 1997, p. 6.

obrigada a autocriticar-se sem piedade [...]”.⁹

Destarte, ao propor-se situar a exposição da filosofia enquanto exercício permanente do pensamento faz-se necessário ter como ponto de partida a identificação de questões pertinentes que possibilitem orientar a pesquisa em Adorno, dentre as quais se pode destacar: vive-se ainda à sombra do regime totalitário em que as principais indagações filosóficas levantadas permanecem vivas e qual é o limite de pensar uma racionalidade do não-idêntico perante o paradigma dominante da racionalidade instrumental e conservadora? Essas questões se constituirão como eixos articuladores deste estudo e acompanharão a exposição tendo em vista seu caráter de centralidade e direcionamento do tema da pesquisa. O mesmo consiste em explicitar o pensamento adorniano enquanto permanente exercício reflexivo como possibilidade de uma responsabilidade social com a transformação do pensamento coercivo e tradicional presente na academia e no contexto do qual emerge o conjunto de suas obras e que compõe o corpo conceitual do pensador alemão.

Em frente ao exposto, estabelecer-se-á um diálogo com o núcleo central da proposta adorniana e que perpassará este estudo, buscando explicitar: é possível pensar uma racionalidade do não-idêntico (em frente ao idêntico) em que a força crítica do pensamento se constitua no exercício, na experiência e na relação com a realidade, e o que possibilita uma reflexão crítica salvaguardar uma racionalidade dialética negativa sem a pretensão de cair num formalismo ou num sistema filosófico? Assim, na esteira do pensamento filosófico de Adorno, pretende-se desenvolver e delinear esta pesquisa que se situa e se constitui como convite ao labor filosófico – movimento de um exercício crítico a partir de uma concepção de dialética negativa –, expressão do não-idêntico como possibilidade do pensamento crítico.

O percurso deste estudo está estruturado em três capítulos. No primeiro, *Experiência crítica e filosofia negativa*, pretende-se explicitar que desde os seus primeiros escritos Adorno acentua a filosofia como um permanente exercício reflexivo que busca compreender a realidade a partir de um pensamento crítico, em vista de contrapor as concepções que evidenciam um discurso predeterminado a partir de uma linguagem instrumentalizada.

No segundo capítulo, *A dialética negativa e razão do não-idêntico*, busca-se compreender a concepção dialética e a crítica de Adorno ao pensamento instrumentalizado. A potencialidade da dialética negativa evidencia-se ao longo do texto, enfatizando que a racionalidade do não-idêntico se dá numa relação ensaística e dinâmica, de resistência ao

⁹ PUCCI, Bruno. *Filosofia negativa e educação*: Adorno, 1997, p. 6.

pensamento instrumentalizado e sedimentado, de modo que a filosofia se caracteriza como exercício de compreensão da realidade numa perspectiva crítica.

O último capítulo, *A força crítica do pensamento dialético*, tem por objetivo fundamentar uma filosofia da memória, da relação entre a obra de arte e a sociedade como condição da construção de uma racionalidade que preserva sua criticidade e de uma linguagem filosófica do não-idêntico.

Diante do exposto, a tese consiste em afirmar que a expressão do não-idêntico da dialética negativa adorniana se dá na relação da filosofia como exercício – crítica imanente ao pensamento e à exposição de uma linguagem constelativa que se reinventa em seu método de exposição. Destarte, pensar *A filosofia como exercício de abertura ao não-idêntico* é acompanhar o itinerário filosófico de Adorno e perceber a atualidade e a potencialidade do pensamento crítico que se constitui de modo dinâmico e aberto em seus múltiplos contextos. Ademais, pretende-se aprofundar a crítica filosófica de Adorno assegurando que seu pensamento é de suma importância para se entender e fazer uma (re)leitura da realidade contemporânea, enfocando o papel importante que a filosofia possui em seu modo próprio de pensar o mundo e os conceitos, sem ter a pretensão abarcadora e última da verdade.

2 EXPERIÊNCIA CRÍTICA E FILOSOFIA NEGATIVA

*A vida converteu-se numa sequência ininterrupta de choques, entre os quais se abrem lacunas e espaços paralisados.*¹⁰

O árduo e extenso trabalho de elaboração filosófica¹¹ de Adorno constatável em suas inúmeras obras e artigos, muitos de caráter interdisciplinar, torna necessário reportar-se às considerações em relação a seu posicionamento filosófico para não se incorrer em um julgamento prévio e equivocado sobre suas reflexões críticas direcionadas à filosofia e à tradição. Tal peculiaridade, segundo Mueller, caracteriza sua especificidade como filósofo crítico, ímpar, que não compactua com ‘o status quo’ da filosofia moderna e é radicalmente contra uma exposição ou um “[...] discurso filosófico que ontologiza o real, suprimindo às realidades sua identidade própria. Contra um reducionismo que ameaça a filosofia de se tornar mera coadjuvante das ciências lógicas e empíricas. Uma dissolução da filosofia em práxis política”.¹²

Na esteira dos trabalhos elaborados pela *Teoria Crítica*, de modo especial por Adorno, aparece de forma extremamente importante um aspecto central, qual seja: perceber que as relações sociais que constituem a organização da sociedade estão fundamentadas em semelhanças de poder marcadas pelo medo, pela força, pela prática da barbárie e por um irracionalismo instrumentalizado pela ciência tecnológica. Sob a experiência da indignação e de revolta contra a história acinzentada, segundo Tiburi, é possível acentuar o seguinte critério de sua teoria filosófica: os escritos “[...] desse pensador que viveu e morreu sob o espírito do século XX, deixando uma obra marcada em termos conceituais pelo sofrimento e pela

¹⁰ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 50.

¹¹ A Escola de Frankfurt emergiu tendo como principal eixo articulador e investigativo a indagação acerca da significação e alcance tanto do Iluminismo, como da modernidade. Adorno é membro fundador da Escola de Frankfurt [desde a primeira geração] e desenvolveu árduo trabalho de pesquisa conjuntamente com os outros estudiosos. Acompanhamos a reflexão de Souza sobre esta questão: “A figura de Adorno é, fora de dúvida, um dos principais esteios de sustentação e desenvolvimento da Escola de Frankfurt. Adorno concentrou sua capacidade intelectual, a partir das motivações já referidas, ao redor de diversos pontos nodais de interligação e conjugação dos mais variados campos de conhecimento [...] em seus livros, os mais variados dados do pensamento crítico convivem não-linearmente” (SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 62). De acordo com Jimenez, a *Teoria Crítica* “[...] igualmente se pretende multicrítica, na medida em que procura demonstrar os mais sutis mecanismos pelos quais a dominação integra o existente a uma totalidade pseudoracional e opressiva” (JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*, 1977, p. 28). Por isso, sua vasta referência bibliográfica disponível e sua recepção nas universidades em diversas áreas do conhecimento e com renomados estudiosos constituem um desafio para aqueles que se propõem a estudá-lo, tendo presente a complexidade da compreensão de seu pensamento. Nesse sentido, conforme Souza, “Adorno é um autor fundamental de nossa época e para nossa época. Não se entende o mundo em que vivemos sem passar por ele, como igualmente, pouco se entende a filosofia contemporânea sem sua decisiva contribuição” (SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e a razão do não-idêntico*, 2004, p. 94).

¹² MUELLER, Enio. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*, 2009, p. 7.

esperança, pela experiência da violência e pela necessidade de uma transformação da sociedade”.¹³

Neste capítulo, *Experiência crítica e filosofia negativa*, tem-se por objetivo compreender as principais questões filosóficas relacionadas ao tema em estudo no texto de janeiro de 1931 – a preleção inaugural de filosofia de Adorno na Universidade de Frankfurt para habilitação à docência, com o título original: *Die Aktualität der Philosophie*. A segunda parte do capítulo, *contextualização e crítica ao pensamento instrumentalizado* tem por objeto tematizar a crítica de Adorno à modernidade e ao conceito de racionalidade instrumental. Por fim, *possibilidades da dimensão crítica da filosofia negativa* configuram a terceira parte deste capítulo.

2.1 Atualidade da filosofia: projeto filosófico de Adorno

*Sua própria forma de escrever visava deliberadamente a impedir a recepção fácil por parte de leitores desinteressados.*¹⁴

O texto *Atualidade da filosofia*, de 1931, marca o período da juventude do autor no conjunto da obra adorniana. Nele já é possível perceber os principais questionamentos filosóficos que vão dar direção consciente e consistente à sua produção intelectual ao longo de toda sua trajetória de vida. As categorias ontologizadas do pensamento tradicional foram objeto de sua crítica nas publicações posteriores. De acordo com Wellmer, no decorrer dessa exposição “[...] aparece já como um filósofo completo e maduro, no sentido de que já se haviam constituído todos os ensejos decisivos de seu pensamento, suas constelações fundamentais[...]”,¹⁵ seus principais desdobramentos filosóficos e a postura de compreensão e crítica à realidade.

Adorno, ao reler a história da filosofia, tem uma percepção, uma atitude e um olhar crítico ao passado, numa perspectiva de que a filosofia recupere sua condição de exercer sua atividade em frente a uma realidade complexa. Assim, se a filosofia quiser manter-se diante do argumento exposto, segundo Valls, “[...] não significa, neste contexto, mostrar um sentido positivo para a realidade, e sim possibilitar intervenções, práticas e que tenham sentido, no

¹³ TIBURI, Márcia. *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*, 2004, p. 3.

¹⁴ JAY, Martins. *As ideias de Adorno*, 1988, p. 13.

¹⁵ WELLMER, Albrecht. *Acerca da negatividade e autonomia da arte*. Sobre a atualidade da estética de Adorno, 2003, p. 37.

tecido social”¹⁶. Entretanto, não é uma crítica externa ao conceito e ao pensamento, mas seu posicionamento é imanente à história e à realidade da própria dialética que precisa ser resgatada da posição de negatividade enquanto pensamento e expressão da consciência reflexiva e interpretativa do mundo.

Ao comentar o pensamento filosófico de Adorno, Wellmer afirma que “[...] a crítica não era algo externo ao pensar e ao filosofar, porém a própria essência do pensar”¹⁷. Pelo viés da teoria crítica de Adorno, ter-se-á a possibilidade de construir uma linguagem e uma racionalidade para além da estrutura instrumental hegemônica como contraponto à racionalidade instrumental, mesmo que seja aparentemente silenciosa e de mudez.

O estilo aforístico de escrever e construir questionamentos críticos à sociedade mostra que nem sempre seus textos são ordenados de forma analítica, ocasionando certo estranhamento ao leitor e, conseqüentemente, entre outras dificuldades, de compreensão daquilo que se propunha a dizer. Nesse sentido, destaca-se a notória observação de Jay:

Adorno se recusava a apresentar suas ideias complexas e plenas de nuances de maneira simplificada. Acusando os defensores da comunicabilidade fácil de minar a substância crítica daquilo que pretendiam comunicar, ele resistia de modo vigoroso ao imperativo de reduzir pensamentos difíceis ao estilo coloquial da linguagem cotidiana.¹⁸

A questão que emerge de tal posição indica para uma tarefa não menos importante e desafiadora, qual seja, que o leitor possa ser conduzido a (re)construir a vida do texto, o que este tem por finalidade expressar ou dizer, em um novo nível. Desse modo, a filosofia não visa buscar uma pretensão, indagação sobre um paradigma oculto e preexistente da realidade, mas, portanto, o papel é investigar, indagar e interpretar um contexto ou uma realidade que está desprovida de propósitos. No dizer do próprio Adorno, “[...] una realidad carente de intenciones mediante la construcción de figuras, de imágenes a partir de los elementos aislados de la realidad, en virtud de las cuales alza los perfiles de cuestiones que es tarea de la ciencia pensar exhaustivamente”¹⁹, que tem sua expressão mais intensa na dor e no sofrimento dos indivíduos. Seu papel consiste em levantar as principais questões em que as ciências particulares têm suas investigações exaustivas que sejam importantes para a reflexão e o objetivo da filosofia, ou seja

¹⁶ VALLS, Alvaro L. M. *Estudos de estética e filosofia da arte: uma perspectiva adorniana*, 2002, p. 92.

¹⁷ WELLMER, Albrecht. *Acerca da negatividade e autonomia da arte*, 2003, p. 27.

¹⁸ JAY, Martins. *As ideias de Adorno*, 1988, p. 13.

¹⁹ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 89.

“[...] una tarea a la que la filosofía sigue estando vinculada, porque su chispa luminosa no sabría inflamarse en otra parte que no fuera contra esas duras cuestiones”.²⁰

Frente ao contexto atual da filosofia e de sua forma de compreender o mundo, Adorno expõe que precisa ser revista sua metodologia se confrontada com a pretensão de compreender a realidade e também a forma como ela se relaciona com o mundo. O movimento da dialética negativa não tem por finalidade a superação dos limites do pensamento ou da pluralidade de possíveis interpretações da realidade, mas perceber os limites, alcances e o abarcamento do conceito como algo constitutivo do não conceitual. Assim, portanto, “desde luego, la realidad no queda superada en el concepto; pero de la construcción de la figura de lo real se sigue al punto, en todos los casos, la exigencia de su transformación real”²¹.

Na acepção adorniana, a dialética apresenta indícios de uma reconfiguração, uma nova roupagem, na qual, ao se pensar e interpretar a realidade, deve-se deixar de lado a pretensão de determinar o real e explicitá-lo de forma acabada, dotada de sentido pleno. Mas em sua compreensão, deve-se trabalhar com uma verdade desprovida de intencionalidade ou de uma veracidade finalística e antecipadamente determinada em sua configuração. Em decorrência disso, fica evidenciado que não se pode esperar que a filosofia de antemão tenha um método definitivo para a sua atuação, mas está conforme Souza, “[...] sua habilidade em penetrar as mais complexas teias socioculturais é ímpar”²². O mesmo acontece no decorrer de sua exposição filosófica e de sua reflexão nas quais “[...] suas obras se constituem, de um modo geral, na negação da linearidade discursiva; são, antes, mosaicos extremamente burilados que espalham, *também por sua estrutura*, aquilo que a fazem referência”.²³

No ato de pensar e interpretar, a filosofia possibilita identificar a sua carência de um método prévio, sua insuficiência de conhecer a realidade em sua totalidade, ou seja, a impossibilidade do discurso predeterminado ou pronto dá lugar à reciprocidade dialógica enquanto possibilidade de perceber a insuficiência do conceito das experiências traumáticas dos acontecimentos históricos. Em consequência disso, Tiburi sustenta que a noção de “[...] verdade não está no sujeito, nem está simplesmente, no objeto elevado à condição de coisa em si. A verdade é o que o filósofo deve procurar expressar diante de um mundo mudo e de uma

²⁰ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 89.

²¹ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 94.

²² SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 62.

²³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 62 [Grifo do autor].

linguagem filosófica que, em sua lógica é, ela mesma, muda”.²⁴

Trata-se de entender que os complexos intra-históricos são um desafio aos principais questionamentos filosóficos. Interpretá-los é uma das tarefas mais difíceis e atuais, “[...] y concentrar las preguntas filosóficas sobre complejos intrahistóricos concretos de los que no deberían desprenderse, son todos postulados que desembocan en algo sobremanera similar a una disolución de lo que hasta ahora se llamaba la filosofía”²⁵. Nos limites do experienciável nos quais o filósofo experimenta o real, ele se torna intérprete, e a filosofia constitui-se em um método próprio que o conduz em sua tarefa para buscar compreender nos redutos intra-históricos.

A realidade é continuamente confrontada com o conceito, por isso, emerge o desafio de se renunciar à pretensão de explicar a totalidade a partir de categorias lógicas, mas a realidade é dinâmica e o seu conteúdo continua a se revelar ao ponto de não poder ser definida previamente. A presença da negatividade na definição de uma formação filosoficamente pensável adquire o sentido de uma posição aberta no próprio ato de pensar e interpretar com aquilo que se propõe a ser e a demonstrar. Às vezes, a crítica ao formalismo do idealismo se manifesta tal como posição em relação à história da filosofia: a história da filosofia é marcada por uma concepção, um testemunho, uma adaptação,²⁶ em que a identidade é colocada no lugar da verdade e da veracidade dos fatos. Sem ter uma chave segura para interpretar a realidade, a pretensão adorniana é com a verdade, um pensamento crítico que se dá no exercício de interpretação, que se abre em constelação, numa concepção aberta e dinâmica da história.

Adorno tem por peculiaridade refletir e pensar a realidade sem estar atrelado ou condicionado a uma tradição na qual os principais elementos de interpretação estejam previamente determinados, deliberados ou causados a partir de elementos teórico-metodológicos definidos de antemão. Por isso, a relação entre pensamento e realidade é o ponto de partida do pensamento dialético, da filosofia crítica. Isso é fundamental para se enxergar a insuficiência de qualquer conceito afetado pela totalidade da dialética positiva que legitima o seu próprio progresso histórico. Porém, não se trata de uma atitude contra o conceito em si. Isto é, a filosofia que pretende ser crítica e que procura entender a realidade requer a expressão dos elementos necessários para a reflexão sem a pretensão de dominá-los.

²⁴ TIBURI, Márcia. *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*, 2003, p. 6.

²⁵ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 95.

²⁶ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 74.

O processo interpretativo vai além da experiência imediata do dado ou da realidade superficialmente apropriada pelo entendimento. Também as condições da especificidade dos elementos mínimos estão sob um *olhar microscópico*. A não identidade é o lugar da condição e da possibilidade de expressão do não-idêntico em frente à aparência do idêntico, a qual não tem uma chave de leitura segura, fundamentação ou um fio condutor de interpretação previamente determinado. O que se lê, todavia, é “[...] con lo que persiste la gran paradoja, quizás perpetua, de que la filosofía ha de proceder a interpretar una y otra vez, y siempre con la pretensión de la verdad, sin poseer nunca una clave cierta de interpretación”.²⁷

Se a filosofia não tem a pretensão de buscar a verdade em si mesmo, mesmo que seja transitória, a sua relação de diálogo com as demais ciências é indispensável e importante para o entendimento do mundo numa visão crítica, ampla e aberta que, pelo método da dialética negativa, apropria-se num processo que vai se construindo a partir de uma atitude de abertura e de reconhecimento da heterogeneidade da realidade expressa no conceito. Se o pensamento consegue penetrar nos *vestigios e escombros*, encontra uma realidade apenas em fragmentos e, poder-se-ia dizer, elementos que se expressam na negatividade e a consciência do não-idêntico.

No primeiro parágrafo do texto *Atualidade da filosofia*, é possível perceber o objetivo e a preocupação do ensaio filosófico: quem aspira à filosofia não pode mais ter como pretensão a busca por explicar e por apoderar-se da realidade tal como ela é em si mesma ou em sua aparência, em seu fenômeno. Conforme Adorno: “Quien hoy elija por oficio el trabajo filosófico, ha de renunciar desde el comienzo mismo a la ilusión con que antes arrancaban los proyectos filosóficos: la de que sería posible aferrar la totalidad de lo real por la fuerza del pensamiento”²⁸. Todavia, é perceptível na história da filosofia quando ela teve por finalidade última conhecer por meio do conceito e da justificação a totalidade do real em direção a um saber absoluto, tendo o sujeito como única referência. Na concepção adorniana, é impossível, por intermédio da razão ou da dialética, apropriar-se da realidade, conhecer o real em seu contexto e defini-lo por meio do conceito. Se o conceito é compreendido como um instrumento do pensar, a razão precisa libertar-se de sua pretensão de almejar uma realidade mediatizada de uma identidade dialética que busca abarcar e monopolizar o real em sua totalidade.

Esta é a grande diferença que se pretende ressaltar da concepção filosófica de Adorno. Observa e toma partido: a tarefa árdua do filósofo é se desvencilhar do perigo de uma filosofia

²⁷ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 87.

²⁸ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 73.

tradicional que está inserida na lógica do colaborar e do reproduzir a opressão intelectual e social. Em outras palavras, desprender-se de uma linguagem instrumentalizada ou de uma dialética em que a verdade se encontra estritamente no conceito, já que pensar de outra forma só será possível pelo viés do não-idêntico. Exige-se do filósofo uma atitude ousada que lhe cobra assumir uma posição fundamentada a partir dos horizontes da teoria crítica.

Decorrente dessa situação notória no pensamento crítico de Adorno, nenhuma razão pode querer por sua força justificar ou ter a pretensão filosófica de conhecer ou abarcar a totalidade num conceito por intermédio da dialética. Tendo em vista esse cenário, a totalidade é considerada o lugar da não verdade, da configuração de pensamento com aspectos totalitários que exclui aquilo que não se deixa abarcar em seu esclarecimento. Em relação a isso, o pensador de Frankfurt assevera que “[...] sólo se le presenta como realidad total en cuanto objecto de polémica, mientras únicamente en vestigios y escombros perdura la esperanza de que alguna vez llegue a ser una realidad correcta y justa”²⁹. Esperar que um dia a realidade possa vir a se tornar correta e justa, implica e indica a autonomia da filosofia em relação ao conhecimento e às ações enquanto instância de uma racionalidade aberta para a experiência e o encontro com a realidade. Adorno tem uma posição crítica da instrumentalização da racionalidade e da ciência que, de modos multiformes e pluridimensionais, interfere de um modo incisivo e direto no processo de formação da consciência do sujeito do mundo contemporâneo.

Se o filósofo se deixa seduzir e conduzir em direção à sociedade administrada como possibilidade de pautar sua práxis, simplesmente acaba por abandonar sua principal função. Isto é, de construir e problematizar um conhecimento que tenha um caráter crítico. A filosofia não pode se deixar influenciar pela noção de história como progresso para garantir seu *status* e manter o princípio de sua autoconservação numa sociedade que preza por um pensamento unificado. A filosofia, em primeiro lugar, deve desistir da ilusão de que é possível compreender a totalidade com categorias e ideias eternas, duradouras e definitivas. Outro extremo seria dizer que “[...] la filosofía que a tal fin se expende hoy no sirve para otra cosa que para velar la realidad y eternizar su situación actual”³⁰. Perpetuar e ocultar o contexto em que está inserida é ausentar-se de seu papel, ou seja, de ter uma postura acrítica e desconfiável com as concepções que num primeiro olhar parecem indiscutíveis.

²⁹ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 73.

³⁰ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 73.

Nesse sentido, configura-se uma racionalidade que tem como estratégia apoderar-se da realidade por meio de definições prévias e por um conceito que busca contrapor o conhecimento que preserva as diferentes concepções de mundo. Diante da tarefa com a qual a filosofia precisa se confrontar emerge como fundamental e essencial o exercício de o sujeito fazer a experiência dialética, porém não mais submisso ao real e fidedigno às categorias que impõem ao pensamento uma força abstrata e determinante. E isso se torna condição de possibilidade para se problematizar e pensar a heterogeneidade do conceito e a diferença da não identidade entre a realidade e a estrutura conceitual.

Nessa acepção que indica a crítica a uma forma de pensar aquilo que está dado, positivado, o pensador de Frankfurt é enfático ao observar que a razão positiva e legitimadora³¹ está arruinada como progresso, e o pensamento que acentua a importância da heterogeneidade da realidade perdeu sua força. Para Adorno, o pensamento é negatividade e apenas a realidade fragmentada que agora se encontra destroçada, mas nos restos da história, como vestígios, ainda mantém a esperança de um mundo possível de ser transformado e (re)configurado. Em outras palavras, no exercício reflexivo em que se propõe desenvolver, destaca-se a importância para um pensamento com característica crítica: a vivacidade de se deixar conduzir por um pensamento com conceitos insuficientemente elaborados. A partir daí, a filosofia assume a condição de permanecer autônoma e existente enquanto possibilidade, abertura e sustentabilidade de um pensar num horizonte transformador, mas que está ocultado das sistematizações formais tradicionais de conhecimentos.

Para Adorno, é impossível conceber a relação entre pensamento e realidade do modo como se fez por um longo tempo na tradição filosófica, caracterizada como identificação entre ser e pensar. Assim, conclui ao destacar que a negatividade na dialética é expressão crítica que não se deixa instrumentalizar pela racionalidade positivizada como impulso ordenador do pensamento: “Pero la adecuación del pensamiento al Ser como totalidad se ha desintegrado, y con ello se ha vuelto implanteable la cuestión de esa idea de lo existente [...]”,³² não sendo mais possível, ou admissível, “[...] sobre una realidad cerrada y redonda, y que quizás se haya

³¹ Importante é acentuar que a *Dialética do esclarecimento*, escrita por Adorno e Horkheimer, faz uma leitura do conceito de razão. Como a razão abrangente e humanística, posta a serviço da liberdade dos homens, se atrofiou numa racionalidade instrumentalizada a serviço da hegemonia capitalista. Observa-se nas palavras de Freitag: “Colocando o indivíduo no centro da análise dialética, empregando a metáfora e rejeitando os critérios positivistas da verdade, Horkheimer e Adorno avançaram uma perspectiva antropológica que revelou de que modo a dominação instrumental da natureza alijara a liberdade do processo histórico ao mesmo tempo em que ameaçava invadir o domínio do sujeito” (FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*, 2004, p. 105).

³² ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 74.

desvanecido para siempre a ojos humanos desde que sólo la historia sale fiadora de las imágenes de nuestra vida”³³. Ainda em frente ao exposto, cabe ressaltar que é impossível ter como ponto de partida a ideia de que a totalidade pode ser conhecida em sua universalidade e o real submisso às categorias subjetivas (hegelianas ou kantianas transcendentais), em vista do espírito soberano do sujeito³⁴ cognoscente no processo de homogeneização do mundo.

A partir da ideia supracitada, a realidade está reconciliada a uma visão de mundo em que sua expressividade se dá por meio do conceito. Não obstante, por outro lado, a totalidade precisa ser pensada, mesmo que esta permaneça sendo caracterizada enquanto negatividade na própria estrutura do pensamento que percebe sua insuficiência. Nesse contexto insere-se, além da decadência da filosofia idealista, as novas posições teóricas³⁵ que já nascem como posturas ambíguas e que desembocam na crise do pensamento contemporâneo. Para Adorno, a ideia de ser e a leitura contemporânea da relação entre sujeito e objeto, da sua relação com a sociedade, tornou-se impotente, contraditória e sem fundamento na filosofia, ou seja,

La idea del Ser se ha vuelto impotente en filosofía; no más que un vacío principio formal cuya arcaica dignidad ayuda a disfrazar contenidos arbitrarios. Ni la plenitud de lo real se deja subordinar como totalidad a la idea del Ser que le asignaría su sentido, ni la idea de lo existente se deja construir basándose en los elementos de lo real. Se ha perdido para la filosofía, y con ello se ha visto afectada en su mismo origen la pretensión de ésta a la totalidad de lo real.³⁶

A crítica tem como pano de fundo as concepções reducionistas que, ao fazerem uma crítica à tradição, se revestem da ideia de ser associadas aos elementos da totalidade do real. Adorno faz a crítica aos que procuram associar a filosofia como coadjuvante das ciências particulares, reduzindo-a à especificidade de conhecer a realidade pelos fatos e acontecimentos históricos. Tais perspectivas conceituais se fundamentam num paradoxo: suas boas intenções em que exatamente “[...] aspirem a alcanzar, por medio de las mismas categorías que trajo a la luz el pensamiento subjetivo, postcartesiano, esa objetividad que tales intenciones contradicen

³³ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 74.

³⁴ A leitura de Buck-Morss enfatiza a crítica de Adorno: “El sujeto de la experiencia filosófica era el ser humano empíricamente existente, material y transitorio – no un puro entendimiento sino un cuerpo humano que siente, un trazo de la naturaleza” (BUCK-MORSS, Susan. *Origen de la dialéctica negativa*: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt, 1981, p. 179).

³⁵ Adorno aponta para a crise da filosofia contemporânea que, na leitura de Mueller, desemboca em pressupostos idealistas que levam a ignorar o conteúdo histórico e social. O pensar que reivindicava a adequação entre conteúdo e realidade é atingido em sua raiz ao constatar a sua ruína: “Adorno mostra como esta tese foi destituída da filosofia recente: no neokantismo da Escola de Marburg; em sua contraposição, a filosofia da vida de Simmels; e na tentativa de mediação entre as duas, a Escola de Richert. Todas essas representam, segundo ele, grandes tentativas de resolução da filosofia idealista. Além delas há as filosofias ‘científicas’, que prescindem desde o início dos pressupostos idealistas” (MUELLER, Enio. *Filosofia à sombra de Auschwitz*, 2009, p. 23).

³⁶ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 74.

en su mismo origen”³⁷. Associam o conceito de realidade com a própria objetividade do pensamento e compreensão dos fatos tais como aparecem ser. Assim, as eternas verdades fundamentadas por meio da força do espírito autônomo, entrelaçadas pela razão, pelo sujeito e a sua realidade, são ambíguas e contraditórias em sua interpretação e compreensão.

Dessa forma, é no desencantamento do conceito que se preserva a heterogeneidade da realidade. O conceito não esgota a realidade em si, mas está em permanente processo de contradição. Por isso, a crise do idealismo está relacionada à sua pretensão filosófica, isto é a busca de compreender a totalidade³⁸ por intermédio do conceito. Essa crítica também se endereça àqueles pensadores ou correntes filosóficas que buscaram recuperar com rigor e propriedade *o conteúdo a partir de categorias lógicas*, vinculando o progresso filosófico ao das ciências e à corrente filosófica do naturalismo que nada mais é do que expressão e julgamento psicológico a partir de um irracionalismo orientado.

Essas filosofias denominadas científicas buscam por meio de “[...] una apariencia de ontología que es incapaz de soportar tanto la pregunta ‘¿de dónde les viene su vigencia?’ como la de ‘¿adonde lleva su vigencia?’”³⁹, resolver os problemas da filosofia idealista. No entanto, situam-se numa crise estrutural do sujeito que se refugiou numa natureza desconhecida e restrita ao eu, relida pela ontologia moderna. Há um relativismo nessas correntes filosóficas que almejam o desenvolvimento de um método descritivo com categorias do pensamento pós-cartesianismo. E, nesse sentido,

Según esto, la pregunta kantiana por cómo están constituidos los juicios sintéticos a priori carecería de objeto en todo caso, porque no existen tales juicios; queda prohibido rebasar de cualquier forma lo verificable por experiencia; la filosofía se convierte exclusivamente en instancia de ordenación y control de las ciencias particulares, sin poder permitirse añadir nada sustancial de su propia cosecha a los hallazgos de aquéllas.⁴⁰

Os principais elementos pré-conceituais projetados pelo sujeito na tentativa de se apropriar e conhecer a realidade pela sua faculdade e capacidade de julgar são, de antemão, influenciados pelos mecanismos ou aparelhos de opressão. Logo, o sujeito que percebe o mundo e tem uma visão sobre a realidade projeta-a e reproduz o mesmo esquema dos elementos pré-conceituais da racionalidade instrumentalizada. A relação estabelecida entre o sujeito e a

³⁷ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 76.

³⁸ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 74.

³⁹ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 75.

⁴⁰ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 84.

natureza é concebida com violência, pois, na tentativa da cura, submerge seu próprio corpo que está adoentado e fragilizado. Essa violência contra si mesmo compromete a relação com o exterior porque a realidade afeta diretamente o sujeito. Como partícipe da natureza e sujeito da própria condição histórica em que potencializa os efeitos provocados pelas situações limite da humanidade, o ser humano vive a precariedade do esclarecimento como potencialidade e superação.

Como exemplificam os autores da *Dialética do esclarecimento*, “com a enfermidade do indivíduo, o aparelho intelectual aguçado do homem atua de novo contra os homens como a arma cega da pré-história animal, que ele nunca deixou de ser para a espécie, ao se voltar contra o resto da natureza”⁴¹. Antes de tudo, o sujeito moderno deve se horrorizar consigo mesmo, com sua ignorância, sua ilegitimidade e sua degeneração com seu esclarecimento. Nesse sentido, o pensamento potencializado pela racionalidade instrumental tem suas raízes na autoconservação, na sobrevivência e no medo dos tempos mais remotos da história da humanidade.

Frente ao exposto, numa perspectiva dialógica da teoria crítica, cabe indagar: até que ponto o indivíduo é influenciado pelo conteúdo da racionalidade instrumental projetado na realidade e como o sujeito se projeta na realidade ao querer esquematizá-la pela sua racionalidade? O conteúdo tem um caráter coercitivo e de automutilação do sujeito e, de acordo com Duarte, “[...] essa violência ‘metodológica’ não é de modo algum restrita à imanência do psiquismo dos indivíduos da sociedade ‘moderna’, mas se expressa em acontecimentos sociais, políticos e culturais”⁴².

Para Adorno, a apropriação racional da inteligência tomada pelo indivíduo como conceito pronto e reconciliado em seu espírito não é sinônimo de uma percepção que possibilite conhecer o objeto, no qual também não lhe é possível qualquer forma de conhecimento que seja crítico. Por outro lado, a subjetividade se torna produto coisificado por meio da racionalidade instrumental, que corresponde aos interesses de um pensamento que se constitui e impõe seu espírito dominador. Quando a racionalidade está subjacente e espiritualizada internamente no sujeito, torna-se cada vez mais poderosa e perigosa para o domínio da autoconservação de sistemas autoritários. Por isso, nas palavras de Mueller, “interpretação é não só movimento, mas composição. Ela não visaria simplesmente à reprodução de um sentido já dado, mas cria

⁴¹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 156.

⁴² DUARTE, Rodrigo. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*, 1997, p. 46.

quando interpreta, como composição musical, que vai reunindo notas e acordes em movimentos até que a peça se complete”.⁴³

No que tange à compreensão dessa racionalidade e a forma como ela se institucionaliza, é de suma importância levar em conta as diferentes condições históricas e psicológicas e os contextos nos quais os indivíduos se constituem, além dos novos paradigmas que emergem a partir de tal matriz de pensamento. A racionalidade moderna desenvolve no sujeito uma imposição, de tal forma que este fica ofuscado e perplexo ao reproduzir inconscientemente o seu conteúdo em estruturas hegemônicas. Isso se dá de tal modo que o sujeito reproduz os mecanismos de dominação influenciados por uma racionalidade instrumental que impõe sua lógica de dominação. Por isso, é necessário fazer a experiência crítica no processo que, segundo Pucci, “[...] é um meio através do qual cada mínima particularidade do objeto libera uma significação que dissolve sua aparência reificada e se revela como algo mais que simplesmente idêntico a si mesmo”.⁴⁴

Entretanto, mesmo que seja direcionada uma crítica contundente às ciências particulares, ao mesmo tempo essas se constituem como *peças-chave* na análise filosófica, pois fornecem os dados sobre os quais se pode proceder ao exercício filosófico. Tal exercício precisa levar em conta a relação entre os instrumentos metodológicos e epistemológicos nos quais se ultrapassam os dados objetivos e analíticos e se requer uma ação ativa de um sujeito que possui senso crítico, um impulso questionador e responsável frente ao colapso das filosofias especulativas modernas. Disso decorre que a filosofia não nega as ciências particulares ou mesmo as ignora; também não se trata de se colocar numa posição de inferioridade e de neutralidade perante elas. De modo enfático, a ciência particular está em nível de especulação e colhe os resultados conforme as suas experiências científicas; enquanto a filosofia é o desafio de decifrar a realidade abstrata ou especulativa e distante de ser segura e de resultados. Pode-se dizer que o seu exercício é de interpretação de *figuras enigmáticas*, “[...] el ideal de la ciencia es la investigación, el de la filosofía, la interpretación”.⁴⁵

As ciências particulares têm no centro de suas investigações os conhecimentos que provêm somente dos enunciados que passam pela experiência e pela verificação. Em outras palavras, aqueles enunciados ou problemas que se encaixam numa probabilidade científica são amplamente desdobrados e passam por uma rigorosa interpretação técnica qualificada. A

⁴³ MUELLER, Enio. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*, 2009, p. 54.

⁴⁴ PUCCI, Bruno. *Atualidade da Filosofia em Adorno*, 2008, p. 4.

⁴⁵ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 87.

relação entre a filosofia e as ciências particulares pode ser entendida nesse contexto. A filosofia, por um lado, não deve deixar de ter contato direto com as ciências particulares, mas, por outro lado, tem a autonomia, por sua vez, de refletir a partir dos elementos, dados e informações que elas oferecem da investigação. Se as ciências particulares acabam aceitando os resultados sem uma reflexão mais aprofundada e crítica; a filosofia, ao contrário, realiza a interpretação e levanta questionamentos e pontualizações críticas. Segundo Adorno,

No entiendo ese proceso como que la filosofía tuviera que desechar otra vez, o al menos aflojar, ese contacto con las ciencias particulares que finalmente ha vuelto a conseguir, y que hay que contar entre los resultados más afortunados de la más reciente historia de la filosofía. Al contrario. Plenitud material y concreción de los problemas es algo que la filosofía sólo podría tomar del estado contemporáneo de las ciencias particulares. Tampoco se podría permitir elevarse por encima de las ciencias particulares tomando sus «resultados» como algo acabado y meditando sobre ellos a una distancia prudencial, sino que los problemas filosóficos se encuentran en todo momento, y en cierto sentido indisolublemente, encerrados en las cuestiones más definidas de las ciencias particulares. La filosofía no se distingue de la ciencia, como afirma todavía hoy una opinión trivial, en virtud de un mayor grado de generalidad, ni por lo abstracto de sus categorías ni por lo acabado del material.⁴⁶

Há, porém, para Adorno, um sentido que cabe à filosofia em sua reflexão, qual seja: experienciar o real, dado que esta, enquanto exercício reflexivo, situa-se no campo da interpretação a partir de categorias mais gerais e abstratas que possibilitam uma ruptura com a concepção tradicional de história⁴⁷. Há uma diferença crucial em relação às ciências particulares: enquanto essas têm um método de interpretação que usufrui de categorias a priori e um material de análise bem especificado, a filosofia está em permanente angústia por não ter nenhuma segurança. Então, qual é o papel do filósofo? O filósofo é desafiado a estar em permanente diálogo e cultivar a abertura para proceder a sua leitura crítica de interpretação do real.

Assim, dir-se-ia que, sendo a realidade dinâmica, o filósofo se vale dessa proposição para não cair na pretensão de explicar de forma pragmática a dinamicidade da realidade. Isso se dá, segundo Duarte, por causa da [...] “liberdade da filosofia, num contexto histórico muito distante de ser livre, é exatamente poder conceder voz à resistência contra as coerções que o

⁴⁶ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 86-87.

⁴⁷ Demarcamos, portanto, a influência de Benjamin: “A perspectiva de Adorno é benjaminiana, uma vez que a teoria como interpretação compreende os fatos sociais em seu caráter de ‘figurinhas enigmáticas’ que exigem deciframento, ao contrário da prática estruturalmente apologética do simples registro de resultados. A filosofia vem a ser uma hermenêutica ou até mesmo uma anti-hermenêutica, pois não procura resolver os ‘signos’ na unidade de um significado segundo uma progressão unificadora” (MATOS, Olgária. Apresentação à edição brasileira – Walter Benjamin e Theodor Adorno: *O estupro da facticidade à meia-noite do século*, 2012, p. 20).

constituem”⁴⁸. No ato de pensar e interpretar a realidade, é incabível conceber de antemão um método definido ou consolidado em seus passos. Desse modo, Adorno propõe uma forma alternativa de conceber a filosofia, na qual o pensamento não tem a pretensão de recorrer à realidade motivado pelo espírito de sistema. A dialética negativa tem como ponto de partida ser antissistema a fim de possibilitar que a relação entre pensamento e negatividade possa dar autonomia e potencialidade à realidade que não está expressa pelo conhecimento tradicional.

A crise filosófica se moverá na pretensão de se afirmar a partir de princípios inferidos e amplamente estruturados por meio de proposições que têm suas expressões na necessidade de julgar a totalidade e de abarcá-la para se afirmar. O que parece de extrema importância para o idealismo hegeliano, segundo Adorno, é o seu próprio declínio, ou seja, se autodissolveu em uma mera abstração ao justificar-se enquanto categoria lógica por meio de um pensamento que procura validar-se em si mesmo em que a realidade transcorre racionalmente e nela se revela como continuidade e autodesenvolvimento, totalmente objetiva. Assim, na esteira do exposto, de acordo com Adorno,

Y del avance de los esfuerzos en pos de una filosofía grande y total se desprende, desde luego, la formulación más sencilla: si acaso la filosofía misma es en algún sentido actual. No se entiende por actualidad una vaga «caducidad» o no caducidad basándose en ideas arbitrarias sobre la situación espiritual general, sino más bien en lo siguiente: si existe aún alguna adecuación entre las cuestiones filosóficas y la posibilidad de responderlas, tras los avances de los últimos grandes esfuerzos en esa dirección; si, propiamente, el resultado de la historia filosófica más reciente no es la imposibilidad por principio de una respuesta para las preguntas filosóficas cardinales.⁴⁹

Atribuir um método previamente determinado para reconciliar em uma unidade a manifestação dialética a partir de uma interpretação unívoca da realidade e do processo histórico torna-se, na compreensão de Adorno, impossível para o pensamento crítico. Percebem-se, assim, os limites da incompatibilidade entre a pretendida história-sinônimo de progresso, que se encontra na justificação e na legitimação dos fatos, e aquelas realidades que se encontram na dor e no sofrimento que são trazidas à tona somente como parte do processo dialético.

Trata-se, em suma, da impossibilidade de representar a dor e o sofrimento de tantas vítimas esquecidas pela história. Então, até que ponto é possível, pelo exercício crítico, fazer

⁴⁸ DUARTE, Rodrigo. *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão*, 2008, p. 76.

⁴⁹ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 82-83.

uma interpretação da realidade, sem ter uma chave segura de leitura? Como se dá o exercício reflexivo mediante o processo de interpretação?

Conforme afirma o pensador de Frankfurt,

La auténtica interpretación filosófica no acierta a dar con un sentido que se encontraría ya listo y persistiría tras la pregunta, sino que la ilumina repentina e instantáneamente, y al mismo tiempo la hace consumirse. Y así como las soluciones de enigmas toman forma poniendo los elementos singulares y dispersos de la cuestión en diferentes órdenes, hasta que cuajen en una figura de la que salta la solución mientras se esfuma la pregunta, la filosofía ha de disponer sus elementos, los que recibe de las ciencias, en constelaciones cambiantes o, por decirlo con una expresión menos astrológica y científicamente más actual, en diferentes ordenaciones tentativas, hasta que encajen en una figura legible como respuesta mientras la pregunta se esfuma.⁵⁰

Consequentemente, nessa perspectiva, a crítica não é externa ao conceito nem a uma oposição ou objeção ao pensamento dialético. A filosofia, em sua interpretação, não é pré-existente nem possui um método protegido. Ela é um exercício permanente e um ato de interpretar que tem seu ritmo, atuando de maneira incisiva naquilo que vai construindo num intenso rigor de expressão e de confiabilidade aberta. As consequências da *prima philosophia*, de seu retrato, são destacadas nas palavras finais, *Atualidade da filosofia*, “pues el espíritu no es capaz de producir o captar la totalidad de lo real; pero si de irrumpir en lo pequeño, de hacer saltar en lo pequeño las medidas de lo meramente existente”⁵¹. São carregadas de resultados seguros e de um grau de abstração mediatizada pelo predomínio da eliminação das diferenças. Na medida em que se busca compreender a totalidade do real por meio da força do pensamento, exclui-se, temporariamente, um olhar desfigurado da realidade, que é enigmática. Nesse contexto, buscar-se-á compreender a crítica de Adorno à instrumentalização da razão e do pensamento que, na sua concepção, está a serviço do capitalismo tardio.

2.2 Contextualização e crítica ao pensamento instrumentalizado

*O entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo.*⁵²

⁵⁰ ADORNO, Theodor. *Atualidade de la filosofía*, 1991, p. 89.

⁵¹ ADORNO, Theodor. *Atualidade de la filosofía*, 1991, p. 102.

⁵² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 20.

A tarefa da filosofia consiste no esforço crítico para pensar sobre as feridas que são fruto de uma racionalidade instrumentalizada e os mecanismos velados e subjacentes às ideologias que definem as variadas formas de alienação e de aniquilação da vida. Nessa perspectiva, aborda-se a vida, embora consciente de sua complexidade conceitual, suas implicações e significações no panorama atual de danificação e barbarização. Outrossim, cabe tecer uma reflexão crítica que possa resistir a este déficit emancipatório que a racionalidade instrumentalizada impõe e determina à realidade em suas variadas compreensões. Isso não é uma tarefa fácil. Exige uma série de reflexões e leituras que ajudem a perceber a realidade por meio de um pensamento filosófico que seja crítico e aberto à desconstrução de teorias e concepções que, nas palavras dos autores da *Dialética do esclarecimento*, estão sedimentadas e colaboram para a “[...] duplicação ideológica, na reprodução dócil”⁵³ dos mecanismos de opressão social.

É oportuna a retomada de uma posição da centralidade do pensamento adorniano, de seus principais questionamentos filosóficos referentes aos resultados do processo de instrumentalização da subjetividade humana moderna que teve início com os ideais e ideologias iluministas. Na leitura de Adorno e Horkheimer, o conceito de esclarecimento⁵⁴ não poder ser reduzido às concepções iluministas e das transformações de matrizes filosóficas, políticas e culturais, ou seja, do movimento intelectual europeu do século 18⁵⁵. Distingue-se, precisamente, no viés de uma racionalidade em contínuo desenvolvimento, que sempre visou superar-se e a se firmar na busca da emancipação das ameaças do outro e da natureza que impõem medo ao homem.

Segundo Mühl, os autores da *Dialética do esclarecimento* procuram exemplificar o alicerce, pensado como o esclarecimento para saber que protótipo de objetividade orientou tal projeto, que está estritamente ligado ao conceito de racionalidade. As inquietações

⁵³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 31.

⁵⁴ Ao realizarem um diagnóstico do desenvolvimento da razão e do agente causador das origens imemoriais da *Aufklärung*, na *Dialética do esclarecimento*, demonstram que o ponto central da fundamentação do esclarecimento, desde os primórdios da humanidade, é procedente do medo ancestral do homem diante das ameaçadoras forças da natureza. Por isso, a tese: “O esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar o homem do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 17).

⁵⁵ Observe-se que “o termo é usado para designar o processo de *desencantamento do Mundo*, no qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela. Por isso mesmo, o esclarecimento de que falam não é, como o Iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época determinada, mas o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência” (ALMEIDA, Guido. *Nota preliminar do tradutor da Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 7-8).

[...] que os perseguem é entender os fatores internos da razão que impediram os homens, no mundo contemporâneo, de não atingirem a posição de senhores e de se tornarem esclarecidos; buscam encontrar na razão as explicações da regressão da sociedade a uma nova forma de barbárie [...]. Neste tipo de ação, desaparece qualquer motivação valorativa e moral; a preocupação não é a busca da verdade, mas o procedimento eficaz, o poder de manipulação e a obtenção de resultados imediatos. O saber confunde-se com o poder, reduz-se ao poder.⁵⁶

Para tanto, ter-se-á como fio condutor da temática da concepção do sujeito contemporâneo, expresso claramente na *Dialética do esclarecimento*, em que tem a seguinte tese: ‘a humanidade está se afundando numa nova espécie de barbárie’ e seu desenvolvimento chega ao seu ápice no auge do processo histórico do esclarecimento moderno.

A exposição filosófica e crítica presente na *Dialética do esclarecimento*, nas palavras de Vaz, “[...] não é apenas testemunho de uma época, mas uma releitura do processo de desenvolvimento da razão e da força do sujeito, verificando, a partir das origens imemoriais da *Aufklärung*, quais as implicações para a vida contemporânea”⁵⁷. Configura-se, pois, a regressão da consciência autocrítica dos indivíduos frente às atrocidades cometidas em nome da razão. O desenvolvimento do capitalismo de massa fez com que se tomassem posturas mais radicais com o conteúdo pragmático da teoria crítica. Ou ainda, no contexto histórico do século XX, proveniente do núcleo fundamental do esclarecimento, configura-se um novo totalitarismo de massas que é compreendido como agressão à natureza e violência social aos indivíduos, “[...] interpretada como o retorno do sempre idêntico (*immergleiche*); elemento de uma barbárie arcaica, que projeta sua sombra sobre a modernidade”⁵⁸. Na leitura de Adorno, esse processo fomenta a cultura de massa e legitima a ideologia da racionalidade instrumental.

A *Dialética do esclarecimento* é ilustrativa. Nela Adorno e Horkheimer destacam que o indivíduo se caracteriza enquanto soberano da natureza: “O despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações”⁵⁹. Assim, o ser humano se tornou o *novo deus*, dominador, e que tem o comando da Terra e os recursos naturais que ela proporciona. A ação prática do sujeito moderno é permeada por compreensões funcionalistas da ciência tecnocrática que uniformiza o pensamento dialético e autocrítico numa posição favorável à instrumentalização da razão.

⁵⁶ MÜHL, Eldon Henrique. *A crise do esclarecimento: desconstrução x reconstrução do projeto da modernidade: a racionalidade instrumental: o esclarecimento sem esperança*, 2003, p. 40.

⁵⁷ VAZ, Alexandre Fernandez. *Da teoria crítica e a sua recepção: Adorno e Horkheimer revisitados*, 2004, p. 9-10.

⁵⁸ RABAÇA, Silvio Roberto. *Variantes críticas: a Dialética do esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt*, 2004, p. 16.

⁵⁹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 24.

Os indivíduos, influenciados por essa racionalidade técnico-instrumental, recriam no *seu íntimo* uma realidade fictícia e subjugada ao aparelho opressor, que cunha um comportamento *conglomerado*, aprisionado e alienado no desenvolvimento psíquico do sujeito. O pensamento *regride* e se torna um aparato numa instância permanente da racionalidade instrumental. Em *Tabus acerca do magistério*, o pensador de Frankfurt enuncia: “A sociedade permanece baseada na força física, conseguindo impor suas determinações quando é necessário somente mediante a violência física, por mais remota que seja esta possibilidade na pretensa vida normal”.⁶⁰

A humanidade sofreu as consequências do esclarecimento. Desde os primórdios da história das civilizações os mitos não tinham exclusivamente como escopo e desígnio apenas ser um relato e possibilitar novas explicações dos fenômenos da natureza. Na leitura de Adorno e Horkheimer, os mitos eram uma forma de conhecimento que tinha um poder de controlar os conceitos e os principais mecanismos de manipulação. Entretanto, esses continham, julgavam em si e traziam uma doutrina com capacidade e inclinação persuasória violenta, aspecto fundamental que contribuiu para a instrumentalização e a codificação da *Aufklärung* na modernidade. Na concepção e na compreensão mítica de explicar a realidade, o medo, violência e tragédia são as constelações da desmitologização, caracterizam-se e individualizam-se como meios de sobrevivência. Segundo os pensadores,

Cada passo foi um progresso, uma etapa do esclarecimento. Mas, enquanto as mudanças anteriores (do pré-animismo à magia, da cultura matriarcal à patriarcal, do politeísmo dos escravocratas à hierarquia católica) colocavam novas mitologias, ainda que esclarecidas, no lugar das antigas (o deus dos exércitos no lugar da Grande Mãe, a adoração do cordeiro no lugar do totem), toda forma de devotamento que se considerava objetiva, fundamentada na coisa, dissipava-se à luz da razão esclarecida.⁶¹

Desse modo, a partir dessa pequena passagem extraem-se algumas ideias fundamentais da *Dialética do esclarecimento*. Para os frankfurtianos, os mecanismos que promovem o poder, a repressão, a coerção e a manipulação nas explicações e elucidações mitológicas permanecem ou estão presentes de alguma forma, evidenciando e ratificando a lógica de uma dominação perversa no período da modernidade. Na modernidade, o *deus poderoso* que tinha a força suprema passa a ser a humanidade, ou seja, o próprio sujeito com suas competências de produzir, reproduzir, criar e recriar a realidade, dando significado a ela, constituindo-se com vigor próprio para uma nova hierarquização, tomando os espaços que eram antes das

⁶⁰ ADORNO, Theodor. *Tabus acerca do magistério*, 1995, p. 106.

⁶¹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 91.

divindades. O mito em sua constitutividade já possui uma racionalidade e uma expressão simbólica peculiar definida sobre a qual vai se selando uma configuração intrínseca de ler e uma forma de explicar a realidade. Porém, o que possibilita a sustentação são os procedimentos e processos lógicos e sistemáticos, ou seja, “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade, torna-se suspeito para o esclarecimento”.⁶²

Outro aspecto necessário para a compreensão da tese central da *Dialética do esclarecimento* é que o mito se naturalizou na racionalidade moderna, e o processo de desencantamento e a autoconservação transformaram-se em paradoxo na relação com o esclarecimento. Há um movimento analítico que garante inibir-se a si mesmo em uma nova face e a sua configuração dialética se realiza na autodestruição do próprio esclarecimento. Mas a ideologização das mitologias é que origina os principais elementos regressivos que se expressam e mantêm os elementos destrutivos do progresso e “[...] em outras mitologias modernas especificamente idealizadas em vista dessa recaída, mas no próprio esclarecimento paralisado pelo temor da verdade”⁶³. A *Aufklärung* mítica não deixa de ser conhecimento e sua relação está ligada a um processo histórico. Desse modo,

Assim como o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto da encarnação de sua ideia em pessoas e instituições, assim também a verdade não significa meramente a consciência racional, mas, do mesmo modo [...] fatos esses que, no entanto, já estão pré-moldados como clichês na própria percepção pelas usanças dominantes na ciência, nos negócios e na política – é exatamente o mesmo medo do desvio social. Essas mudanças também definem o conceito de clareza na linguagem e no pensamento a que a arte, a literatura e a filosofia devem se conformar hoje.⁶⁴

A partir da releitura da *Odisseia*, de Homero, Adorno e Horkheimer buscam entender e reconstruir a genealogia da protoforma do sujeito da racionalidade instrumental moderna. Esse protótipo de indivíduo ainda está submetido às normas da natureza para ser capaz de enfrentar os limites a ele impostos em vista da sobrevivência, isto é, da necessidade de reprimir e subjugar o medo e o seu *eu* no limiar de sua existência. Mas por que a natureza apresenta ao homem tanta resistência e medo?

A condição do sujeito é de aperfeiçoar o processo de secularização e experimentar as intempéries da natureza a partir de uma racionalização violenta de si mesmo. Assim, Ulisses

⁶² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 21.

⁶³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 13.

⁶⁴ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 14.

procura vencer ameaças, perigos, seduções e obstáculos, razão pela qual a natureza acaba por constituir-lhe a sua própria subjetividade e organizar sua força conforme as necessidades. A sua superioridade enquanto sujeito que visa dominar a natureza e os impulsos instintivos se constitui na medida em que ele faz uso de sua racionalidade para encontrar um meio eficaz para não sucumbir à sua luta pela autoconservação e difusão mútua entre mito e esclarecimento.

A fragilidade humana, os obstáculos e as dificuldades frente à natureza, aquilo que impõe limites e o desconhecido se transformam, assim, em eficácia para ultrapassar as barreiras impostas. “Todas as vezes que o eu voltou a experimentar historicamente semelhante enfraquecimento, ou que o modo de expor pressupôs semelhante fraqueza no leitor, a narrativa da vida resvalou novamente para a sucessão de aventuras”⁶⁵. Ulisses, ao atribuir um valor quantitativo à natureza, tem como objetivo dominá-la, pensando em sua autodefesa e sobrevivência.

Para Tiburi, a situação referida é uma reação, um jogo de tensão entre o pensamento reflexivo e a realidade, sendo que o século XX também é marcado pela experiência da violência⁶⁶. Em suas palavras, “[...] a filosofia não pode ser feita sem um estudo atento da tradição, mas a tradição só se modifica pela crítica, e o pensamento – como arma negativa – [...] só avança para chegar à verdade ou à interpretação, caminhando pela mão da contradição”⁶⁷. No entanto, esse acordar para uma reflexão crítica deve ser compreendido enquanto possibilidade de transformação do pensamento na sua relação com o mundo que ele quer compreender a partir do conceito. Os pensamentos que se compreendem a si mesmos são entendidos como condição primordial para a teoria crítica e para um conhecimento que preserva a criticidade como imperativo eficaz para a alteração das estruturas e as variadas formas de opressão.

A sociedade presenciou ao longo do século XX duas grandes guerras mundiais, campos de concentração nazistas, mas também a própria cultura moderna enquanto expressão acabada de um modelo de racionalidade instrumental que tornou o ser humano objeto no interior de uma estrutura de sociedade na qual, sob a influência da ciência e da técnica, ele próprio se

⁶⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 57.

⁶⁶ Para a reflexão apontada, é interessante lermos Roudinesco. A partir da *Dialética do esclarecimento* é que, além da desconfiança do ideal da ciência moderna, se faz necessário descobrir as máscaras da sociedade moderna capitalista: “Sustentavam (Adorno e Horkheimer) que o ingresso da humanidade na cultura de massas e na planificação biológica da vida corria grande risco de engendrar novas formas de totalitarismo, caso a razão não fosse capaz de criticar a si própria ou superar suas tendências destruidoras” (ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmo*, 2008, p. 126).

⁶⁷ TIBURI, Marcia. *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*, 2004, p. 4.

determinou⁶⁸. Ou ainda, como bem precisa Thomson, Adorno “[...] associa o choque à própria filosofia: o impulso fundamental da metafísica em transformar o mundo ao ir além da superfície imediata das coisas, ao não se contentar com as aparências, ao lutar para substituir a mera opinião pela verdade”.⁶⁹

De acordo com Thomson, não é difícil inferir que o filósofo, para Adorno, ao analisar a realidade de forma crítica, deve respeitá-la, de tal modo que “[...] não deve pretender ser capaz de dar uma explicação clara e racional do mundo, pois a tentativa de impor ao mundo esses padrões está ligada à violenta dominação humana da natureza”⁷⁰. É ali que se situa a sustentação de um pensamento dialético enquanto exercício, mas que não compactua com a verdade como história sedimentada e instrumentalizada pelo viés *das dialéticas tradicionais*. O desejo de não assimilação e de identificação com aquilo que é reconciliado pela identidade esclarecida e dado na tradição por meio de categorias lógicas já é questionado desde o princípio de sua atividade intelectual: “[...] a questão é que o esclarecimento tem que tomar consciência de si mesmo, se os homens não devem ser completamente atraídos. Não se trata da conservação do passado, mas de resgatar a esperança passada”.⁷¹

O medo se dá em várias circunstâncias e contextos em que os sujeitos sofrem as consequências do progresso e do desenvolvimento histórico. Em decorrência de um estado de coisas no qual a vida humana se torna mero objeto descartável, também se presenciam as dificuldades e as perdas da capacidade crítica em nome de uma razão apenas formal e objetivizada por uma ciência e técnica que desumanizam, impedem qualquer possibilidade e expressividade da sensibilidade humana, isto é, um modo ímpar e mais acabado de inumanidade a que as vítimas da história⁷² são expostas. Esse processo se constitui como possibilidade do

⁶⁸ Giorgio Agamben caracteriza, na obra *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*, seu projeto filosófico, a forma como a vida humana está demarcada por um caráter eminente de sacralidade, sobretudo a partir dos campos de concentração do século XX. Vejamos: “O que aconteceu nos campos supera de tal modo o conceito jurídico de crime, que amiúde tem-se deixado simplesmente de considerar a específica estrutura jurídico-política na qual aqueles eventos se produziram. O campo é apenas o local onde se realizou a mais absoluta *conditio inhumana* que tenha se dado sobre a Terra [...]. Ao invés de deduzir a definição do campo a partir dos eventos que aí se desenrolaram, nos perguntaremos antes: o que é um campo, qual a sua estrutura jurídico-política, por que semelhantes eventos aí puderam ter lugar? Isto nos levará a olhar o campo não como um fato histórico e uma anomalia pertencente ao passado (mesmo que, eventualmente, ainda verificável), mas, de algum modo, como a matriz oculta, o nomos do espaço político em que ainda vivemos” (AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*, 2009, p. 162).

⁶⁹ THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*, 2010, p. 10.

⁷⁰ THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*, 2010, p. 14.

⁷¹ ADORNO, Theodor; HÖRKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 15.

⁷² No texto *Educação após Auschwitz*, Adorno observa o uso da tecnologia e o papel que ela desempenha na coisificação da consciência das pessoas. No padrão unidimensional, os conteúdos que os indivíduos socializam nos meios de comunicação de massa são ideológicos e tudo está de antemão previsto, pensado e padronizado para que cada indivíduo se sinta integrante do processo sem precisar pensar e se estressar. O pensador demonstra tal

esquecimento esquizofrênico da própria realidade subjacente e remonta àquilo que ainda está na memória viva da história e dos indivíduos.

Em nome da instrumentalidade técnico-científica da sociedade moderna, muitas vidas são sacrificadas e ceifadas a ponto de comprometer a capacidade humana de construir uma responsabilidade social e ética como finalidade última de garantir os direitos à plena cidadania dos indivíduos. Esse mecanismo é nivelador e reproduz um processo cíclico, cujas vítimas são a natureza e o ser humano, o qual, nesse processo, perde sua capacidade crítica.

O pensamento potencializado pela racionalidade instrumental tem suas raízes na autoconservação, na sobrevivência e no medo. A razão, que prometia a possibilidade da autonomia, da liberdade e da emancipação dos indivíduos, ao inverso, trouxe um sistema totalitário e impositivo. As diversas formas de violência se manifestam no uso dos cálculos racionais, característicos da civilização moderna. De acordo com Zizek,

Hoje em dia, no capitalismo tardio, quando a expansão dos novos meios de comunicação de massa permite, ao menos em princípio, que a ideologia penetre efetivamente em todos os poros do corpo social, o peso da ideologia como tal diminui: os indivíduos não agem da forma como agem em função, primordialmente, de suas crenças ou convicções ideológicas – ou seja, a reprodução do sistema, em sua maior parte, contorna a ideologia e confia na correção, nas normas legais e do Estado, e assim por diante.⁷³

Se o projeto iluminista pretendia conduzir a humanidade à saída de sua menoridade,⁷⁴ é possível perceber o contrário, ou seja, uma crescente situação de manipulação e danificação da vida. Espera-se entender a fenomenologia da vida cotidiana que está ameaçada e como as próprias relações começam a adoecer no interior da sociedade que não se propõe a refletir criticamente sobre a lógica perversa na qual a promessa de felicidade está estritamente ligada ao consumo. No dizer de Adorno,

[...] há ainda nas considerações que partem do sujeito tanto mais falsidade quanto mais a vida se tornou aparência. Pois como sua esmagadora objetividade, na presente fase do momento histórico, consiste unicamente na dissolução do sujeito, sem que dela um

reflexão na seguinte passagem: “Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem” (ADORNO, Theodor. *Educação após Auschwitz*, 1995, p. 132).

⁷³ ZIZEK, Slavoj. *Introdução: o espectro da ideologia*, 2010, p. 20.

⁷⁴ Para Kant, em seu texto *Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)*, para atingir o estágio de indivíduo esclarecido, este deve fazer uso pleno de sua racionalidade. De um modo amplo e sem adentrarmos uma exposição detalhada, podemos concluir que a modernidade emergiu com o propósito de levar os homens a sair do estado de menoridade a partir da busca da autonomia, da emancipação e da superação, acentuando o valor da razão como ferramenta, como espaço de efetivação da liberdade e de libertação do indivíduo das tutelas da tradição do mundo medieval.

novo sujeito tenha emergido, a experiência individual apoia-se necessariamente no antigo sujeito, historicamente condenado, que ainda é para si, mas não é mais em si.⁷⁵

Por essa razão, podem-se perceber os limites da razão e da ciência moderna. Os aspectos mais sutis e agressivos que intrinsecamente estão presentes na relação recíproca entre poder e repressão que decorrem da nova configuração e da aparência da sociedade moderna estimulam o imaginário e alimentam os indivíduos com subprodutos perigosos que podem ser denominados como indústria cultural.

No século XXI, os medos se expressam nas mais variadas formas. Mais do que listar esses medos, faz-se necessário investigar suas origens e esclarecer como esses fatores referidos afetam as relações dos seres humanos em nossa época. Para designar o sofrimento alheio, que é oriundo da miséria humana, na *Minima moralia*, Adorno diz que basta expressá-lo e socializá-lo de um modo modesto, ao tratá-lo como uma injustiça, isto é, “[...] pela adaptação à debilidade dos oprimidos confirma-se, em tal fraqueza, o pressuposto da dominação e revela-se à medida da descortesia, da insensibilidade e da violência de que se necessita para o exercício da dominação”⁷⁶. Chega-se a uma realidade extrema, ou seja, o sujeito perde sua liberdade e sua capacidade crítica de perceber e identificar o seu opressor.

A estrutura da dominação conservadora⁷⁷ faz uso de uma racionalidade estratégica para atingir fins preestabelecidos. Maar afirma que “[...] a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo, à situação vigente”⁷⁸. Assim, o triunfo da racionalidade instrumental está em fazer uso do domínio pleno da natureza, desenvolvendo um instinto de autopreservação das espécies. No entanto, “[...] quem quiser saber a verdade acerca da vida imediata tem que investigar sua configuração alienada, investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual até o mais recôndito dela”⁷⁹.

A célebre afirmação de Bacon, *saber é poder*, relida por Adorno, indica que, pelo conhecimento e pela técnica enquanto dominação, é possível também controlar a consciência

⁷⁵ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 1992, p. 8.

⁷⁶ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 1992, p. 19.

⁷⁷ Para Maar, faz-se necessário acabar com o modelo educacional vigente para possibilitar uma educação participativa, integrada, em oposição ao déficit da sociedade que socializa os problemas sociais e culturais da semi-informação contribuindo para manter a realidade com o seu conceito e inviabilizando sua transformação: “É necessário romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro Não-idêntico, o diferenciado” (MAAR, Wolfgang Leo. *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*, 1995, p. 27).

⁷⁸ MAAR, Wolfgang Leo. *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*, 1995, p. 21.

⁷⁹ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 1992, p. 7.

crítica dos seres humanos. Isso permite criar um antídoto tipicamente idealista da história, impondo uma concepção de que tudo aquilo que é alheio e estranho precisa ser controlado com rigidez para a sua própria realização. “Todo o progresso da civilização tem renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento”⁸⁰. E entende-se, em consequência disso, que o esclarecimento é autorrevelador e que vai se tornando perceptível em sua própria alienação na medida em que conduz ao autoconhecimento. Ao fazer da necessidade uma coisificação positiva para o processo dialético, “[...] graças a essa consciência da natureza no sujeito, que encerra a verdade ignorada de toda cultura, o esclarecimento se opõe à dominação geral, e o apelo a pôr fim ao esclarecimento [...], confessando-se como próprio tremor da natureza diante de si”⁸¹.

A razão deve efetuar sua própria crítica⁸² para perceber os limites da racionalidade instrumentalizada. Para Bicca, na realidade totalmente administrada a partir do desenvolvimento técnico-científico, a dominação da natureza incontestavelmente é criticada: “Evolução da racionalidade moderna é vista por Adorno e Horkheimer, no fundo, como um empobrecimento da razão, a qual se vê envolvida numa caminhada rumo à sua redução ao entendimento técnico, instrumental”⁸³.

A indústria cultural gera uma semiformação (*Halbbildung*) e fomenta a cultura de massa, tendo como finalidade legitimar a ideologia e os interesses da indústria capitalista. Porém o *reality show*, precisa gerar nos indivíduos, ao mesmo tempo, a ilusão do sonho realizado, da satisfação momentânea, e também provocar o pânico e o medo para poder constantemente alimentar a venda de novos produtos. As estratégias utilizadas pela indústria cultural são tão convincentes e atraentes que a maioria dos indivíduos, sem as mínimas condições de fazer uma reflexão crítica, é ludibriada a adquirir *os remédios* para a solução de suas angústias, manter a esperança de dias melhores e um padrão de vida “mais saudável”.

Essa configuração social gera uma forma de mero engano. Sob a égide do consumo, tal artifício instiga os consumidores a agregar valores subjetivos e a transformar a insegurança em paradoxo da autoafirmação – pela busca incessante da autonomia em coisas vãs – que desaparecem como forças imagéticas ligadas à aceitação pessoal e social. Cabe perguntar por

⁸⁰ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 50.

⁸¹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 50-51.

⁸² Para Max Horkheimer, a teoria crítica “não almeja de forma alguma uma mera ampliação do saber. Ela intenciona emancipar o homem de uma situação escravizadora” (HORKHEIMER, Max. *Filosofia e teoria crítica*, 1980, p. 156).

⁸³ BICCA, Luiz. *Racionalidade moderna e subjetividade*, 1997, p. 213.

que o sofrimento, oriundo da ansiedade e dos medos provocados e que não fazem parte da natureza humana, é mais dolorido e angustiante?

Segundo Adorno, ao referir-se à cultura de massa, o indivíduo como *mônada*, perde sua identidade congênita:

Mônada: O indivíduo deve sua cristalização às formas da economia política, em especial à organização do mercado urbano. Ainda como oponente da pressão da socialização ele permanece seu mais autêntico produto e se lhe assemelha. Aquilo que a resistência lhe permite, cada gesto de independência, é gerado no interesse isolado monadológico e no sedimento deste caráter. Justamente na sua individuação o indivíduo reflete a lei social preestabelecida da exploração, ainda quando mediada ao extremo. Isso também atesta, entretanto, que sua dissolução na fase contemporânea deve ser derivada de modo individualista, mas a partir da tendência da sociedade, tal como ele se afirma graças à individualização e não como hostil a ela sem mais.⁸⁴

Na perspectiva do projeto de emancipação moderna, emerge a subjetividade centrada no eu pensante, como iluminado e libertador. Porém, tal racionalidade, promotora de autoconsciência, chegou ao extremo da instrumentalização, modificando o *ethos humano*⁸⁵ numa vivência pragmaticamente concebida a partir do endeusamento da ciência e da técnica em seu domínio sobre o outro – a natureza – transformando, conseqüentemente, o ambiente vital do homem. A modernidade desencadeou um processo de barbárie civilizada e a produção deliberada de aniquilação e de sofrimentos humanos. A humanidade é marcada de forma sistemática por inúmeros atos bárbaros cometidos pelas nações *ditas civilizadas* e instruídas por um conhecimento instrumentalizado.

Numa sociedade tecnificada, na qual a ciência e a técnica parecem ser as únicas vias de acesso à libertação humana, a eficácia da razão instrumental tem revelado à humanidade efeitos assustadores no labirinto escuro da ação humana. Fria e calculista para alcançar determinados fins preestabelecidos, tal racionalidade faz surgir novas desumanidades, o que aponta para a crise da sobrevivência e para uma *espécie de caos coletivo*⁸⁶. Ou, ainda, conforme Türece,

⁸⁴ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 145.

⁸⁵ Para uma explicação mais detalhada desta posição, é necessário ver o texto de Zygmunt Bauman, *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas* (2008).

⁸⁶ No sistema capitalista, as pessoas estão muito mais do que numa mera alienação em que perdem a capacidade de analisar de forma crítica a sociedade. As relações tornam-se conflituosas. *A Dialética do esclarecimento* ilumina a compreensão desta questão: “O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. [...]. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por elas criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais” (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 40). Ver também BAUMAN, Zygmunt, *O Amor líquido*, 2004, p. 148.

Disposta a penetrar e dominar todo o mundo, uma organização incapaz de existir sem expandir, sem sujeitar suas leis econômicas. Será que o imperialismo moderno não fez senão incorporar tal pensamento teórico-abstrato, expondo só a violência essencial do mesmo?⁸⁷

O esclarecimento moderno, ao visar o progresso da ciência e o desenvolvimento tecnológico, está estritamente ligado a um sistema sociopolítico que tem seu alicerce na *autodestruição do esclarecimento*, sob a tutela de uma ideologia dominante e opressora. A hegemonia da razão instrumental está a serviço das estruturas de dominação que se fortalecem na prática em uma nova mitologia e que se sustentam pelos mecanismos da indústria cultural e as mais variadas formas de poder, de ordem política, ética, moral e social.

Frente às situações injustas, a *Dialética negativa* como processo de aproximação crítica da realidade procura fazer jus à esperança da justiça, não na condição de soluções inertes com a realidade, sem a pretensão de impor qualquer posição definitiva, mas de uma práxis admissível e razoável. De acordo com Zamora, deve-se ter cuidado com as sentenças apodíticas:

Isso contrasta com a luta implacável que Adorno manteve contra toda a forma de reificação, de identidade que trai a realidade, para exigir uma reflexão que não conhece repouso, que não deixa de questionar o que existe e questionar-se a si mesma, na esperança de que a injustiça e o sofrimento cessem um dia.⁸⁸

A realidade pode ser decifrada em sua dimensão social e política no intuito de construir uma reflexão consciente e comprometida com a sua transformação. Não se trata, portanto, de ir contra a sua positivação e da posição de que a história transcorre racionalmente, mas sim de reler a realidade na tentativa de compreendê-la na condição de aniquilamento e de ruínas. Refletir e construir um pensamento crítico a partir dos escombros e destroços da própria história. Como aponta Zamora, “[...] das montagens de fragmentos e ruínas do processo histórico ou da dialetização dos elementos que compõem as constelações dessas montagens [...]”⁸⁹ para perceber os dispositivos⁹⁰ que Adorno denomina como insuficiência do conceito desencadeada na carência de qualquer definição objetiva. Mostrar, portanto, “[...] de saída para

⁸⁷ TÜRCKE, Christoph. *O nascimento mítico do logos*, 1985, p. 81.

⁸⁸ ZAMORA, José. *Adorno pensar contra a barbárie*, 2008, p. 12.

⁸⁹ ZAMORA, José. *Adorno pensar contra a barbárie*, 2008, p. 12.

⁹⁰ A partir de Michel Foucault, Giorgio Agamben (re)define o que compreende como dispositivo: “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios, 2009, p. 40).

decifrar o presente catastrófico que lhes coube viver”,⁹¹ a partir de um corpo humano que sente a experiência na pele por intermédio do agir e também do pensar.

A racionalidade abstrata, opressora e injusta que desencadeou o acontecimento como Auschwitz, por exemplo, precisa ser entendida como resultado da aplicação da racionalidade instrumental na sua mais extrema frieza. Para Mate,

Do sofrimento se pode falar de muitos modos e maneiras, mas existe uma experiência específica na Europa e no século XX, onde o sofrimento adquiriu uma significação epocal por sua radicalidade e implicações políticas, morais ou científicas, experiência que designamos com um nome de um lugar, Auschwitz.⁹²

A partir da passagem supracitada, ao se aludir a quaisquer tentativas de compreensão da realidade, há que se levar em conta a possibilidade de averiguar até que ponto essa cultura que emerge equivale ou se acaba por romper com o indivíduo ocidental e com os laços que os unem à tradição.

Entretanto, há um perigo, se essa dissolução niilista⁹³ é despida em meio à promessa de uma felicidade permanente que alude ao controle das massas por um *Big Brother*, segundo Finkelkraut, ela serve de alibi para uma agressão à cultura contemporânea. A palavra se esvazia de significados e perde o próprio respeito pela sua diferença e sua abertura para o mundo. Passa-se a adentrar uma perene decadência cultural pós-moderna em que o sujeito perde a liberdade de escolher: “Conglomerado desembaraçado de desejos passageiros e aleatórios, o indivíduo pós-moderno esqueceu que a liberdade é diferente do poder de mudar de prisão e que a própria cultura é mais que um impulso saciado”⁹⁴. O que prevalece é a hegemonia da racionalidade técnica instrumental sobre uma razão crítica. Nesse sentido, há uma supremacia da razão instrumental.

O núcleo central da filosofia de Adorno está fundamentado numa posição clara em relação ao pensamento tradicional que até então estava bem-sucedido na academia. Para ele, o

⁹¹ ZAMORA, José. *Adorno pensar contra a barbárie*, 2008, p. 12.

⁹² MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz*, 2005, p. 172.

⁹³ A crítica à razão em Nietzsche torna-se uma crítica ao logocentrismo que busca apontar o poder e a autoridade como fundamento de tudo o que vale, tanto na esfera moral como cognitiva. Como os fenômenos podem ter diversas interpretações, Nietzsche propõe a genealogia, para encontrar a origem dos valores e o valor de origem, ou seja, encontrar o que está por trás da moral tradicional. Fazendo isso, Nietzsche questiona a natural susceptibilidade humana aos valores morais, sempre afirmados pela racionalidade e sociabilidade. Ademais, questiona o valor absoluto da moral. Numa palavra, a genealogia é uma investigação que busca na história a identificação das relações de poder que deram origem à moral.

⁹⁴ FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*, 1988, p. 146.

sistema filosófico tradicional é fechado em relação aos problemas emergentes e em parte ainda colabora com a reprodução da lógica vigente de um pensamento único e elitizado da sociedade burguesa. Esse sistema não almeja a transformação da sociedade a partir de um pensamento crítico⁹⁵, mas está submetido a categorias objetivadas do ideal científico moderno que foi influenciado por Bacon e pelos demais pensadores iluministas. Nas palavras de Zamora,

O resultado foi um modelo epistemológico original que tentava escapar pelo igual às potentes garras do idealismo e àqueles teoremas da modernidade catastrófica que, por comungar com sua própria lógica, são incapazes de percebê-las, pensá-las e criticá-las em todas as suas dimensões e com a suficiente radicalidade.⁹⁶

Nesse sentido, Adorno é enfático ao afirmar que a razão é sobrecarregada de uma abstração vazia de elementos críticos e contextuais para continuar o seu exercício. A filosofia pela sua natureza tem um papel importantíssimo na elaboração de um pensamento resistente ao pensamento instrumentalizado: se deseja permanecer atuante, não deve fugir de uma análise autocrítica de si mesma.

Ao fomentar a atitude crítica de si mesmo⁹⁷, o próprio pensamento, que tem a pretensão de conhecer a realidade, percorre o caminho da sua transformação. A própria teoria deve se empenhar em fazer o máximo de esforço para que a práxis não seja extinta ou se torne vazia de significado para haver a possibilidade de provocar uma mudança social. Senão, tampouco vale uma crítica contextualizada se existir uma conformidade com a racionalidade tecnológica e opressora que colabora para manter o processo libertador estancado ou interrompido. Está sempre no horizonte a relação entre teoria e práxis e não cabe mais a função de apenas descrever

⁹⁵ No livro *As estrelas descem à terra* Adorno realiza um estudo sobre astrologia, tendo como base a coluna astrológica de Carrol Righter, então conhecido como consultor de atores e atrizes famosas de Hollywood, publicada pelo *Los Angeles Times*. O período estudado é de cerca de três meses, de novembro de 1952 a fevereiro de 1953. Adorno resgata a interrelação entre mito e esclarecimento (*Aufklärung*), desdobrando e ampliando as reflexões contidas em obras anteriores, como a *Dialética do esclarecimento* (1947). A pseudo-racionalidade inerente à coluna de astrologia que está a serviço do status quo referente ao modo e hábito de vida estabelecido pela sociedade burguesa americana: reproduzir determinado(s) modo(s) de pensar é a “regra máxima da coluna é fazer cumprir as exigências que a sociedade coloca a cada indivíduo, de modo que ela possa funcionar”, ou seja, manipular as massas é o seu objetivo central. (ADORNO, Theodor. *As estrelas descem à terra*, 2008, p. 76).

⁹⁶ ZAMORA, José. *Adorno pensar contra a barbárie*, 2008, p. 12-13.

⁹⁷ Horkheimer, em *Teoria tradicional e teoria crítica*, chega à conclusão que os resultados alcançados ao longo da história se alteram ou variam. No entanto, estão sob o domínio repressivo logicamente organizado e sucessivamente expropriado pelo sujeito cognoscente que permanece protegido na racionalidade instrumental no período moderno. O sujeito, que está fragilizado e sofre as consequências, reproduz e agrega, dá formas à matéria dada pelos elementos pré-conceituais das informações reprimidas e sobrepujadas em sua consciência: “[...] o pensamento crítico não confia de forma alguma nesta diretriz, tal como é posta à mão de cada um pela via social. A separação entre indivíduo e sociedade, em virtude da qual os indivíduos aceitam como naturais as barreiras que são impostas à sua atividade, é eliminada na teoria crítica, na medida em que ela considera ser o contexto condicionado pela cega atuação conjunta das atividades isoladas, isto é, pela divisão dada do trabalho e pelas diferenças de classe, como uma função que advém da ação humana e que poderia estar possivelmente subordinada à decisão planejada e a objetivos racionais. Para os sujeitos do comportamento crítico, o caráter discrepante cindido do todo social, em sua figura atual, passa a ser contradição consciente” (HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e teoria crítica*, 1980, p. 130).

a realidade em si, fundamentada em princípios lógicos, formais e abstratos, mas transformá-la em condições de possibilidade de a própria teoria exercer seu papel de criticidade frente às formas de instrumentalização. A possibilidade da dimensão crítica da filosofia negativa é sustentada por uma pensar autorreflexivo – lugar e condição da filosofia de construir uma racionalidade do não-idêntico.

2.3 Possibilidades da dimensão crítica da filosofia negativa

A filosofia lida com o que não tem seu lugar em uma ordem previamente dada pelos pensamentos e objetos [...]. Ela lida com aquilo que não pode simplesmente utilizar esta ordem como um sistema de coordenadas e ser nela reproduzidas.⁹⁸

A filosofia continua a existir depois de Hegel, mas não mais tem aquele *status* que outrora lhe era creditado pela sua posição na relação com a sociedade e com as demais ciências, de modo particular o espaço que havia adquirido em relação as ciências empíricas. Na modernidade dominada por uma racionalidade restringida às dimensões específicas da ciência experimental e da técnica, a reflexão filosófica perdeu sua força no processo de formação da consciência crítica e sua contribuição na área da educação.

Na *Dialética negativa* há uma passagem que resume a estratégia do espírito moderno em relação ao pensamento formalizado: “A *ratio* que, para se impor como sistema, eliminou virtualmente todas as determinações qualitativas às quais se achava ligada, caiu em uma contradição irreconciliável com a objetividade que violentou, pretendendo compreendê-la”.⁹⁹

Para Adorno, se ainda existir qualquer possibilidade de alguma esperança de positividade e de tolerância, ela há de ser encontrada em meio às ruínas de uma realidade danificada e ferida. A repulsa na qual se encontra o pensamento é o motor da dialética negativa como possibilidade de interpretar a realidade tendo em conta a não identidade, portadora de um outro conhecimento possível.

A revolta e a indignação são aspectos constituintes do pensamento que tem sua reflexão não mais numa aparente determinação metódica, mas que se sustenta no processo histórico, que é seu motor vivencial. Por isso, são possibilidades imediatas da dialética que quer encontrar

⁹⁸ ADORNO W, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 189.

⁹⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2006, p. 27. In: GS, Band 6, p. 32. “Die ratio, die, um als System sich durchzusetzen, virtuell alle qualitativen Bestimmungen ausmerzte, auf welche sie sich bezog, geriet in unversöhnlichen Widerspruch zu der Objektivität, welcher sie Gewalt antat, indem sie sie zu begreifen vorgab”.

vestígios positivos de uma esperança possível, pois a sombra de *Auschwitz* tudo oculta e deixa ver apenas um amontoado de ruínas no qual se faz necessário juntarem os fragmentos.

Na condição de leitor de Bloch (*Espírito da utopia*, de 1918) sob outra óptica, Adorno não vê o futuro como algo promissor nem vê nele vestígios de realização da utopia enquanto dimensão positiva e singular de esperança. Mas por outro lado, o pessimismo resgata o pensamento que não se deixa manipular por nenhuma ideologia. Deve-se recuperar a vitalidade da esperança dialética, ou seja, a imagem, a potência e o elemento da negatividade:

Enquanto Bloch se concentra nos vestígios “positivos” da esperança, alimentados pela suposição de um fundamento ontológico da realidade, mesmo que não no seu passado, mas no seu futuro, Adorno medita nas utopias realizadas e na frustração com as mesmas [...]. Enquanto para Bloch os vestígios que ele percebe se tornam símbolos de um poder-vir-a-ser, para Adorno eles permanecem sinais dentro de uma solitária garrafa jogada em mar turbulento, da qual não se sabe sequer se alguém um dia dará com ela e tentará decifrar sua mensagem.¹⁰⁰

Decorrente dessa situação paradoxal¹⁰¹, a hipótese permite identificar a reciprocidade em sua contradição: racionalidade e história nem sempre podem ser associadas a um espírito progressivo, de esclarecimento permanente e iluminado. Em sentido amplo, este é um dos principais pontos de partida para entender os elementos regressivos que estão no interior da *Aufklärung*. Em outras palavras, a barbárie está presente e movimenta a civilização desde os tempos mais remotos, mesmo em sua contradição proclamava a libertação do homem do mundo das trevas e das atrocidades. As atrocidades contra a humanidade são uma nova espécie de barbárie e de regressão desumana.¹⁰²

A exposição sobre esse tema e seus desdobramentos deve ser observada com rigor para não se fazer interpretações equivocadas de sua teoria filosófica e dar destaque ao seu pessimismo em relação ao contexto do esclarecimento dos séculos XIX e XX. Sobre o predomínio de uma racionalidade instrumental perversa e dominadora que reproduz nas diversas esferas da realidade social a sua dominação, Duarte destaca que

¹⁰⁰ MUELLER, Ênio. *Filosofia à sombra de Auschwitz*, 2009, p. 116.

¹⁰¹ Percebe-se, segundo Adorno, que o recalçamento da utopia é evidente: “Minha tese a esse respeito seria a seguinte: que, no mais íntimo, todas as pessoas, admitindo isto a si próprias ou não, sabem: seria possível, poderia ser diferente. Elas poderiam não só viver sem fome e provavelmente sem medo, mas também como livres. Ao mesmo tempo, porém, e em todo o mundo, o aparato social se endureceu de tal modo em relação a elas que aquilo que está diante dos seus olhos como possibilidade palpável, como a evidente possibilidade de realização, se apresenta a elas como radicalmente impossível” (ADORNO, Theodor apud MUELLER, Ênio. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*, 2009, p. 97).

¹⁰² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 11.

O objeto dessa denúncia é o processo de dominação, ora explícita, ora escamoteada, ao qual tem estado submetida toda a civilização ocidental desde os seus primórdios. A realidade desse processo tem sido, no final das contas, a decadência, ainda que ela às vezes se apresente camuflada em progresso.¹⁰³

Em decorrência disso, na acepção adorniana, a razão que é instrumental, a ciência moderna e as novas tecnologias e invenções estão despossuídas de um senso crítico. Elas estão imbricadas numa relação recíproca e são corresponsáveis pelas principais atrocidades cometidas contra a humanidade. As duas guerras mundiais, Auschwitz e as demais crueldades contra a humanidade são a *ultima ratio*, fruto de uma racionalidade instrumental e do uso de uma tecnologia altamente eficaz.

É esclarecedor o diagnóstico apresentado na obra *Notas de literatura I* no texto sobre o *Ensaio como forma*,¹⁰⁴ no qual o sujeito é instigado a penetrar e fazer o máximo de esforço possível para interpretar aquilo que é enigmático, mas tendo o cuidado e o respeito para com os comentários. Para quem se dedica a fazer uma investigação ou interpretação, “[...] em vez de simplesmente registrar e classificar, é estigmatizada como alguém que desorienta a inteligência para um devaneio impotente e implica onde não há nada para explicar. Ser um homem com os pés no chão ou com a cabeça nas nuvens”.¹⁰⁵

No que concerne à análise supracitada, Adorno incorpora um impulso que é antissistemático. Enquanto a ciência procura intrinsecamente por definições precisas e objetivas eliminando qualquer diferença heterogênea, o pensamento crítico requer um caráter de abertura e de exercício crítico-reflexivo sem condições preestabelecidas. Desse modo, a filosofia tem a árdua tarefa de desmitologizar o conceito, enquanto,

A ciência necessita da concepção do conceito como uma tabula rasa para consolidar a sua pretensão de autoridade, para mostrar-se como o único poder de sentar-se à mesa. Na verdade, todos os conceitos já estão implicitamente concretizados pela linguagem em que se encontram. [...] O ensaio é tão cético diante desse procedimento quanto diante da definição.¹⁰⁶

¹⁰³ DUARTE, Rodrigo. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*, 1997, p. 12.

¹⁰⁴ Outra crítica elaborada por Adorno que merece destaque se dá quando realiza a releitura da quarta regra do método cartesiano. Nesse sentido, entende que é uma tentativa de buscar a uniformização do conceito pela racionalização técnica, predominante na ciência moderna, mas também pelo positivismo conservador associado à filosofia cartesiana. Observe-se que, “[...] em uma cadeia contínua de deduções: uma suposição própria à filosofia da identidade. Na forma de instruções para a prática intelectual, essa regra cartesiana, assim como a exigência de definições, sobreviveu ao teorema racionalista no qual se baseava: pois também a ciência aberta à empiria requer revisões abrangentes e continuidade de exposição” (ADORNO, Theodor. *Ensaio como forma*, 2012, p. 34).

¹⁰⁵ ADORNO, Theodor. *Ensaio como forma*, 2012, p. 17.

¹⁰⁶ ADORNO, Theodor. *Ensaio como forma*, 2012, p. 29.

Outrossim, cabe acentuar que, por outra via, também necessita e requer conceitos e o recíproco processo de exposição daquilo que ele procura explicitar. Nessa experiência, o sujeito da construção de um pensamento reflexivo e crítico não é induzido a um sentido único, mas impulsionado a fazer a experiência do diferente, ou seja, do encontro com aquilo que é dessemelhante, causando-lhe assombro em sua própria dor. A filosofia precisa se tornar mais compreensível e receptível aos testemunhos silenciosos da linguagem e o filósofo não possui um procedimento preconcebido e determinado pelo seu contexto existencial e estrutural da própria indagação. Mas, este procedimento *antissistemático* não pode ser confundido como um desprezo pelos conceitos.¹⁰⁷

Noutro ensaio de Adorno, intitulado *Observações sobre o pensamento filosófico*, o pensador faz questão de reafirmar que o pensamento não pode se deixar conduzir por um método autocrítico e, ao mesmo tempo, buscar a garantia da objetividade do pensado, do objeto, mesmo que deverá concentrar-se nele e ter uma abertura frente à realidade, pois “[...] enquanto ele visa à sua coisa e somente a ela, descobre nessa coisa o que ultrapassa o previamente pensado e, com isso, rompe o círculo estabelecido da coisa”¹⁰⁸. Por não se enquadrar nos pressupostos metodológicos, o sujeito, na relação recíproca com o objeto, deve fazer a experiência da constelação do devir conceitual na relação do momento transitório do processo de investigação.

Erich Fromm, também integrante da Escola de Frankfurt, contribui significativamente com a questão exposta de um modo singular no sentido de tornar possível a compreensão de como a sociedade moderna trouxe o progresso, mas por outro lado, deve ser analisada criticamente. Segundo o autor, o homem “[...] labuta e lida, mas tem vaga consciência da futilidade de seus esforços. Enquanto cresce seu poder sobre a matéria, sente-se impotente em sua vida individual e em sociedade”¹⁰⁹. O domínio que infectou a sociedade pela razão instrumental e suas formidáveis descobertas que proporcionaram um modelo de progresso político e econômico tende, por outro lado, a produzir novas ameaças a si mesmo, colocando em risco a sua própria sobrevivência.

Para os filósofos da *Dialética do esclarecimento*, desde os primórdios da humanidade os indivíduos sentiam medo daquilo que era desconhecido e incógnito. Por isso, o sofrimento

¹⁰⁷ Nesse sentido, Horkheimer acentua que “Cada conceito deve ser visto como fragmento de uma verdade total em que se encontra o seu significado. É precisamente a construção da verdade a partir desses fragmentos que é a principal preocupação da filosofia” (Horkheimer, Max. *Eclipse da razão*, 2002, p. 168).

¹⁰⁸ ADORNO, Theodor. *Observações sobre o pensamento filosófico*, 1995, p. 20.

¹⁰⁹ FROMM, Erich. *Análise do homem*, 1970, p. 14.

era mimetizado por meio de uma linguagem simbólica, mítica, para automutilar e camuflar o temor. Para Mattéi, tal dialética funda-se como crítica da filosofia, por sua vez, porque a humanidade mergulha numa nova espécie de barbárie:

Para os nossos autores, não é apenas a história, como história da luta de classes, que é marcada com o ferro em brasa da barbárie; é a própria razão que revela sua barbárie desde a aurora da humanidade. A razão é posta como totalitária porque, em sua necessidade ávida de universalidade, ela só conhece a unidade, o que equivale a levar à destruição de todas as singularidades. O pensamento racional, como a civilização que o assume, seria apenas um mecanismo coercivo de dominação dos povos que se encontram esmagados nesse imenso empreendimento de liquidação da humanidade.¹¹⁰

A este propósito, o sofrimento é minimizado quando o indivíduo projeta em si mesmo a natureza, assimilando-a para, posteriormente, negá-la. Ou seja, as ameaças que se tornam constantes à natureza e ao próprio homem devem ser suprimidas por meio de mecanismos externos de defesa que possam expressar e combater a angústia, a dor e o sofrimento. No texto *Teoria da semicultura*, Adorno apresenta as principais características do sujeito moderno que se adapta à realidade vigente e às suas consequências, pois é autolimitado frente ao existente ao assemelhar-se:

O espírito mantém-se antiquado frente ao domínio progressivo da natureza e o surpreende a pecha de magia com a qual, em outros tempos, ele tinha designado as crenças naturais. Pretendia suplantar a ilusão subjetiva pelo poder dos fatos e acaba por tornar falsidade sua própria essência, a objetividade da verdade. A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações se debate com as fronteiras do poder. Todavia, na vontade de se organizar essas relações de uma maneira digna de seres humanos, sobrevive o poder como princípio que se utiliza da conciliação. Desse modo, a adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia.¹¹¹

Desse modo, a concepção de positividade da dialética hegeliana ocupa o lugar da experiência da transitoriedade e do sujeito que se refugia num puro entendimento transcendental historicamente estruturado por categorias e formas subjetivas consolidadas pela tradição. Por isso, o pensamento crítico “[...] exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história”¹¹². O sujeito que presencia e constrói formas

¹¹⁰ MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior*, 2002, p. 11-12.

¹¹¹ ADORNO Theodor. *Teoria da semicultura*, 1996, p. 391.

¹¹² ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 9.

instrumentais que são diferenciadas, dependendo de seu contexto, assume suas condições e limites frente à teleologia histórica, denunciada também por Benjamin.

Neste ponto, na compreensão de Jameson, é possível reler Adorno na atualidade. Ele observa que o seu ponto de partida é preservar os vestígios de uma filosofia crítica negativa da realidade (principalmente aquilo que a história oculta intencionalmente) para resgatar o papel, a memória e o impulso de um pensamento revolucionário. No que concerne ao pensamento e às discussões sobre o tema da utopia marxista em Adorno, Jameson desenvolve o seguinte argumento:

Toda ciência, contudo, projeta não só uma ideologia, mas um certo número de possíveis ideologias, e isso tem de ser entendido em um sentido positivo: ideologia como a teoria operacional de uma prática específica, como se fosse “filosofia” desta última, e o conjunto de valores e visões que a mobilizam e lhe conferem uma ética e uma política (assim como uma estética) [...] Em situações históricas concretas, que estabelecem não só suas prioridades, mas também seus limites.¹¹³

Portanto, as questões filosóficas tratadas na *Dialética negativa* não estão dissociadas às reflexões referentes à crítica ao prolongamento da racionalidade dominante da natureza acentuado no pensamento da racionalidade do não-idêntico. Há uma necessidade de integrar o elemento expressivo da reflexão e da interpretação filosófica para adotar uma posição crítica em relação às reflexões que procuram preservar suas identidades ao serem influenciadas pela concepção positivista de interpretar e compreender a realidade. Cabe a questão: qual é a importância que Adorno dá à reflexão sobre a noção de pensamento enquanto negatividade perante a derrota do pensamento moderno? A felicidade prometida como horizonte de segurança numa crença fundamentada estritamente por uma racionalidade que se ilumina a si mesma, centralizada no sujeito independente, é colocada sob suspeita de ter colaborado, por um lado, com as atrocidades cometidas em nome da liberdade. Nas palavras de Souza,

Quando o terreno de “segurança” foi devastado, o que sobrou, muitas vezes, não foi mais que o autoritarismo tristemente internalizado, em indivíduos perdidos em suas referências maiores, o saudosismo do passado, a nostalgia de não ter de pensar com a própria cabeça, que acaba por desencadear o processo lógico-ontológico de transformação do particular no geral, da singularidade na massa.¹¹⁴

Por outro lado, vive-se em uma realidade permeada pelo medo e por incertezas em âmbito mundial, na qual só é possível identificar e compreender a realidade por uma releitura

¹¹³ JAMESON, Fredric. *O marxismo tardio*, 1997, p. 19.

¹¹⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. *Levinas e a ancestralidade do mal: por uma crítica da violência biopolítica*, 2012, p. 49.

crítica. O futuro é incerto e provoca nos indivíduos uma insegurança¹¹⁵ e uma vulnerabilidade nas próprias concepções e promessas das teorias científicas. Há um perigo na proliferação das teorias fundamentadas no autoritarismo de tendências autocráticas. Necessário é construir perspectivas nas quais o conhecimento filosófico se oponha ao mundo que não possui mais esperanças e cultiva em sua própria infelicidade a desfiguração do pensamento dialético positivo. Assim, “[...] é na capacidade de obter essas perspectivas sem arbítrio e violência, inteiramente a partir do sentimento dos objetos, que, só, nela, consiste a tarefa do pensamento”.¹¹⁶

Ao iniciar o prólogo da *Dialética negativa* como antissistema, Adorno expõe uma compreensão de dialética que carrega por sua natureza uma repulsa e indignação com o princípio de identidade e onipotência da racionalidade instrumental: “Com meios logicamente consistentes, ela se esforça por colocar no lugar do princípio de unidade e do domínio totalitário do conceito supraordenado a ideia daquilo que estaria fora do encanto de tal unidade”¹¹⁷. A partir de então, a filosofia não pode evitar a realização de uma crítica a partir de si mesma, sendo que o seu futuro depende disso. Na sua crítica às filosofias sistemáticas, trata-se de apreender, ao contrário, não a partir de uma negação a realidade, mas de um novo elemento teórico-metodológico que faz parte, intrinsecamente, de sua elaboração filosófica.

Portanto, esse diagnóstico referido por Adorno na *Dialética negativa* se dá a partir da relação e da reciprocidade dos conceitos, ou seja, os conceitos não são meras unidades que demarcam posições subjetivas, mas possuem vida própria e se relacionam entre si e procuram explicar o mundo. Nas palavras de Flickinger, “[...] não é apenas o pensamento intuído que está à procura dos conceitos adequados, identificadores do conteúdo pretendido, senão, completamente, são os conceitos que procuram, também, o pensamento adequado”.¹¹⁸

Porém a questão que surge imediatamente é a seguinte: como a filosofia pode *pensar o seu outro* como uma questão do não-idêntico numa relação recíproca frente à dinamicidade da história em que os conceitos são ambivalentes? Ou, em outras palavras, como é possível pensar

¹¹⁵ Na acepção adorniana, Auschwitz é umas das mais terríveis tragédias contra a humanidade. Porém cabe trazer à tona os principais acontecimentos e experiências que marcaram o século XX, em que os vestígios estão presentes e refletem as barbáries pós-guerras no contexto atual.

¹¹⁶ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 245.

¹¹⁷ ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*, 2009, p. 8. In: GS, Band 6, p. 10. “Mit konsequenzlogischen Mitteln trachtet sie, anstelle des Einheitsprinzips und der Allherrschaft des übergeordneten Begriffs die Idee dessen zu rücken, was außerhalb des Banns solcher Einheit wäre”.

¹¹⁸ FLICKINGER, Hans-Georg. *A lógica clandestina do compreender, do pensar e do escrever*, 1995, p. 213.

o conceito de não-idêntico de Adorno frente aos limites da razão e de um pensamento instrumentalizado?

A partir dessa nova compreensão, a força teleológica da história na leitura e no sentido hegeliano é colocada sob suspeita, ou seja, “[...] a única ‘*dialética*’ que se poderia considerar como propriamente tal seria aquela aberta, irreduzível a uma ‘*resolução*’ superior, negativa em relação à positividade da totalidade”¹¹⁹. Este ponto de vista abre a discussão para o não-idêntico, já antecipado no primeiro projeto filosófico de Adorno, tema que será aprofundado seguir, a partir da concepção da *dialética negativa*.

3 DIALÉTICA NEGATIVA E RAZÃO DO NÃO-IDÊNTICO

¹¹⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e a razão do não-idêntico*, 2004, p. 98.

*Se a filosofia pudesse ser de algum modo definida, ela seria o esforço para dizer aquilo sobre o que não se pode falar; expressar o não-idêntico, apesar da expressão sempre identificá-lo.*¹²⁰

*O raio de luz que revela o todo em todos os seus momentos como o não verdadeiro não é senão a utopia de toda verdade, utopia que ainda precisa se realizar.*¹²¹

É importante frisar desde início que para Adorno qualquer tentativa ensaística de expressão da realidade por meio da força de um pensamento que visa, de alguma forma, explicitar e sistematizar o seu contexto, está aquém de qualquer tentativa de esgotá-lo, isto é, toda e qualquer experiência de interpretação e compreensão da realidade em sua plenitude e totalidade permanecerá insuficiente. Esse é o eixo central da dialética negativa enquanto um mergulhar na possibilidade da transitoriedade e na dinamicidade da não identidade, nascente primordial da qual emerge um pensamento crítico. Como alega Souza, desde os primeiros escritos de Adorno até seus últimos, o que persiste dos *resquícios e ruínas* da história é um caminho a percorrer: “A questão é saber se nós temos uma inteligência, ao mesmo tempo tão adulta e tão poderosa que consiga penetrar nos ‘vestígios e escombros’ da quase inaudibilidade desse ribombar”.¹²²

Ao iniciar o prefácio da *Dialética negativa*, Adorno expõe suas considerações sobre a expressão e o significado do conceito de dialética negativa. Afirma que seu pensamento e seu estilo reflexivo, em diálogo com a tradição filosófica, podem dar a impressão, num primeiro momento, de *subverter* uma concepção dialética que tem sua origem mais explícita na tradição platônica. Observa que a característica principal (da tradição dialética) é alcançar a relação entre realidade, história e razão pelo viés da positividade, uma natureza exclusivamente afirmativa e com a intenção de compreender e reler a história e seus acontecimentos. Esta é a razão central para intitular de *Dialética negativa* a referida obra. No entanto, cabe ressaltar que não se trata simplesmente de uma questão de oposição metodológica ao que se lhe precede, mas “[...] de acordo com a teoria da dialética negativa, não existe nenhuma continuidade entre aqueles trabalhos [tradição] e este”¹²³. A dialética negativa, ao revelar-se no movimento da insuficiência do conceito, possibilita a liberdade do pensamento enquanto resistência em sua constituição e no desenvolvimento do seu desdobramento reflexivo. Assim, a expressão não identidade da

¹²⁰ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 190.

¹²¹ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 174.

¹²² SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética em Adorno*, 2011, p. 47.

¹²³ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 7. In: GS, Band 6, p. 9. “[...] nach der Theorie negativer Dialektik existiert kein Kontinuum zwischen jenen und dieser”.

negatividade enquanto instrumento para aproximar-se do não conceitual é a potencialidade da dialética negativa que possibilita o pensamento a ser crítico.

A *dialética negativa*, como assinala Pucci, proporciona uma estrutura dinâmica, mediatizada por uma potencialidade interna presente no conceito que só se revela na relação da admiração e da estranheza, na tentativa imanente por querer revelar seus conteúdos em determinada ocasião e contexto. Posto isso,

Hegel via na negatividade o movimento do conceito para o outro como um momento imprescindível dentro do processo maior da dialética, em direção à síntese, à consumação sistemática, Adorno via extrema dificuldade de a argumentação caminhar irreversivelmente em direção a uma síntese inequívoca. Fez da negatividade o sinal distintivo de seu pensamento precisamente porque acreditava que Hegel havia se equivocado ao fazer coincidir razão e realidade.¹²⁴

Esse procedimento antissistemático é carregado por um pensamento reflexivo e autocrítico presente na dinamicidade do conceito. A realidade que se busca compreender é configurada numa forma completamente diferente: conceitos e categorias enquanto expressões do conhecimento, impulsos filosóficos por excelência, são entendidos como fundamentais por Adorno e são a marca da possibilidade de construir um pensamento crítico inerente ao caminho da dialética negativa. Assim, o exercício reflexivo que se propõe desenvolver neste capítulo terá por base os *Três estudos sobre Hegel* e a *Dialética negativa*.

3.1 Três estudos sobre Hegel: contraposição à dialética hegeliana

*As próprias coisas falam em uma filosofia que se esforça para provar que ela própria é uma e mesma coisa com elas.*¹²⁵

A *Dialética negativa*, enquanto exercício filosófico, possibilita compreender a filosofia como movimento que impulsiona *um novo olhar* sobre a realidade a partir de uma relação recíproca entre a caracterização da *expressão do conteúdo filosófico* e os elementos que compõem a sua natureza como força libertadora do pensamento. Desse modo, cabe sublinhar que a dialética negativa se dá num movimento interligado na relação com a realidade que permite a autorreflexão crítica, ainda que esta continue sendo expressão da negatividade.

O conceito não se dá mais por meio da imposição de um pensamento previamente determinado, mas na relação e determinação no instante em que está inserido na realidade e em

¹²⁴ PUCCI, Bruno. *Educação para quê?* 1998, p. 32.

¹²⁵ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 77.

suas diferentes manifestações críticas. A efetividade do conceito é o seu automovimento que, ao pôr-se em relação, torna manifesta a sua insuficiência ao tomar a totalidade como pressuposto de necessidade. Destaca-se esta passagem na qual o autor dos *Três estudos sobre Hegel* explicita que

A dialética exprime o fato do conhecimento filosófico não estar em casa onde a tradição o fixou, lugar onde ele floresceria de modo demasiado fácil, livre de todo tipo de peso e da resistência daquilo que existe. Na verdade, o conhecimento começa somente lá onde ele acolhe o que para o pensamento tradicional aparece como opaco, impenetrável, mera individuação.¹²⁶

Ao reler Hegel, Adorno destaca que os elementos que compõem o exercício e a exposição à luz do sistema e de sua dialética devem reconhecer uma força constitutiva de instância prévia que não é meramente uma relação subjetiva, isto é, de um sujeito que determina em si mesmo uma verdade mediatizada, entendido simplesmente como um espírito que abstrai do mundo seu conteúdo. Desse modo, contrapõe o idealismo objetivo hegeliano ao indicar que o objeto também detém em si uma potencialidade imanente desde a qual se dá o exercício crítico do pensamento.

Tendo em vista que a proposta filosófica de Adorno está ligada ao pensamento hegeliano, é imprescindível referenciar, mesmo que de forma tangencial, a crítica que faz à filosofia do pensador de Jena. Aliás, para esse último, a dialética se compreende como movimento do ‘subterfúgio’ do não-idêntico em contraposição ao da *Aufhebung* [tais como o devir, a efetividade ou a ideia – determinação basilar que individualiza todo o movimento racional e lógico em direção ao real]. Essa exposição acaba por captar o real, efetivando-o como conhecimento interiorizado, é o movimento histórico enquanto enriquecimento de um pensamento que se põe em direção à sua própria superação. O movimento dialético possui um objetivo específico, mas necessária e a reconciliação das oposições, das contradições e das sínteses dos opostos, em vista de todas as etapas e estágios em sua natureza e do vir a ser. Reporta-se ao texto de Marcuse ao comentar Hegel: “A negatividade é a mais interna fonte de toda atividade, do autodesenvolvimento vital e espiritual. A negatividade que se encontra em todas as coisas é o prelúdio necessário à realidade delas”.¹²⁷

Poder-se-ia dizer, então, que a dialética hegeliana permite pensar a realidade a partir da consciência do *em-si e torna-se em-si e para-si*, o que leva a razão a construir o caminho por meio da *Aufhebung* como momento da efetivação e da participação da dinâmica histórica

¹²⁶ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 166.

¹²⁷ MARCUSE, Herbert. *Razão e evolução: Hegel e o advento da teoria social*, 2004, p. 68.

hipostasiada ao espírito¹²⁸. No momento em que a ideia se torna conteúdo da vontade, o espírito se efetiva no mundo em uma processualidade em que se dá a passagem do espírito subjetivo para o espírito objetivo até o espírito absoluto. Trata-se de um momento de passagem, um elevar-se à realização pela síntese, até a efetivação da liberdade por meio da astúcia da razão. O pensador de Frankfurt é enfático no que diz respeito ao processo dialético de concepção hegeliana. Veja-se:

Portanto, Hegel sempre interpreta o movimento que deve ser a verdade como um “automovimento”, motivado tanto pelo objeto referente ao juízo quanto pela síntese realizada pelo pensamento. Que o sujeito não deva se contentar com a mera adequação de seus juízos aos objetos decorre de o juízo não ser uma simples atividade subjetiva, de a própria verdade não ser uma simples qualidade do juízo. Pelo contrário, a verdade sempre se impõe algo que, sem poder ser isolado, não se deixa reduzir ao sujeito, algo que as teorias do conhecimento idealistas tradicionais acreditam autorizadas a negligenciar com um mero “X”.¹²⁹

Por outro lado, percebe-se a crítica a essa concepção de dialética na qual é recorrente a tese da identidade, em que a razão se reconhece na realidade e, portanto, nada há fora do próprio pensamento. O exercício do espírito que capta a dinamicidade da realidade na sua contingência reprime, na leitura de Adorno, o não conceitual a integrar-se na negatividade do pensamento e leva a uma concepção de dialética que fica presa à tese da identidade¹³⁰. Nesse âmbito, um aspecto fundamental a se mencionar refere-se à possibilidade crítica da dialética que, mesmo que sua determinação pressuponha a categoria da totalidade, torna-se serva da positividade. Esse aspecto é demarcado e criticado pela dialética adorniana. Assim,

Dialética não significa nem um mero procedimento do espírito, por meio do que ela se furta da obrigatoriedade do seu objeto – em Hegel ela produz literalmente o contrário, confronto permanente do objeto com seu próprio conteúdo – nem uma visão de mundo [Weltanschauung] em cujo esquema se pudesse colocar à força a realidade. Do mesmo modo que a dialética não se presta a uma definição isolada, ela também não fornece nenhuma. Ela é o esforço imperturbável para conjugar a consciência crítica que a razão tem de si mesma com a experiência crítica dos objetos.¹³¹

¹²⁸ Esta é a situação que justifica sua compreensão de história. Veja-se: “O reino do Espírito consiste naquilo que é apresentado pelo homem. Pode-se ter todo tipo de ideias a respeito do Reino de Deus, mas sempre haverá um reino do Espírito para ser claramente compreendido e realizado no homem. [...] O reino do Espírito abrange tudo, inclui tudo aquilo que alguma vez interessou ou interessará ao homem. O homem é ativo nele – seja o que for que faça, o homem é a criatura na qual o Espírito obra [...]. Ao contemplar a história do mundo, devemos considerar seu objetivo final. Este objetivo final é aquilo que é determinado no mundo em si” (In: HEGEL, G. W. F. *A Razão na história: uma introdução geral a filosofia da história*, 2001, p. 62-63). [Grifo do autor].

¹²⁹ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 117-118.

¹³⁰ Para uma leitura mais aprofundada, ver ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 118.

¹³¹ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 80-81.

A dialética processo e caminho permite e consegue pôr em movimento o pensamento em direção à realidade e renuncia, pois, à pretensão de explicar a dinamicidade da totalidade do real que, no entendimento de Adorno, permanece negatividade. A identidade conduz o processo de realização da ideia e, numa perspectiva hegeliana, tem o seu momento de inter-relação e reconciliação na realidade que é contraposta nos termos seguintes. A totalidade

[...] é o preço que Hegel tem de pagar pela coerência absoluta, que se choca com os limites do pensamento coerente, mas sem poder tirá-los de seu caminho. A dialética hegeliana encontra sua verdade última, aquela de sua impossibilidade, no que ela deixa sem solução e naquilo que ela tem de vulnerável, mesmo se a dialética, a teodiceia da consciência-de-si não veio a ter consciência disso.¹³²

Ora, o desafio da teoria crítica adorniana é pensar a partir da potência dialética hegeliana, mas criticando sua forma, seu método e seu sistema que, pela *positivação do negativo*, que é necessário no decorrer do processo, aborta a potência crítica e reflexiva que impossibilita pensar as contradições da realidade, as que não são reconciliadas pela dialética. Essa crítica tem uma direção, a saber, “[...] apesar de o seu conceito de desenvolvimento ser pensado de modo inteiramente ativo e prático, ele é ao mesmo tempo passivo no seu respeito diante do determinado, cuja compreensão não significa senão a obediência ao seu próprio conceito”.¹³³

Nesse movente, as formas de totalitarismos passam despercebidas pela racionalidade instrumental ou de qualquer sistema que pensa a totalidade da realidade. Na modernidade esta tendência se reforçou como um pensamento unilateral. Ou, como é conveniente dizer na concepção hegeliana, nada pode ser dito sem que se proponha um conhecimento das coisas por meio de uma razão objetiva que se reencontra consigo mesma enquanto condição essencial e em resposta à sua cientificidade. Antes disso, porém, é preciso destacar nas próprias palavras de Adorno o seguinte no que se refere à filosofia hegeliana:

Assim, somente honrará Hegel quem perseguir o todo que ele próprio buscou, não se deixando intimidar pela complexidade quase mitológica de seu procedimento crítico que, enquanto totalidade, parece tornar falsa qualquer crítica que conceda ou negue a tal procedimento, complacientemente ou não, os seus méritos. Hoje em dia, dificilmente um pensamento teórico que não leve em conta a filosofia hegeliana fará justiça à experiência da consciência e, a bem dizer, não apenas da consciência, mas da consciência concreta [*leibhaftig*] dos homens.¹³⁴

¹³² ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 85.

¹³³ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 77.

¹³⁴ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 72.

O pensar dialético do ponto de vista adorniano tem por finalidade entender que a identidade é o lugar da insuficiência da consciência que carrega as fraturas, ambiguidades e contradições da sociedade não reveladas pela inadequação entre realidade e razão dos esquemas conceptuais. A realidade que está mediada pelo pensamento possibilita uma interação não de dependência e de submissão, mas de permanente retorno e de avaliação.

O pensamento construído para compreender a realidade não pode se fechar em si mesmo como suficiente, mas necessita ter uma abertura, potencialidade crítica permanente, sem abandonar o rigor em sua exposição. Entretanto,

[...] de modo inverso, a sociedade não é por seu turno uma simples existência, um simples fato. Apenas para um pensamento exteriormente antitético, abstrato no sentido hegeliano do termo, a relação entre Espírito e sociedade seria aquela lógico-transcendental entre *constituens e constitutum*. À sociedade pertence justamente aquilo que Hegel reserva ao Espírito como oposto a todos os momentos empíricos particulares isolados. [...] A sociedade é um conceito tão essencial quanto o de Espírito.¹³⁵

Com essa nova compreensão, a raiz crítica da dialética hegeliana esbarra no momento em que se torna escrava da positividade. A força constitutiva e originária, característica da dialética, se encontra expressa, para além de seus limites, no não-idêntico. Sendo assim, a partir de um olhar profundo, o pensamento crítico não foi extinto, mas apenas está suspenso por força, determinação e necessidade do sistema, uma vez que

[...] há um apelo à razão, que compreende o que existe para além daquilo que existe, entendendo-o a partir da perspectiva da consciência-de-si e da autoemancipação do homem. Da mesma forma que o conceito de razão objetiva não pode ser apartado do idealismo absoluto, ele não pode ser apartado de sua origem subjetiva na razão autoconservadora dos indivíduos.¹³⁶

A tese que garante que o *real é o racional* tem muitas interpretações, considerações e posicionamentos críticos. Mas sendo que o efetivo é o racional, fortalece-se a ideia de que a autodeterminação do real tem seu ponto referencial necessariamente no espírito absoluto e seu desejo na realização da liberdade nos indivíduos. Nesse sentido, a realidade não é outra coisa do que a própria ideia que, por seu próprio movimento, procura encontrar-se consigo mesma na razão. Nas palavras de Adorno, a vida do espírito hegeliano ressoa da seguinte forma: “O pensamento abstrato é transformado/novamente em algo vivo por meio daquilo que é

¹³⁵ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 93.

¹³⁶ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 123.

experimentado, assim como a simples matéria é transformada pelo ímpeto do pensamento”.¹³⁷ Na visão hegeliana, a insuficiência do conceito deve ser superada, de modo que a pluralidade e a multiplicidade da realidade empírica sejam suprimidas no movimento do pensamento em direção à manifestação do espírito absoluto.

A rigor, o pensamento crítico, assim caracterizado no método da negação determinada da dialética hegeliana, induz a dizer, leva a incluir, necessariamente, uma posição afirmativa, expressão que direciona ao espírito absoluto. Nas palavras do autor frankfurtiano, “ou a totalidade encontra-se consigo mesma reconciliando-se, portanto, suprimindo sua própria natureza contraditória ao levar suas contradições até o fim e deixando de ser totalidade, ou o que é antigo e falso”.¹³⁸ Este processo se reproduz continuamente por força de suas mediações, momentos incorporados como intrínsecos à razão autoconservadora.

Na doutrina hegeliana, o sujeito que assimila e incorpora o real pelo processo dialético perfaz o caminho abstrato, sedimentado segundo a vida do espírito e do pensamento que se compõe no processo de vir a ser síntese da compreensão da realidade. Inerentes à história¹³⁹ e ao progresso do esclarecimento, os indivíduos, ao serem incorporados por força do pensamento (espírito), do próprio movimento e da imediatez das relações, são condicionados e seguem o resultado natural do processo racional. Nesse movimento, entretanto, o particular é salvaguardado na identidade do universal e perde sua característica de temporalidade e de alteridade. Na concepção de Adorno, o elemento da realidade compõe-se em uma identidade sem diferença e nada fica de fora em suas determinações particulares. A verdade é constituída pelo conjunto dos elementos compostos e apreendidos pela mediação necessária em que o particular vai perdendo suas características próprias, sua vitalidade e sua potencialidade.

Sendo o real puramente uma identidade que provém da relação do universal e do particular, a dialética tem no seu desenvolvimento as facticidades da sociedade e da história. Não se trata de afirmar que tudo é relativo, mas que *o todo é o não verdadeiro*. Isso é o que constitui a chave de leitura para perceber os limites da concepção hegeliana. Assim,

A ideia de uma positividade que acredita dar conta de tudo aquilo que lhe é oposto por meio da coerção poderosa do espírito conceitual é a imagem especular da experiência

¹³⁷ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 130.

¹³⁸ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 164.

¹³⁹ Perius entende a crítica à filosofia da história de Hegel do seguinte modo: “Hegel é o que leva o processo de autoafirmação da razão ao seu nível mais elevado [...]. Hegel leva a razão a reconstruir o caminho através do qual se efetivou na realidade até o ponto em que se confunde com a própria realidade. Isto inevitavelmente o leva a refletir sobre a história e implica numa filosofia da história” (PERIUS, Oneide. *Walter Benjamin: a filosofia como exercício*, 2013, p. 117).

da coerção poderosa, que é inerente a tudo o que existe por meio de sua união sob a dominação. Isso é o verdadeiro na não verdade de Hegel. A força do todo, que a mobiliza, não é mera imaginação do Espírito, mas aquela força real da teia de ilusão em que todo particular permanece aprisionado. Na medida em que a filosofia determina contra Hegel a negatividade do todo, ela satisfaz pela última vez // o postulado da negação determinada, que seria a posição.¹⁴⁰

Ao permanecer fiel à própria significação e à expressão da realidade, o sujeito tem sua expressão na revelação do conceito. Para tratar dessa relação entre o real e o sujeito, é preciso entender a autoimpostação do constituir-se como tal do pensamento que encontra no mundo as condições e também restrições para compreender a realidade.

A doutrina hegeliana sobre o conceito tem sua expressão na positividade limitada e realiza-se no limiar do procedimento do caminho para o espírito absoluto, racionalizado no conceito objetivo. Por isso, os momentos singulares possuem vida em si no seu interior somente como manifestação e resultado no método dialético que se compreenderá numa linguagem articulada e absorvida pelo espírito ordenador do momento da objetivação.

A partir dessa constatação, põe-se a evidente crítica à dialética que pretende abarcar a realidade em si nos seguintes termos: “[...] a dialética se origina da experiência da sociedade antagônica, não do mero esquema conceitual. A história de uma época não conciliada não pode ser um desenvolvimento harmônico”¹⁴¹. Nesse sentido, destaca-se algo que frequentemente é frisado por Adorno na *Minima moralia*: “A filosofia negativa, que tudo dissolve, sempre dissolve o próprio solvente. Mas a nova configuração na qual ela propõe suspender ambos, o solvido e o solvente, nunca logra vir plenamente a lume na sociedade antagônica”.¹⁴²

Tal determinação é averiguada na tematização dos conteúdos que dão sustentação a qualquer tipo de fundamentação que prioriza argumentos de interesses determinados por um conjunto de fenômenos homogêneos. A filosofia, porém, que tem seu exercício em elementos expositivos deve, sobretudo em sua tarefa, expor-se a partir de uma dinamicidade, tendo um papel mediador e heterogêneo. A filosofia, na concepção adorniana, se de alguma forma pudesse ser conceituada, caracterizar-se-ia como um esforço para dizer alguma coisa que não consegue discorrer de imediato com segurança, que consegue expressar seu pensamento por meio do conceito quando reflete sobre si mesma e que, por outro lado, ajuda o não-idêntico a encontrar a sua expressão, enquanto esta expressão, no entanto, sempre é identificada na

¹⁴⁰ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 174.

¹⁴¹ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 167.

¹⁴² ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 243-245.

dessemelhança: “Ela seria o esforço para dizer aquilo sobre o que não se pode falar; expressar o não-idêntico, apesar da expressão sempre identificá-lo”.¹⁴³

Poder-se-ia dizer que o processo da dialética enquanto possibilidade crítica se constitui num grande desafio para a linguagem filosófica, pois tal como sugerido sem uma aceitação passiva deve se deixar conduzir para um pensamento que se autocria e recria na própria expressão e na relação com o seu contexto social.

3.2 Filosofia – imaginação da dialética negativa

*A filosofia é o que há de mais sério dentre todas as coisas, e, no entanto, não é tão séria assim.*¹⁴⁴

A filosofia crítica tem característica própria e é inconfundível em relação às demais formas de apreensão da realidade e à sua relação com ela. A filosofia precisa se redescobrir em sua potencialidade, na sua relação teórica com a realidade, pois a tradição lhe impôs prerrogativas que a deixaram vulnerável em sua própria existência e esperança frente à sua condição de atuação.

Nessa perspectiva, o pensador de Frankfurt, ao introduzir a sua concepção de dialética negativa, o faz a partir de uma profunda compreensão e análise da visão dominante da filosofia tradicional que, de um modo geral, é por ele posta sob suspeita. Tal pressentimento visível é manifesto em relação ao seu papel, porque “talvez não tenha sido suficiente a interpretação que prometia a transição prática”¹⁴⁵, ante a promessa de realização, causa do fracasso da transformação social ou de sua potencialidade dialética.

A razão considerada como legitimadora de determinadas ideologias não acabaria por contaminar a prática filosófica, substituindo-a [filosofia] por ideologias e, posteriormente, abrindo a possibilidade de acusá-la em sua constitutividade e papel exercido na sociedade? A reflexão filosófica se traduz em experiência da própria crise da filosofia que, sob um olhar de desconfiança, se inscreve enquanto tentativa de transformar-se num espaço minucioso de reflexão e de transformação da realidade. O pensamento filosófico é confundido e ridicularizado porque a promessa da sua teoria não se concretizou e, portanto, encontra-se em

¹⁴³ ADORNO, Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 190.

¹⁴⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 21. In: GS, Band 6, p. 26. Philosophie ist das Allerernsteste, aber so ernst wieder auch nicht.

¹⁴⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 11. In: GS, Band 6, p. 15. “Vielleicht langte die Interpretation nicht zu, die den praktischen Übergang verhieß”.

encruzilhada. A *Dialética do esclarecimento* buscou reconstruir o desencantamento do mundo a partir da racionalidade ocidental moderna, transformando as ideologias em sua própria repressão.

O derrotismo¹⁴⁶ da razão e da ciência moderna aparece em suas promessas não realizadas [que não mais garante ou proporciona a filosofia de ter um status acadêmico], mas também em seu prognóstico iluminador de práxis transformadora na perspectiva da economia política de Marx¹⁴⁷. Conforme aduz TÜRCKE, refere-se à promessa da razão esclarecida, autoconsciente que se manifesta em suas próprias leis: “Evidenciou-se, ao longo da história, cada vez mais a desproporção entre a capacidade do advogado e as necessidades da defesa, a ponto de o processo inteiro acabar fracassando”.¹⁴⁸

Na óptica de Seligmann-Silva, a tese adorniana deverá então ser percebida não como um desprezo em relação aos conceitos, mas na força do pensamento que se dá a partir de uma concepção construída na e numa relação ensaística: “O conceito existe de modo *dinâmico* e na sua relação múltipla com os contextos. Em lugar da falsa definição, apenas aparentemente ‘total’ do artigo de dicionário, o pensamento que se deixa embalar pelo ritmo do ensaio permanece aberto, tenso”¹⁴⁹. A concepção filosófica de Adorno não é conduzida por uma perspectiva de erigir um espírito de sistema em nenhum de seus escritos. No entanto, seu labor filosófico tem por característica um pensamento sistemático em vista de pensar a história como descontinuidade dos fatos.

Tal tensão é marcada e pensada a partir da transitoriedade e da especificidade de uma linguagem que, supostamente, na construção dos conceitos, se caracteriza como ensaística, o que se expressa e delinea em saberes emblemáticos para o pensamento tradicional ou *erudito*. Aquilo que resiste à fragilidade do desencantamento do conceito, que numa linguagem

¹⁴⁶ A crítica da ideia de um “progresso da razão” tem a influência do contexto histórico do século XX: a partir das leituras dos “filósofos da suspeita”, principalmente de Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, constrói um olhar atento às contradições da racionalidade iluminista e às aporias do retrocesso da sociedade. Para um aprofundamento deste tema, há uma excelente reflexão de Perius no tópico intitulado *Outras influências: os mestres da suspeita*. In: PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e dialética negativa: sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno*, 2008, p. 63-87.

¹⁴⁷ Marx pensava ter a teoria certa (a dialética materialista). Faz-se necessário mencionar a XI *Tese sobre Feuerbach*, segundo a qual os filósofos se limitaram a interpretar o mundo diferentemente, cabe transformá-lo. Isto é, a práxis revolucionária como ação sobre as circunstâncias, inseparável de uma ação sobre as consciências, é que possibilitaria a transformação da realidade. A práxis transformadora e interativa como ponto de partida seria resgatada por uma filosofia reflexiva e objetiva na relação entre teoria e prática. As próprias abstrações hegelianas, teorias especulativas, seriam idealizadas, efetivadas na realidade concreta da sociedade em que a emancipação humana é o seu imperativo categórico.

¹⁴⁸ TÜRCKE, Christoph. *Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à dialética negativa*, 2004, p. 44.

¹⁴⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*, 2009, p. 85.

adorniana é sua ruína, faz os esforços se dirigirem à tarefa essencial de resgatar o primado do conceito para a filosofia: “A filosofia não pode nem contornar uma tal negação, nem se curvar a ela. Nela reside o esforço de ir além do conceito por meio do conceito”.¹⁵⁰

Compreendida como um pensamento crítico, a dialética negativa, na sua relação ímpar de se expor, procede numa analogia e se apresenta não mais com um caminho e movimento seguro de interpretação fechado em si mesmo e voltado para a construção de um sistema de exposição tradicional. Como se pode observar, a tarefa emblemática reside em distinguir “o pensamento enquanto enciclopédia, algo racionalmente organizado, e não obstante descontínuo, assistemático e mais espontâneo, exprime o espírito autocrítico da razão”¹⁵¹. Pensar está associado ao refletir a partir daquilo que é heterogêneo, ou seja, não está na pura identidade e forma, mas naquilo que é destituído de uma significação afirmativa e reside na insuficiência do entendimento.

Adorno insiste em dizer: a filosofia, por meio da dialética negativa, resgata a sua potencialidade de análise crítica frente aos modelos de racionalização instrumental da sociedade contemporânea. Desse modo, tal concepção caracteriza-se e justifica-se da seguinte forma, de acordo com Tiburi:

É o caso do texto do qual a dialética negativa é tanto arquetípica quanto prototípica, mostrando-se, mais do que como fundamentação de um programa filosófico (já bem mais antigo que ela), como coração de um pensamento que se descobre como mais do que conceito ao enfrentar-se com seu próprio limite, sua própria insuficiência enquanto, do mesmo modo, se mantém como trabalho do conceito.¹⁵²

Todavia, pode-se dizer que a percepção de tais elementos a partir da *Dialética negativa* não está dissociada da vida e do labor ou pensamento filosófico de Adorno que, em cada reflexão particular, expressa densidade ímpar numa intrínseca constelação. Face ao exposto, de forma concisa, destaca-se a reflexão de Souza acerca do contexto da concepção de dialética negativa e da peculiaridade do autor em estudo: “O pensamento que não esquece seus próprios condicionamentos, de suas origens e motivações originais, quase obsessivamente fixado em seus próprios limites, e que não importa nenhum tipo de sublimação hipócrita em qualquer

¹⁵⁰ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 22. In: GS, Band 6, p. 27. “Solche Negation kann Philosophie weder umgehen noch ihr sich beugen. An ihr ist die Anstrengung, über den Begriff durch den Begriff hinauszugelangen”.

¹⁵¹ ADORNO, W. Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 33. In: GS, Band 6, p. 40. “Denken als Enzyklopädie, ein vernünftig Organisiertes und gleichwohl Diskontinuierliches, Unsystematisches, Lockeres drückt den selbstkritischen Geist von Vernunft aus”.

¹⁵² TIBURI, Marcia. *Uma outra história da razão e outros ensaios*, 2013, p. 18.

nível”.¹⁵³

Sob esse viés, não se trata, por conseguinte, de modo absoluto, de construir um método enrijecido, mas de articulá-lo no âmbito da condição do pensamento que se constrói na caricatura da facticidade na realidade. Em decorrência disso, o pensar que buscar preservar a criticidade não deve restringir-se ao artifício do método, ao que está prestabelecido ou determinado, mas em contraposição nas palavras de Adorno, “a força do pensamento de não nadar a favor da corrente é a de resistir contra o previamente pensado”¹⁵⁴. Desse modo, ao localizar na linguagem a experiência da transitoriedade para a comunicação do conteúdo fica evidente que o processo acontece no fazer-se e, por isso, não deve amortizar-se num método que previamente define o processo de antemão. Prossegue: “Os pensamentos que são verdadeiros devem renovar-se incessantemente pela experiência da coisa, a qual, não obstante, só neles recebe sua determinação”¹⁵⁵. Esse renovar-se acontece no processo e na relação que, num sentido adorniano, exprime-se em suas formas literárias por meio de gritos saltitantes a fim de expressar e manifestar o que não é dito pela história sedimentada.

Desse modo, o papel da filosofia consiste no esforço para dizer alguma coisa de significativo, mas do que não se consegue falar direta e explicitamente para determinar antecipadamente o processo. É necessário construir uma constelação conceitual nos diversos contextos em que os conceitos estão previamente entendidos, fazendo a experiência da possibilidade de ter que iniciar uma nova etapa considerando a multiplicidade que permite pensar as diferenças pelas quais pode ser interpretada a realidade.

Nessa experiência é que o pensar se envolve na dinamicidade do ainda não dito, do ainda não realizável, nutrido pela admiração daquilo que ele ainda não é na busca da verdade. Nesse ponto, Duarte faz menção ao conceito de constelação que é comparado ao modelo ensaístico adorniano de pensar a dialética negativa sob o viés da desmitologização do conceito emergido e tornado efetivo pelo modelo autocrático:

O exemplo acabado da obtenção de objetividade, para a qual o sujeito deve aguçar sua sensibilidade, sem se tornar onipotente – ao contrário, o objeto aqui assume o papel principal – é a concepção benjaminiana de ‘constelação’: o seu efeito substitui o procedimento convencional da abstração, i.e., da progressão escalonada dos conceitos rumo ao conceito superior genérico, à medida que ela ilumina o específico do objeto, o qual é indiferente – até mesmo pernicioso – ao método classificatório.¹⁵⁶

¹⁵³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 63.

¹⁵⁴ ADORNO, Theodor. *Observações sobre o pensamento filosófico*, 1995, p. 21.

¹⁵⁵ ADORNO, Theodor. *Observações sobre o pensamento filosófico*, 1995, p. 21.

¹⁵⁶ DUARTE, Rodrigo de Paiva. *Mimesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*, 1993, p. 166-167.

A constelação pode ser uma constante recriação do pensamento enrijecido no decorrer da experiência. A redução da razão a um mero instrumento para promover a dominação não se expressa como sinônimo de algo acidental, mas se fundamenta na ideologia moderna. No mesmo espírito, “o mecanismo da reprodução da vida e o da sua dominação e aniquilação é inteiramente o mesmo, e nisso fundem-se o Estado, a guerra e a propaganda”.¹⁵⁷

O potencial crítico do pensamento filosófico seria, pois, caracterizado como resistência frente à capacidade de domínio da razão instrumentalizada que permanece viva, de acordo com sua lógica, usando critério alusivo de uma identidade total. De qualquer modo, a discrepância em relação à realidade e o desejo de pretensão de totalidade, a negação determinada possui, para Adorno, uma posição central e estratégica no momento que toma uma posição crítica: “Somente uma filosofia que se liberta de tal ingenuidade merece continuar sendo pensada. No entanto, sua autorreflexão crítica não deve se deter diante dos ápices de sua história”¹⁵⁸. A filosofia, ao livrar-se de suas principais amarras, precisa questionar-se acerca de suas reais possibilidades, de suas condições e probabilidades diante da situação de precariedade da dialética na medida em que sua pretensão em grande medida falhou.

Ao encontrar a sua expressão e sua manifestação, o não-idêntico sempre está em relação, isto é, na tentativa de exprimir ou de dizer o que não é exprimível ou definível. A insistência de Adorno é de que o pensamento nunca pode ter características de totalidade e, de forma alguma, carregar a pretensão de assumir para si o legado de uma racionalidade processual e de possível apreensão da realidade por meio de um conceito que expressa a suspensão da alteridade. A dialética negativa na perspectiva de sua contribuição e da responsabilidade em sua indagação sobre si mesma

[...] seria, não apenas a autocrítica da dialética ou o seu avesso, mas o resultado do fracasso que se elabora, tanto na ordem das ideias e conceitos, tanto na ordem da forma de sua apresentação e de seu estilo quanto sua relação com as práticas diversas.¹⁵⁹

Antes de tudo, Adorno explicita uma filosofia que aceita sua condição e qualidade de ser e na sua relação com o fracasso da história referente ao aspecto da realidade social. Por isso,

¹⁵⁷ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 49.

¹⁵⁸ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 12. In: GS, Band 6, p. 16. “Nur Philosophie, die solcher Naivetät sich entledigt, ist irgend wert, weitergedacht zu werden. Ihre kritische Selbstreflexion darf aber nicht innehalten vor den höchsten Erhebungen ihrer Geschichte”.

¹⁵⁹ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e dialética negativa em Theodor Adorno*, 2005, p. 12.

vê-se inúmeras vezes inquieta e cala-se ao não conseguir se expressar. As inquietações são sinais de um pensamento intrigado com o mundo e que favorece a realidade ser dita não mais nos moldes da dialética tradicional, mas de expressar suas peculiaridades em vista de um almejar crítico e incisivo, caracterizado pela dialética que carrega a negatividade dos processos históricos.

Em *Minima moralia*, o pensador de Frankfurt reconhece que o papel da dialética é romper com qualquer lógica de caráter impositivo, mesmo sabendo de sua dificuldade: “Ao não poder, entretanto, furtar-se ao uso daqueles meios, ele se expõe em todo momento ao risco de sucumbir ele próprio a esse caráter impositivo: a astúcia da razão poderia exercer-se mesmo contra a dialética”¹⁶⁰. A própria dialética está em perigo se for absorvida pela lógica determinista e positivista.

Conforme postura filosófica adorniana, a verdade é uma constelação em *vir-à-ser* e seus elementos se constituem no processo e em seu contexto. Aliás, como ele diz, é o próprio ritmo da filosofia que, enquanto constelação teórica, “[...] circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica”¹⁶¹. Toda a realidade ou verdade ocultada é despertada e será trazida à tona pelo próprio pensamento em constelação. Constelação vai além daquilo que ele mesmo propõe, sendo imprescindível de antemão defini-lo em suas diferenças: “Onde o pensar é realmente produtivo, onde é criador, ali é sempre também um reagir. A passividade está no âmago do ativo, é um constituir-se do Eu a partir do não Eu”¹⁶². Por conseguinte, configura-se a categoria chave da não identidade frente àquilo que ocupa o lugar da centralidade da linguagem que se recria a si mesma de modo a revelar a sua diferença: o não-idêntico captura o espaço da potência crítica que permite que o diferente se torne *vida*, inclua aquilo que está fora e ressignifique o que já está dentro dela.

A sua crítica à teleologia histórica da *Aufklärung*, que é reconstruída na *Dialética do esclarecimento*, permanece viva na circunstância – momento de sua realização que foi perdido – contendo apenas a promessa e a perspicácia de sua manifestação enquanto possibilidade

¹⁶⁰ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 147.

¹⁶¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 142. In: GS, Band 6, p. 166. “[...] umkreist der theoretische Gedanke den Begriff, den er öffnen möchte, hoffend, daß er aufspringe etwa wie die Schlösser wohlverwahrter Kassenschränke: nicht nur durch einen Einzelschlüssel oder eine Einzelnummer sondern eine Nummernkombination”.

¹⁶² ADORNO, Theodor. *Observações sobre o pensamento filosófico*, 1995, p. 17-18.

inerente de ser, de poder se expressar em um vácuo aderentemente vazio da racionalidade instrumentalizada. Portanto, a primeira hipótese é perceber os principais elementos regressivos da razão que já foram analisados na *Dialética do esclarecimento* por Adorno e Horkheimer, onde foi caracterizada como instrumental. Por isso, segundo Geyer, “la atribución de tacto histórico, de consciencia adecuada y de reconstrucción racional que escapa a la historia, debe servir a una representación historico-filosófica de las estructuras que han determinado el siglo veinte [...]”.¹⁶³

Isso tudo mostra a compreensão dos principais elementos conceituais que são analisados a partir da relação e dos tempos históricos que se interconectam pelos próprios fatos ou acontecimentos. Em relação ao fato da filosofia ter-se limitado apenas a interpretar o mundo e situar as fontes do pensamento sem medir esforços ou integrar-se para mudar a realidade opressora, aduz Adorno que [...] “diante da realidade torna-se um derrotismo da razão depois que a transformação do mundo fracassa”¹⁶⁴. Essa crítica, que não está restrita ao âmbito somente prático, faz a filosofia repensar que sua existência não é de neutralidade ou de um pensamento que se coloca na imparcialidade, mas de uma postura e de um posicionamento crítico permanente na sociedade a partir da sua veracidade filosófica e da apreciação de si mesma na realização de uma autocrítica.

Como se pode perceber nesse âmbito da práxis, “ao contrário, ela se mostra na maioria das vezes como o pretexto para que os executores estrangulem como vão o pensamento crítico do qual carecia a práxis transformadora”¹⁶⁵. A práxis, que *forçadamente* pelo seu contexto e por sua promessa está suspensa temporariamente e supostamente perdeu-se nos ensejos conceituais e na sua expressividade, ficou aquém do almejado.

Como já observado, não passa de especulação e de experiência alarmante que carrega elementos da ingenuidade de um capitalismo tardio e de uma economia de mercado falida. A filosofia enquanto movimento não mais tem a perspectiva de chegar à sua autorrealização em si mesma, mas apenas como circulação e participação ativa no intuito de fazer a autocrítica no momento que participa. Entende-se que a dialética não se compreende mais como aquela relação de identidade entre o universal e o particular, mas como movimento do não-idêntico

¹⁶³ GEYER, Carl Friedrich. *Teoría crítica*: Max Horkheimer y Theodor Adorno, 1985, p. 108.

¹⁶⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 11. In: GS, Band 6, p. 15. “vor der Realität verkrüppelt auch in sich, wird zum Defaitismus der Vernunft, nachdem die Veränderung der Welt mißlang”.

¹⁶⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 11. In: GS, Band 6, p. 15. “[...] sondern meist der Vorwand, unter dem Exekutiven den kritischen Gedanken als eitel abzuwürgen, dessen verändernde Praxis bedürfte”.

que se carrega nas fissuras da humanidade na medida em que se depura de uma linguagem circular.

Na intensidade de sua crítica, o pensador de Frankfurt não propõe um pensamento filosófico contra qualquer procedimento sistemático. O que propõe é uma experiência crítica, essa crítica vivificada do pensamento que não perde de vista a dimensão do conceito e do impulso em mantê-lo vivo, ao invés de ser aprisionado. Segundo Türccke,

De saída, a *dialética negativa* é lógica do desmoronamento: sustenta que nenhum conceito é capaz de pousar em si mesmo, de se manter homogêneo e unívoco, pois todos já se encontram em conjuntos não-conceituais, não lógicos, pelos quais estão castigados com mil equívocos. [...] Lógica do desmoronamento, portanto, significa fazer desmoronar o sistema de gavetas, isentar os conceitos da gaveta de sua univocidade mentirosa, recuperando sua vivacidade para fazer transparecer sua interpenetração, ou, falando em termos teleológicos, sua *communicatio idiomatum*.¹⁶⁶

A racionalidade moderna tem como característica peculiar explicar a realidade por meio de conceitos num determinado período histórico pré-definido por categorias provindas principalmente do positivismo lógico¹⁶⁷. No âmbito do contexto contemporâneo, no qual se está imerso em um paradigma dominante cuja perspectiva da predominância é uma racionalidade instrumental, busca-se um procedimento mais eficaz que produza resultados imediatos, os quais são considerados catastróficos do ponto de vista crítico. Observamos, porém, que se trata de entender que,

Na verdade, o que Adorno critica não é a identidade como individuação, como consistência da coisa consigo mesma, como particularidade, mas a igualação do não-igual por meio de um princípio que impera soberano sobre todas as coisas; a crítica adorniana dirige-se à identidade e à não-identidade como conceitos identitários; o que a dialética negativa quer evidenciar e salvar é o não-idêntico, que preserva a identidade da coisa consigo mesma, o que faz de algo uma espécie de mônada, mas que não reduz o objeto a um conceito.¹⁶⁸

¹⁶⁶ TÜRCKE, Christoph. *Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à Dialética negativa*, 2004, p. 56-57 [Grifos do autor].

¹⁶⁷ Para Adorno, o positivismo ostentou uma razão esclarecida em que os fenômenos da natureza estão interligados e conciliados por uma lógica formal, sendo que o procedimento matemático se torna o ritual do pensamento, instaurando-se como necessário e objetivo. Acompanha-se a argumentação exposta na obra *Dialética do esclarecimento*, que expõe que o procedimento do positivismo e da razão esclarecida: “O factual tem a última palavra, o conhecimento se restringe à repetição e o pensamento transforma-se em tautologia” (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 39). Numa outra passagem assinalam que “As múltiplas afinidades entre os entes são recalçadas pela única relação entre o sujeito doador de sentido e o objeto sem sentido entre o significado racional e o portador ocasional de significado” (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 25). Contudo, o que aqui se está dizendo está também expresso, em outras palavras, mas com o mesmo sentido, em outro texto: “A sociedade, enquanto entendida como conexão funcional de autoconservação humana, ‘quer dizer’: tem por fim objetivamente a reprodução de sua vida adequada ao estado de suas forças; fora isto qualquer realização social, e mesmo socialização, constitui um contrassenso no mais simples entendimento cognitivo” (ADORNO, Theodor. *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã*, 1980, p. 245).

¹⁶⁸ TIBURI, Marcia. *Uma outra história da razão e outros ensaios*, 2013, p. 31-32.

A dialética, ao ser explicitada enquanto método e caminho do negativo, almeja a história, ou seja, aquilo que escapou à história após a sua exposição por meio da dialética positiva que sustentou pelo viés de sua determinação o movimento de sua realização. A busca da totalidade sustentada por intermédio de um método, é considerada por Adorno incapaz de romper com sua própria pretensão última do conhecimento esclarecedor que ofusca a própria análise dialética ao fazer a experiência da contradição entre a realidade e a realização dialética.

Vê-se, deste modo, no desenvolvimento dessa abordagem, a categoria da mediação que estabelece a possibilidade do pensamento experienciar as principais contribuições que sobrevivem do princípio de autoconservação e, a todo custo, para a sua segurança reivindicam expor a sua pretensa verdade sem separar-se do próprio método que é intrinsecamente seu aparato essencial e sua segurança. Frente à situação da dialética, a tarefa primordial consiste em situar-se brevemente como Adorno pontua essa questão, ou seja, a dialética como liberdade de expressão e de relação recíproca com o seu meio e com suas perguntas.

O momento de expressão no pensamento constitui algo de *sui generis* para o postulado da filosofia que não vê a realidade como duradoura e com o esquecimento da história. Por outro lado, quer que seu conceito seja revelado “[...] um potencial que aguarda naquilo que está à sua frente e obedece inconscientemente à ideia de ressarcir os fragmentos pelo que ele mesmo perpetrou; para a filosofia, esse elemento não consciente torna-se consciente”.¹⁶⁹

Assim, dir-se-ia que o discurso que força uma síntese no interior da dialética do pensamento tradicional é visto por Adorno como uma preleção que, após o seu fracasso, quer preservar e manter uma estrutura em favor do processo histórico procedimental e de sua exposição representativa. Porém, a autocrítica possibilita um pensamento que busca libertar a dialética de sua fragilidade e de sua cegueira de modo que tencione uma nova chave de compreensão, mesmo ciente de seus limites, no exercício que lhe cabe. Porém, antes de ser considerada (dialética), como num antimétodo, a dialética negativa tem por finalidade ir na contramão dos discursos que supostamente têm resultados e respostas antecipadamente pré-determinadas. A crítica à filosofia da identidade é necessária nesse contexto em que a filosofia busca sua autonomia em vista de ser autocrítica.

¹⁶⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 25. In: GS, Band 6, p. 30-21. “[...] einem Potential, das in seinem Gegenüber wartet, und gehorcht bewußtlos der Idee, an den Stücken wieder gutzumachen, was es selber verübte; der Philosophie wird dies Bewußtlose *bewußt*”.

3.3 Crítica à filosofia da identidade – dialética negativa

*Por isso, a crítica à ideologia não é nada periférico e intracientífico, algo limitado ao espírito objetivo e aos produtos do espírito subjetivo; ela é, sim, filosoficamente central: a crítica da própria consciência constitutiva.*¹⁷⁰

A crise da sociedade e da racionalidade, segundo Adorno, desafia o pensamento filosófico contemporâneo a interpretar e compreender a realidade a partir de uma autocrítica pelo viés da dialética negativa. Enquanto procedimento de compreensão da realidade e de uma *ação-prático-teórica*, a filosofia deseja manifestar seu pensamento ético-político. Quem pode confiar ainda em *teorias-práticas* frente às desesperanças do próprio pensamento? O desprendimento formal e a possibilidade de o conceito não se constituir no encontro com a realidade é uma das características da negatividade crítica da filosofia adorniana. Para Adorno, “o sistema é o ventre que se tornou espírito, a fúria é a marca registrada de todo e qualquer idealismo [...]. A imagem de homem no centro está irmanada com o desprezo pelo homem: não deixa nada incontestado”¹⁷¹. A realidade que foi sendo construída no horizonte da filosofia que, grosso modo, se constitui com característica autocrática, esvaziou-se da potencialidade crítica no processo da sua fundamentação frente à crise da razão iluminista.

Por meio de uma linguagem crítica, é possível colocar essa realidade negada pelo pensamento tradicional em movimento. O não-idêntico da dialética negativa traz à tona o que a ideologia negou e o suprimiu na relação realidade e pensamento. A inclusão do que está oculto e até confuso na história, enquanto potencialidade, percorre os interstícios da relação entre pensamento e realidade. Mas a dialética negativa tem a liberdade de expressar o pensamento da não identidade ao procurar fazer justiça à própria realidade e ao seu meio. Assim,

É preciso se opor à totalidade, imputando-lhe a não-identidade consigo mesma que ela recusa segundo o seu próprio conceito. Por meio dessa oposição, a dialética negativa está ligada como a seu ponto de partida com as categorias mais elevadas da filosofia da identidade. Nessa medida, ela também permanece falsa, participando da lógica da identidade; ela mesma permanece aquilo contra o que é pensada.¹⁷²

¹⁷⁰ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 129. In: GS, Band 6, p. 151. “Darum ist Ideologiekritik kein Peripheres und Innerwissenschaftliches, auf den objektiven Geist und die Produkte des subjektiven Beschränkten, sondern philosophisch zentral: Kritik des konstitutiven Bewußtseins selbst”.

¹⁷¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 28. In: GS, Band 6, p. 34. “Das System ist der Geist gewordene Bauch, Wut die Signatur eines jeglichen Idealismus. [...] Die Ansicht vom Menschen in der Mitte ist der Menschenverachtung verschwistert: nichts unangefochten lassen”.

¹⁷² ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2016, p.128-129. In: GS, Band 6, p. 150. “Der Totalität ist zu opponieren, indem sie der Nichtidentität mit sich selbst überführt wird, die sie dem eigenen Begriff nach verleugnet. Dadurch ist die negative Dialektik, als an ihrem Ausgang, gebunden an die obersten Kategorien von Identitätsphilosophie. Insofern bleibt auch sie falsch, identitätslogisch, selber das, wogegen sie gedacht wird”.

A exposição filosófica que se constitui no movimento dialético da não identidade e que tem como objetivo contrapor e reagir a um pensamento que tem características totalitárias não pode desconhecer seus próprios limites que, no exercício de sua exposição e tensão permanente, renova-se ao pretender dizer algo sobre a realidade dos fatos. Souza, ao refletir sobre a razão do não-idêntico na concepção de filosofia de Adorno, diz: “É sua negatividade intrínseca, seu particular poder crítico, que rompe com hábitos mentais e conjuntos de certezas filosóficas petrificadas, mergulhando em seus elementos constitutivos mais profundos”¹⁷³. Tal condição ocorre quando se possibilita ao conceito ser *órganon* do pensamento e da racionalidade do não-idêntico em vista a sua crítica à filosofia da identidade.

Observa-se, porém, que se trata de apreender ao contrário daquilo que a tradição tem como princípio unificador e inspirado pela regra cartesiana segundo a qual os pensamentos devem se dirigir aos objetos na intenção de conhecer a realidade de forma clara, distinta, livre e objetiva a fim de excluir toda e qualquer dúvida na busca de um conhecimento indubitável. Essa compreensão se caracteriza na progressão discursiva até atingir sua finalidade última exposta e pré-definida. Em posição situada opostamente ao método cartesiano, a história não pode ser discurso do método nem guia do conhecimento, como se pode captar nesta afirmação adorniana: “O conhecimento se dá, na realidade, num feixe de preconceitos, intuições, inervações, antecipações e exageros, em suma, na experiência compacta, fundada, mas de modo algum transparente em todos os pontos”¹⁷⁴. Essa forma de pensamento tem por peculiaridade trazer consigo o princípio que se assenta na priorização da heterogeneidade do conceito e na sua relação de abertura com o mundo pelo qual quer manifestar a sua natureza.

Assim, a percepção é de que há a dissolução da verdade do objeto que teria sido construída pela certeza do sujeito, que fica deslumbrado pelo que vê e ofuscado em suas novas percepções sobre a realidade. Esta situação é denominada de insuficiência do pensamento conceitual ou de ilusão da identidade. Para Adorno,

A constituição impositiva da realidade, que o idealismo tinha projetado para a região do sujeito e do espírito, deve ser reportada para um espaço fora dessa região. O que resta do idealismo é o fato de a determinante objetiva do espírito, a sociedade, ser tanto um conjunto de sujeitos quanto sua negação. Na sociedade, esses sujeitos são irreconhecíveis e permanecem impotentes; daí ela ser tão desesperadamente objetiva e conceitual, o que o idealismo faz passar por algo de positivo.¹⁷⁵

¹⁷³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e a razão do não-idêntico*, 2004, p. 96.

¹⁷⁴ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 76.

¹⁷⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 17. In: GS, Band 6, p. 22. “Die zwangshafte Verfassung der Realität, welche der Idealismus in die Region von Subjekt und Geist projiziert hatte, ist aus ihr zurückzuübersetzen.

Na concepção adorniana, a própria filosofia não se sustenta em bases firmes e construídas a partir de princípios axiológicos capazes de dizer claramente o seu potencial concreto em meio às contingências histórico-ideológicas. É relevante observar que a dialética adorniana é uma crítica imanente ao conceito que permanece sob o aspecto da negatividade enquanto pretensão de explicar a totalidade da realidade por se deixar conduzir e fundamentar por um pensamento que se constrói na relação e pelo processo racional de acordo com o sistema pré-determinado. Em outras palavras, para Tiburi, “ao contrário da hegeliana, que se constrói no jogo do superar e guardar (*Aufhebung*) a dialética negativa viverá a imagem do que se perdeu [...]”¹⁷⁶. O elemento essencial da dialética negativa é a realidade material do mundo que se perdeu e não foi incluída, nem guardada, nem superada pela dialética positiva.

Emerge aqui a dissonância da reflexão que é impelida de seu diferencial inerente à totalidade conceitual. É essencial trazer presente a limitação da teoria que se expõe em relação à realidade que, para ser rigorosa no seu exercício, torna-se antídoto contra o contexto sócio-histórico em que está inserida. São esclarecedoras, neste sentido, as palavras que seguem:

Nenhuma teoria escapa mais ao mercado: cada uma é oferecida como possível dentre as opiniões concorrentes, tudo pode ser escolhido, tudo é absorvido. Ainda que o pensamento não possa colocar antolhos para defender-se; ainda que a convicção honesta de que a própria teoria está isenta desse destino certamente acabe por se degenerar em uma autoexaltação, ainda assim a dialética não deve emudecer diante de tal repreensão e da repreensão com ela conectada referente à sua superfluidade, à arbitrariedade de um método aplicado de fora.¹⁷⁷

Aqui se encontra o núcleo duro da filosofia adorniana que, já na *Dialética do esclarecimento* e na *Minima moralia*, é associado com os termos abstração conceitual e legitimação do pensamento dialético. Faz uma crítica contundente a uma estrutura de reprodução das ideologias de dominação que buscam preservar em seu próprio sistema a identidade da autopreservação: “Enquanto princípio de troca, a *ratio* burguesa realmente

Übrig bleibt vom Idealismus, daß die objektive Determinante des Geistes, Gesellschaft, ebenso ein Inbegriff von Subjekten ist wie deren Negation. Sie sind unkenntlich in ihr und entmächtigt; darum ist sie so verzweifelt objektiv und Begriff, wie der Idealismus als Positives es verkennt”.

¹⁷⁶ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e dialética negativa em Theodor Adorno*, 2005, p. 20.

¹⁷⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 12. In: GS, Band 6, p. 16. “Dem Markt entgeht keine Theorie mehr: eine jede wird als mögliche unter den konkurrierenden Meinungen ausgebaut, alle zur Wahl gestellt, alle geschluckt. So wenig indessen der Gedanke dagegen sich Scheuklappen umbinden kann; so gewiß die selbstgerechte Überzeugung, die eigene Theorie sei jenem Schicksal enthoben, in Anpreisung ihrer selbst ausartet, so wenig braucht Dialektik auf solchen Vorwurf hin und den daran haftenden ihrer Überflüssigkeit, des Beliebigen einer von außen aufgeklasterten Methode, zu verstummen”.

assimilou aos sistemas com um sucesso crescente, ainda que potencialmente assassino, tudo aquilo que queria tornar comensurável a si mesma, identificar consigo, deixando sempre cada vez menos de fora”¹⁷⁸. O fundamento, o pilar desse sistema, é o reconhecimento objetivado pela filosofia da ilustração e da identidade por excelência.

A crítica ao conceito de identidade é uma crítica à ideologia. Deve-se considerar o limite do sujeito cognoscente frente a uma realidade em que a relação sujeito e objeto estão no mesmo nível. Se não há relação entre sujeito e objeto, a identidade torna o princípio absoluto o núcleo crítico do pensamento: “O objeto só pode ser pensado por meio do sujeito, mas sempre se mantém como um outro diante dele; o sujeito, contudo, segundo sua própria constituição, também é antecipadamente objeto”¹⁷⁹. O conceito que se constrói a partir da negatividade ultrapassa seus limites e busca ir além de si mesmo no objetivo de estimular uma relação de reciprocidade como o objeto. A sua insistência está no movimento da negatividade da dialética.

A crítica se torna abstrata se a supremacia do sujeito é considerada prioridade na filosofia da identidade, tendo presente que é a própria condição do sujeito colocar-se na condição de crítico para que ele não se torne ideologia ao reduzir-se como expositor e guia do conhecimento e da verdade. O pressuposto é que

A dialética negativa não faz desaparecer a identidade e sim a muda qualitativamente. Nela, a identidade é o ponto de partida, enquanto falsidade, e o ponto de chegada, enquanto possibilidade de verdade. Na negação radical da identidade primeira encontra-se as raízes da identidade última, pois na reprovação de que a coisa não é idêntica ao sujeito perdura a nostalgia de que oxalá chegue a sê-lo. As ideias são signos negativos: elas vivem nos interstícios, entre o que as coisas pretendem ser e o que são.¹⁸⁰

Essa crítica se realiza na experiência e o seu conteúdo se recusa a alicerçar-se em forma de sínteses acabadas ou inerentes à totalidade conceitual. Querer tomar a totalidade numa formulação que adquire um sentido único em relação a seu conteúdo submete a realidade ao pensamento totalitário e unívoco. Em outras palavras, a tensão central está na insuficiência daquilo que vai além do conceito como possibilidade de uma crítica imanente. Os principais elementos que os conceitos carregam em si possibilitam a esperança e o alento de uma nova

¹⁷⁸ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 28. In: GS, Band 6, p. 34. “Die bürgerliche ratio näherte als Tauschprinzip das, was sie sich kommensurabel machen, identifizieren wollte, mit wachsendem, wenngleich potentiell mörderischen Erfolg real den Systemen an, ließ immer weniger draußen”.

¹⁷⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 158. In: GS, Band 6, p. 184. “Objekt kann nur durch Subjekt gedacht werden, erhält sich aber diesem gegenüber immer als Anderes; Subjekt jedoch ist der eigenen Beschaffenheit nach vorweg auch Objekt”.

¹⁸⁰ PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs). *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, 2000, p. 79-80.

expressão filosófica sem características ou determinações conclusas em suas expressões e procedimentos. Sobre isso, Adorno se expressa do seguinte modo:

A filosofia tradicional acredita possuir seu objeto como um objeto infinito e, assim, enquanto filosofia, se torna finita, conclusiva. Uma filosofia transformada precisaria revogar essa petição, não poderia mais enredar a si mesma e aos outros na crença de que teria o infinito à sua disposição [...]. Ela teria o seu conteúdo na multiplicidade, não enquadrada em nenhum esquema, de objetos que se lhe impõem ou que ela procura; ela se abandonaria verdadeiramente a eles, sem usá-los como um espelho a partir do qual ela conseguiria depreender uma vez mais a si mesma, confundindo a sua imagem com a concreção. Ela não seria outra coisa senão a experiência plena, não reduzida, no *medium* da reflexão conceitual.¹⁸¹

O pensamento, enquanto negação determinada, é um processo permanente em elaboração que faz vivificar a existência da realidade em novos elementos em automovimento, sendo que esse movimento é percebido como aquele que pode ressignificar a procedência do não conceitual. A concepção de expressão filosófica no viés de um pensamento que busca resistir e ir além daquilo que está fixado e mediatizado por meio da instrumentalização da linguagem assegura a negatividade da dialética que preserva a diferença como possibilidades do *lugar do outro*:

Seu nome (dialética) não diz inicialmente senão que os objetos não se dissolvem em seus conceitos, que esses conceitos entram por fim em contradição com a norma tradicional da *adaequatio*. [...]. Ela (contradição) é o indício da não-verdade da identidade, da dissolução sem resíduos daquilo que é concebido no conceito. Todavia, a aparência de identidade é intrínseca ao próprio pensamento em sua forma pura. Pensar significa identificar. [...]. À consciência do caráter de aparência inerente à totalidade conceitual não resta outra coisa senão romper de maneira imanente, isto é, segundo o seu próprio critério, a ilusão de uma identidade total. [...] A dialética é a consciência consequente da não-identidade.¹⁸²

Num esforço contínuo, a dialética reconhece a insuficiência do conceito, o não-idêntico presente na conceitualidade do pensamento, no que concerne à indiferença e à complexidade do conceito como expressão, caminho referencial, processo a ser edificado. Adorno, de modo

¹⁸¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 19-20. In: GS, Band 6, p. 24-25. “Die traditionelle Philosophie glaubt, ihren Gegenstand als unendlichen zu besitzen, und wird darüber als Philosophie endlich, abschlußhaft. Eine veränderte müßte jenen Anspruch kassieren, nicht länger sich und anderen einreden, sie verfüge übers Unendliche. [...]Ihren Gehalt hätte sie in der von keinem Schema zugerichteten Mannigfaltigkeit der Gegenstände, die ihr sich aufdrängen oder die sie sucht; ihnen überließe sie sich wahrhaft, benützte sie nicht als Spiegel, aus dem sie wiederum sich herausliest, ihr Abbild verwechselnd mit der Konkretion. Sie wäre nichts anderes als die volle, unreduzierte Erfahrung im Medium begrifflicher Reflexion”.

¹⁸² ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 12-13. In: GS, Band 6, p. 16-17. “Ihr Name sagt zunächst nichts weiter, als daß die Gegenstände in ihrem Begriff nicht aufgehen, daß diese in Widerspruch geraten mit der hergebrachten Norm der *adaequatio*. [...] Er ist Index der Unwahrheit von Identität, des Aufgehens des Begriffenen im Begriff. Der Schein von Identität wohnt jedoch dem Denken selber seiner puren Form nach inne. Denken heißt identifizieren [...]. Dem Bewußtsein der Scheinhaftigkeit der begrifflichen Totalität ist nichts offen, als den Schein totaler Identität immanent zu durchbrechen: nach ihrem eigenen Maß. [...] Dialektik ist das konsequente Bewußtsein von Nichtidentität”.

algum, se opõe ao rigor filosófico que é essencial para o exercício e característica da filosofia enquanto resistência ao pensamento objetivado e tecnicizado. O desafio se constitui em relação ao desprendimento da realidade constituída e a uma lucidez filosófica para possibilitar a potência crítica enquanto constelação e enigma de imagens e fragmentos históricos que, no exercício e na relação entre exposição e conceito, torna-se possível pela dialética negativa.

A *Aufhebung* hegeliana é expressão de superação, da preservação e da conciliação dos contrários, em que o aspecto da negatividade está a serviço de um resultado positivo da identidade do conceito. A negatividade é um momento ímpar na filosofia hegeliana, pois é o motor propulsor em direção à potencialidade do pensamento. Nesse sentido, a autocrítica não abandona a razão, e todo o pensamento impulsiona na direção de um momento negativo. Por isso, é notável que

A dialética negativa diferencia-se da dialética hegeliana em sua recusa da equiparação da negação da negação com a positividade. Segundo Adorno, nessa última sobrevive, no mais recôndito de si, um princípio antidialético, comparável, na lógica convencional, ao “menos vezes menos equivale a mais”. Já que o estado de coisas a ser negado é um todo antagônico, sua negação permanece negativa, à medida que atinge apenas aspectos particulares daquele. Uma negação persistente não se presta a referendar o existente. A negação da negação não invalida o processo dialético, mas mostra que ele não é suficientemente negativo.¹⁸³

O sujeito é instituído como aquele que é portador da verdade do objeto, como bem expressou a filosofia kantiana. O movimento da realidade em direção ao seu conceito é reconciliado na filosofia da identidade hegeliana. Não se constitui num ato simples e qualquer do pensar filosófico ou de uma representação conceitual, mas na relação dialética do encontro entre conceito e realidade.

A filosofia não pode se deixar manipular por resultados que são objetivados por uma dialética instrumentalizada. Seu esforço está em expor, proferir e articular-se a partir do que lhe está presente, do que está exposto como dado referido, esperando a reconciliação. O alento da dialética negativa pode, nesse sentido, ser assim expresso:

O esforço implícito no conceito do próprio pensamento, como contraparte a intuição passiva, já é negativo, uma rebelião contra a pretensão de todo elemento imediato de que é preciso se curvar a ele. Juízo e conclusão, as formas de pensamento que mesmo a crítica não consegue evitar, contêm em si germes críticos; sua determinação é sempre ao mesmo tempo exclusão daquilo que não é por eles alcançado, e a verdade que querem organizar nega, ainda que com um direito questionável, aquilo que não é cunhado por eles.¹⁸⁴

¹⁸³ PUCCI, Bruno. *A atualidade da filosofia em Adorno*, 2008, p. 6.

¹⁸⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 25. In: GS, Band 6, p. 30. “Die Anstrengung, die im Begriff des Denkens selbst, als Widerpart zur passivischen Anschauung, impliziert wird, ist bereits negativ, Auflehnung gegen die Zumutung jedes Unmittelbaren, ihm sich zu beugen. Urteil und Schluß, die Denkformen, deren auch

Ao contrapor a ideia de experiência filosófica do idealismo hegeliano na qual a realidade era sublimada e enquadrada de forma objetiva, a concepção de Adorno faz com que a contradição é identificada com o princípio da não identidade na sua relação intrínseca com o conceito de não-idêntico. A manifestação da não identidade se realiza no processo e na experiência da multiplicidade que se opõe ao conhecimento que pretende se ajustar à realidade por meio de uma ideologia que rompe com a diferença em sua riqueza histórica e na sua temporalidade.

Contradição na realidade, ela é contradição contra essa última. Uma tal dialética, porém, não se deixa mais coadunar com Hegel. Seu movimento não tende para a identidade na diferença de cada objeto em relação a seu conceito; ela antes coloca o idêntico sob suspeita. Sua lógica é uma lógica da desagregação: da desagregação da figura construída e objetivada dos conceitos que o sujeito cognoscente possui de início em face de si mesmo.¹⁸⁵

A força dessa negatividade está presente e tem sua expressão na dialética negativa. Por outro lado, os juízos proferidos e as conclusões preliminares estão fundamentados no pensamento derivado de uma natureza negativa em que a veracidade é pensada estritamente na relação com os conceitos que, por razões óbvias, foram positivados como verdade. Essa forma de pensamento, na acepção adorniana, é alicerçada numa filosofia especulativa para a qual a diferenciação se ajusta à primazia do sujeito¹⁸⁶ cognoscente.

A realização do ideal de racionalidade regida pelo determinismo do espírito moderno que culmina no saber instrumentalizado e absoluto é assim nestes termos referido:

O empobrecimento da experiência provocado pela dialética, empobrecimento que escandaliza as opiniões razoáveis e sensatas, revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata. O que há de doloroso na dialética é a dor em relação a esse mundo, elevada ao âmbito do conceito. O conhecimento precisa se juntar a ele, se não quiser degradar uma vez mais a concretude ao nível da ideologia;

Kritik des Denkens nicht entraten kann, enthalten in sich kritische Keime; ihre Bestimmtheit ist allemal zugleich Ausschluß des von ihnen nicht Erreichten, und die Wahrheit, die sie organisieren wollen, verneint, wengleich mit fragwürdigem Recht, das nicht von ihnen Geprägte”.

¹⁸⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 127. In: GS, Band 6, p. 148. “Widerspruch in der Realität, ist sie Widerspruch gegen diese. Mit Hegel aber läßt solche Dialektik nicht mehr sich vereinen. Ihre Bewegung tendiert nicht auf die Identität in der Differenz jeglichen Gegenstandes von seinem Begriff; eher beargwöhnt sie Identisches”.

¹⁸⁶ É fundamental reportar-se a dois trechos sobre este tema que merece um aprofundamento para entender a relação entre sujeito e objeto. Ele é essencial para repensar uma nova concepção da epistemologia do conhecimento. Por isso, “o pensamento só tem poder sobre a realidade pela distância” (ADORNO, Theodor; HORKEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 72). Na contemplação, “a observação não violenta” traz a relação e dá condições de se manter uma proximidade na distância, assegurando a diferenciação sem a perspectiva do domínio do sujeito sobre o objeto (ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*, 2008, p. 85).

o que realmente está começando a acontecer.¹⁸⁷

A filosofia, que prometia a transição imediata da teoria para a prática, parte de uma interpretação insuficiente. Para a sobrevivência do pensamento crítico, deve-se reativar a força da teoria (da interpretação), já que a hipótese que estava revestida de práxis (tanto o marxismo tradicional como o hegelianismo com sua dialética da efetivação da razão na história) é insuficiente: torna-se necessária para a utopia do conhecimento. Por isso, o ideal de uma realidade desencantada, nas palavras de Tiburi, vai além de uma racionalidade formal e de sua relação utilitária com a realidade:

O todo, seguindo a direção da filosofia de Adorno contra Hegel, será a sua máxima abstração (DN, p. 15), o que se opõe diametralmente ao concreto, que se alça por sobre a experiência concreta do particular dada na história e tenta adequá-la ao mundo do pensamento. Se o universal é, em Hegel, o concreto, porque relacionado à razão, enquanto o particular é abstrato, até que possa ser elevado à razão, ao contrário, em Adorno, concreto é aquilo que se aproxima da experiência física, enquanto experiência do sofrimento, aquilo que não pode ser tomado como exemplo pela razão, não podendo constituir seu sistema.¹⁸⁸

No texto, intitulado *Origem da filosofia burguesa da história*, Horkheimer recoloca a questão da história a partir de um ponto de vista da dialética materialista para questionar a história que é desvinculada de um pensamento que busca superar as estruturas de opressão:

Quando falham as tentativas de pintar o presente feliz para todos, quando a utopia na qual se apagou o acaso, não se pode realizar, torna-se necessária uma filosofia da história, que tenta reconhecer por detrás da confusão experimental da vida e da morte uma boa intenção dissimulada, em cujos planos o fato isolado, aparentemente incompreensível e sem sentido, tem o seu valor, sem o saber.¹⁸⁹

Outro aspecto de fundamental importância refere-se ao conceito de racionalidade que, numa linguagem hegeliana, tem o papel de conduzir a história em um movimento bem engrenado para atingir momentos gloriosos alusivos à totalidade da realidade. Entretanto, esta se revela e se reencontra nos elementos subterrâneos ou regressivos que permanecem, na

¹⁸⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 14. In: GS, Band 6, p. 18. “Die Verarmung der Erfahrung durch Dialektik jedoch, über welche die gesunden Ansichten sich entrüsten, erweist sich in der verwalteten Welt als deren abstraktem Einerlei angemessen. Ihr Schmerzhaftes ist der Schmerz über jene, zum Begriff erhoben. Ihr muß Erkenntnis sich fügen, will sie nicht Konkretion nochmals zu der Ideologie entwürdigen, die sie real zu werden beginnt”.

¹⁸⁸ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e dialética negativa em Theodor Adorno*, 2005, p. 59.

¹⁸⁹ HORKHEIMER, Max. *Origem da filosofia burguesa da história*, 1984, p. 91.

perspectiva adorniana, essencialmente abertos frente ao repositório do derrotismo da racionalidade instrumentalizada.

Faz-se necessário, na compreensão de Adorno, a persistência de uma reflexão crítica: “Depois de quebrar a promessa de coincidir com a realidade ou ao menos de permanecer imediatamente diante de sua produção, a filosofia se viu obrigada a criticar a si mesma sem piedade”¹⁹⁰ em vista de uma práxis que possa ser transformadora. E essa vivacidade é vitalizada pelo pensamento que tem a força inovadora e, ao mesmo tempo, não deixa aprisionar-se por uma razão previamente esquematizada e sistematicamente objetivada.

Por isso, a não identidade é o lugar da verdade provisória, e a ignorância é a condição para sair da adequação em que os pressupostos não tematizados sobrevivem e ganham vida na dialética negativa. Adorno opõe-se à filosofia cujo postulado está na autoconservação de um pensamento fixo de origens absolutas e que tem sua aplicabilidade nos mais remotos contextos e situações sociais.

A exigência da unidade entre *praxis* e teoria rebaixou irresistivelmente a teoria até torná-la uma serva; ela alijou da teoria aquilo que ela teria podido realizar nessa unidade. O visto prático que se requisita de toda teoria transformou-se em carimbo de censura. No entanto, na medida em que a teoria foi subjugada no interior da célebre relação teoria-prática, ela se tornou aconceitual, uma parte da política para fora da qual ela gostaria de conduzir; ela é entregue ao poder. A liquidação da teoria por meio da dogmatização e da interdição ao pensamento contribui para a má prática; é de interesse da própria prática que a teoria reconquiste sua autonomia. A relação recíproca entre os dois momentos não é decidida de uma vez por todas, mas se altera historicamente.¹⁹¹

Se a realidade é frágil e provisória, o conceito se encontra também numa condição sempre em *devir-a-ser* e nunca se perpetua em sua falsidade narcisista em vista de uma preservação intacta. Por isso, “a filosofia tem de abdicar do consolo de acreditar que a verdade não é passível de ser perdida”¹⁹², e o conhecimento que se tem de uma realidade pode não ser

¹⁹⁰ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 11. In: GS, Band 6, p. 15. “Nachdem Philosophie das Versprechen, sie sei eins mit der Wirklichkeit oder stünde unmittelbar vor deren Herstellung, brach, ist sie genötigt, sich selber rücksichtslos zu kritisieren”.

¹⁹¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 125. In: GS, Band 6, p. 146-147. “Die Forderung der Einheit von Praxis und Theorie hat unaufhaltsam diese zur Dienerin erniedrigt; das an ihr beseitigt, was sie in jener Einheit hätte leisten sollen. Der praktische Sichtvermerk, den man aller Theorie abverlangt, wurde zum Zensurstempel. Indem aber, in der gerühmten Theorie-Praxis, jene unterlag, wurde diese begriffslos, ein Stück der Politik, aus der sie hinausführen sollte; ausgeliefert der Macht. Die Liquidation der Theorie durch Dogmatisierung und Denkverbot trug zur schlechten Praxis bei; daß Theorie ihre Selbständigkeit zurückgewinnt, ist das Interesse von Praxis selber. Das Verhältnis beider Momente zueinander ist nicht ein für allemal entschieden, sondern wechselt geschichtlich”.

¹⁹² ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 37. In: GS, Band 6, p. 45. “Auf die Tröstung, Wahrheit sei unverlierbar, hat Philosophie zu verzichten”.

seguro e até ser falso. Ora, o contexto em que os conceitos, então aprisionados, podem ser coercivos e violentos, vindouros em sua relação e em sua exposição. Necessita-se perceber seus limites enquanto pretensão de ser em sua atividade conceitual, característica de sua identidade:

A não-verdade da própria conexão imanente, contudo, revela-se para a experiência imponente de que o mundo, que se organiza de maneira tão sistemática como se fosse a razão realizada, glorificada por Hegel, eterniza ao mesmo tempo em sua antiga irrazão a impotência do espírito que parece onipotente. A crítica imanente do idealismo defende o idealismo na medida em que mostra o quanto ele engana a si mesmo; o quanto aquilo que é o primeiro e que, para ele, é sempre o espírito, se acha em cumplicidade com o predomínio cego do simples ente. A doutrina do espírito absoluto favorece imediatamente uma tal cumplicidade.¹⁹³

Quando o próprio conceito se abre para uma outra realidade ainda possível, rompe com a sua identidade e reconhece a insuficiência do pensamento conceitual. Ora, se a identidade hegeliana é um conceito que está relacionado a uma das formas da ideologia, a não identidade está relacionada com a diferença, como a heterogeneidade na relação entre pensamento e realidade. Por meio do conceito, a dialética negativa requererá e suscitará a sua não identidade quando faz a experiência do encontro com aquilo que não está posto já nele. Portanto, não é simplesmente sair de si, isto é, romper com os conceitos hipertrofiados, mas acolher aquilo que lhe prova estranhamente, de uma natureza ainda não compreensível. Trata-se de reconhecer e de ver as diferenças da realidade em sua própria relação de resistência ao fazer uma crítica a si mesma. Mas cabe observar que o não-idêntico não é uma constituição da categoria da negação negada:

A dialética significa objetivamente quebrar a compulsão à identidade por meio da energia acumulada nessa compulsão, coagulada em suas objetivações. Isso se impôs parcialmente em Hegel contra ele mesmo, que com certeza não podia admitir o não-verdadeiro da compulsão à identidade. Na medida em que o conceito se experimenta como não-idêntico a si mesmo e como movimentado em si, ele conduz, não sendo mais simplesmente ele mesmo, àquilo que na terminologia hegeliana é denominado seu outro, sem o absorver. Ele se determina por meio daquilo que lhe é exterior porque, de acordo com seu caráter próprio, ele não se exaure em si mesmo. Enquanto ele mesmo, ele não é de maneira alguma apenas ele mesmo.¹⁹⁴

¹⁹³ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 34. In: GS, Band 6, p. 40-41. “Die Unwahrheit des Immanenzzusammenhangs selber jedoch erschließt sich der überwältigenden Erfahrung, daß die Welt, welche so systematisch sich organisiert, wie wenn sie die von Hegel glorifizierte verwirklichte Vernunft wäre, zugleich in ihrer alten Unvernunft die Ohnmacht des Geistes verewigt, der allmächtig erscheint. Immanente Kritik des Idealismus verteidigt den Idealismus, insofern sie zeigt, wie sehr er um sich selber betrogen wird; wie sehr das Erste, das ihm zufolge immer der Geist ist, in Komplizität mit der blinden Vormacht des bloß Seienden steht. Die Lehre vom absoluten Geist befördert jene unmittelbar”.

¹⁹⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 136. In: GS, Band 6, p. 159. “Dialektik bedeutet objektiv, den Identitätszwang durch die in ihm aufgespeicherte, in seinen Vergegenständlichungen geronnene Energie zu brechen. Das hat partiell in Hegel gegen diesen sich durchgesetzt, der freilich das Unwahre des Identitätszwangs nicht zugestehen kann. Indem der Begriff sich als mit sich unidentisch und in sich bewegt erfährt, führt er, nicht länger bloß er selber, auf sein nach Hegelscher Terminologie Anderes³, ohne es aufzusaugen”.

Os pensamentos que passam a existir na relação dialética entre sujeito cognoscente e o mundo empírico tem sua origem e procedência no que ainda não está contido no conceitual. Mesmo que a filosofia não abdique de seu momento conceitual, para Perius convém que “ela não se reduza a uma apropriação de objetos através dos esquematismos de um sujeito transcendental ou de uma consciência, mas mantenha-se fiel ao momento de exposição (auto exposição) da própria verdade”¹⁹⁵. Em outras palavras, a própria filosofia no seu exercício de exposição e de movimento para o não-idêntico se constitui na relação recíproca que permite a possibilidade do objeto dizer o transitório e aquilo que é improvável aos olhares da razão reduzida à pura prática. Pode-se verificar que a

Identidade é a forma originária da ideologia. Goza-se dela como adequação à coisa aí reprimida; a adequação sempre foi também submissão às metas de dominação, e, nessa medida, sua própria contradição. Depois do esforço indizível que precisa ter custado ao gênero humano a produção do primado da identidade mesmo contra si mesmo, ele exulta e degusta sua vitória, tornando esse primado a determinação da coisa vencida: aquilo que sucedeu à coisa precisa ser apresentado por ela como seu em si. A ideologia deve sua força de resistência contra o esclarecimento à sua cumplicidade com o pensar identificador: com o pensar em geral.¹⁹⁶

De acordo com a postura adorniana, a categoria totalidade, ao ser conceituada, precisa ser pensada enquanto categoria associada à negatividade dessa relação com o contexto que está fora de si, permitindo, assim, em sua situação, a sua diferenciação. Pressupõe-se que é necessário pensar (dialética negativa) a partir de sua dinamicidade e de sua inadequação com o conceituado, tal como a sua permanente incompreensão enquanto expressão de um contexto. Penetrar na realidade sem a pretensão de esgotá-la em sua plenitude é significativo para a dialética que carrega a negatividade como um momento impulsionador e de vitalidade. Num sentido amplo, a negatividade e o conceito mantêm-se atrelados em seus limites na mesma realidade em que suas diferenças não fazem desaparecer a identidade. Observam-se as seguintes palavras: “Para o conceito, o que se torna urgente é o que ele não alcança, o que é eliminado

¹⁹⁵ PERIUS, Oneide. *Walter Benjamin: a filosofia como exercício*, 2013, p. 73.

¹⁹⁶ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 129. In: GS, Band 6, p. 151. “Identität ist die Urform von Ideologie. Sie wird als Adäquanz an die darin unterdrückte Sache genossen; Adäquanz war stets auch Unterjochung unter Beherrschungsziele, insofern ihr eigener Widerspruch. Nach der unsäglichen Anstrengung, die es der Gattung Mensch bereitet haben muß, den Primat der Identität auch gegen sich selbst herzustellen, frohlockt sie und kostet ihren Sieg aus, indem sie ihn zur Bestimmung der besiegten Sache macht: was dieser widerfuhr, muß sie als ihr An sich präsentieren. Ideologie dankt ihre Resistenzkraft gegen Aufklärung der Komplizität mit identifizierendem Denken: mit Denken überhaupt”.

pelo seu mecanismo de abstração, o que deixa de ser um mero exemplar do conceito”¹⁹⁷. Ao se expor, o conceito percebe a sua própria fragilidade e, ao aproximar-se do não conceitual, não se deixa submeter pelos mecanismos impositivos de abstração.

3.4 Razão do não-idêntico: potência crítica do pensamento

*O pensamento aberto não está protegido contra o risco de escorregar para o arbitrário; nada lhe garante que tenha se nutrido suficientemente com a coisa mesma para suportar esse risco.*¹⁹⁸

No movimento para o não-idêntico, assim caracterizado pela filosofia adorniana, a dialética negativa permanece numa tensão permanente entre o pensamento e a realidade a ser desvelada num movimento efetivo e de relação contínua. Esse desvelamento da realidade que é possibilitado pela dialética negativa traz um assentimento, uma singular inclusão e inserção do exercício de crítica permanente do pensamento na sua relação intrínseca com a experiência do procedimento não conceitual. Consoante à perspectiva explicitada, “o momento especulativo sobrevive em tal resistência: aquilo que não deixa sua lei ser prescrita pelos fatos dados, transcende-os ainda no contato mais estreito com os objetos e na recusa à transcendência sacrossanta”¹⁹⁹. Tal realidade é possível porque os pensamentos procuram ir além daquilo que nos é revelado pelas formas de pensamento protegido e controlado pela concepção tradicional, de modo a revelar a realidade pela relação dedutiva e circunscrita em suas ideologias.

As indagações inerentes ao âmbito da tematização do *não-idêntico* (Nichtidentische), que ainda não se integrou no sistema de conceitos e definições, deve ser expresso pela reflexão, por meio da linguagem filosófica. Mas, ao mesmo tempo, no mesmo exercício reflexivo, é possível preservar a não identidade (Nichtidentität) enquanto constelação, uma realidade autocompreensiva e múltipla. Dito de outro modo, um dos paradoxos do pensamento de Adorno, a partir da hipótese exposta, nas palavras de Tiburi, reside em que “a verdade, no entanto, não estaria fora do mundo, mas seria o perdido na cena da história e que, desde seu

¹⁹⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p.15. In: GS, Band 6, p. 20. “Dringlich wird, für den Begriff, woran er nicht heranreicht, was sein Abstraktionsmechanismus ausscheidet, was nicht bereits Exemplar des Begriffs ist”.

¹⁹⁸ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 38. In: GS, Band 6, p. 45. “Gegens Risiko des Abgleitens ins Beliebige ist der offene Gedanke ungeschützt; nichts verbrieft ihm, ob er hinlänglich mit der Sache sich gesättigt hat, um jenes Risiko zu überstehen”.

¹⁹⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 23-24. In: GS, Band 6, p. 29. “In solchem Widerstand überlebt das spekulative Moment: was sich sein Gesetz nicht vorschreiben läßt von den gegebenen Tatsachen, transzendiert sie noch in der engsten Fühlung mit den Gegenständen und in der Absage an sakrosankte Transzendenz”.

lugar negativo, aguardaria a chance de sua expressão”²⁰⁰. O conceito é constituído a partir da permanente contradição em que as determinações do pensamento se dão em uma peculiar exposição que traz à tona a própria dificuldade da relação da filosofia com a realidade²⁰¹. Isso indica que o conhecimento que o pensamento guarda provem da história que foi ocultada e que precisa ser despertada em boa medida em sua releitura por meio do processo dialético.

Como se observa acima, essa relação é complexa e, por isso, o sujeito se identifica com a realidade na sua mais remota contradição, sofrendo as consequências da instrumentalização e da eficácia dos mecanismos de controle da liberdade de expressão do pensamento. O papel de uma autorreflexão crítica é de acentuar que a realidade está em permanente processo de contradição e que a negatividade da dialética preserva o *lugar do oposto* (do outro) como possibilidade da existência de um conteúdo crítico que produz um pensamento caracterizado como *desuniforme*.

A reconciliação entre pensamento e realidade, dessa forma, pretende partir da mediação com a multiplicidade, a fim de estabelecer e constituir uma relação com o não-idêntico. Nota-se que nenhuma razão legitimadora consegue impor a lógica da dominação frente aos *vestígios, escombros e rastros da história* por meio de um pensamento que pretende abranger o real por sua força. A dor se manifesta no silêncio face ao desespero e a esperança consegue sobreviver em gritos e ecos, capaz de revigorar a razão do não-idêntico. O real vem à tona e se manifesta na sua dimensão mais ética possível, pois o “[...] mundo que afinal de contas está cheio de vestígios e de escombros, em outras palavras, está cheio de *dor*. E achar esperança no meio da dor não é fácil. Porém, o tempo, temporalidade nos ensina que ela está lá”²⁰².

Para Adorno, a filosofia autêntica em seu movimento não pode ficar atrelada ingenuamente ao formalismo das ciências particulares que possibilitam pensar a realidade a partir de dados empíricos com elementos fechados e idênticos e em si mesmos concebíveis ao seu entendimento e transformados em um veredicto sumário. Aqui é preciso reconhecer a contribuição do idealismo hegeliano no que diz respeito ao legado da ideia de infinito que, aos poucos, se tornou um aparato conceptual movido pela vontade do sistema e apreendido conceitualmente. Em tal referência, “a filosofia quer mergulhar muito mais literalmente no que lhe é heterogêneo, sem o reduzir a categorias pré-fabricadas. [...] É preciso abandonar a ilusão

²⁰⁰ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e dialética negativa* em Theodor Adorno. 2005, p. 11.

²⁰¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 12.

²⁰² SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética em Adorno*, 2011, p. 48.

de que ela poderia manter a essência cativa na finitude de suas determinações”.²⁰³

O pensamento autossuficiente que expõe estrategicamente os elementos que definem uma concepção da realidade é caracterizado por Adorno como fetichista. Essa característica de pensamento impele a dialética negativa a se distanciar dessa concepção, a expressar sua racionalidade própria, suas determinações, numa linguagem que se revela na insuficiência do conceito. No entanto, a manifestação da insuficiência do conceito que se realiza a partir de uma filosofia que tem sua expressão no não conceitual é assim caracterizada: “Alterar essa direção da conceptualidade, voltá-la para o não-idêntico, é a charneira da dialética negativa. [...] O desencantamento do conceito é o antídoto da filosofia. [...] ele impede que ela se autoabsolutize”.²⁰⁴

Nesse sentido, evidencia-se aqui o momento da crítica imanente e do caráter emancipador do pensamento. Esse traz na sua unidade a heterogeneidade expressa no momento em que o sujeito é afetado pela contradição da não identidade a partir do não-idêntico. Tal expressão caracteriza-se no momento em que a identidade e a contradição não se manifestam para pretender se revelar a partir do princípio de não contradição. Porém, cabe destacar, manifesta-se na insuficiência do pensamento que expressa e identifica a realidade no conceito. Dir-se-ia que “a identidade não desaparece por meio de sua crítica; ela se transforma qualitativamente. Vivem nela elementos da afinidade do objeto com o seu pensamento”.²⁰⁵

É notório que o conceito carece de uma interpretação e está aberto para expressar e dizer aquilo que, no entanto, lhe pertence em sua tarefa. A não identidade é a força do próprio pensamento em vista do conceito iluminar e autorreflexivo de si mesmo em relação à identidade que não é suprimida. A exposição adorniana em vista de pensar a realidade, em que a dialética é a consciência da não identidade, “o estimula ir além de si mesmo em busca daquilo que, do objeto, foi reprimido, não identificado, espoliado”²⁰⁶, ao aproximar-se do não conceitual. Para Adorno, pensamento crítico não é outra coisa que seu permanente constrangimento e compulsão

²⁰³ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 19. In: GS, Band 6, p. 24. “Vielmehr will sie buchstäblichin das ihr Heterogene sich versenken, ohne es auf vorgefertigte Kategorien zu bringen. [...]. Die Illusion, sie könne das Wesen in die Endlichkeit ihrer Bestimmungen bannen, ist dranzugeben”.

²⁰⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 19. In: GS, Band 6, p. 24. “Diese Richtung der Begrifflichkeit zu ändern, sie dem Nichtidentischen zuzukehren, ist das Scharnier negativer Dialektik. [...] Die Entzauberung des Begriffs ist das Gegengift der Philosophie. Es verhindert ihre Wucherung: daß sie sich selbst zum Absoluten werde”.

²⁰⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 130. In: GS, Band 6, p. 132. “Durch ihre Kritik verschwindet Identität nicht; sie verändert sich qualitativ. Elemente der Affinität des Gegenstandes zu seinem Gedanken leben in ihr”.

²⁰⁶ PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. *10 lições sobre Adorno*, 2015, p. 59.

em relação ao conceitual que, para além de si mesmo, na sua própria conceitualidade, toma consciência pelo movimento do não-idêntico. Assim, tal constatação pode ser expressa nos seguintes termos em relação ao pensamento dialético negativo no que concerne à problemática filosófica tradicional:

O pensamento irreconciliável é acompanhado pela esperança de reconciliação porque a resistência do pensamento ao meramente ente, a liberdade imperiosa do sujeito, também procura obter do objeto aquilo que se perdeu por meio de sua transformação em objeto.²⁰⁷

Destarte, o pensamento dialético visa explicar a realidade não apenas em relação ao que já é pensado, mas também ao que está reprimido. Há de se acrescentar que Adorno entende, nas palavras de Seligmann-Silva, que o conhecimento dialético se dá a partir da transitoriedade e não de um pensamento que tem sua eternidade na força restrita do conceito como consequência ordinária. Eis sua exposição: “Mas esse procedimento antissistemático não se confunde com um desprezo com relação aos conceitos. Antes, Theodor Adorno acredita que é através da abertura destes ao transitório que eles podem se manter fiéis à realidade”.²⁰⁸

Afinal, a partir desse percurso de pensar a realidade por meio do conceito tendo presente o modelo crítico de investigação, o método da dialética não parte de uma premissa básica para chegar a conclusões e ideias claras. Ainda, nesse ponto, é possível registrar a compreensão de Thomson: “Os conceitos não são entidades lógicas claramente distintas, mas estruturas móveis e incertas para apreender a realidade, cujas interações estão em constante evolução. Em vez de buscar paralisar esse movimento, a forma do ensaio deveria tentar imitá-lo”²⁰⁹. Tal configuração se realiza por meio do movimento: os elementos que compõem a estrutura do pensamento não se cristalizam, mas se desenvolvem em forma de constelação e por um gesto ensaístico e dinâmico. Ora, o caráter manifesto que a filosofia procura decifrar e que é notório nos vestígios dos limites da história da humanidade se constitui como o motor da dialética negativa.

A autocrítica de si mesmo e a autocompreensão da realidade possibilitam ao pensamento filosófico buscar a verdade na perspectiva de transitoriedade (não no sentido de fragilidade do conceito) a partir de uma relação intrínseca e dialeticamente negativa. Fragilizada é uma

²⁰⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 25. In: GS, Band 6, p. 31. “Unversöhnlichem Denken ist die Hoffnung auf Versöhnung gesellt, weil der Widerstand des Denkens gegen das bloß Seiende, die gebieterische Freiheit des Subjekts, auch das am Objekt intendiert, was durch dessen Zurüstung zum Objekt diesem verloren ging”.

²⁰⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*, 2009, p. 84.

²⁰⁹ THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*, 2010, p. 14.

concepção que, na sua reflexão, tem como verdade elementos de caráter ideológico, de procedência subjacente ao pensamento da identidade iluminista. Assim, dá-se o enquadramento da realidade por meio dos conceitos, por meio da racionalidade instrumentalizada e autoconservadora que opera com mecanismos de abstração nos quais as formas do conhecimento que buscam apreender a realidade são objetivadas e reduzidas em seu âmbito.

Sendo assim, o pensamento tem potencialidade autocrítica em si mesmo a partir da negatividade, superando a naturalização da racionalidade positiva que é dada pelo conceito. Na concepção adorniana, trata-se de empreender o negativo, pois o positivo já é dado, ou seja, está posto pela racionalidade vigente. Destarte, a ideologia começa na positividade, e “pensar é, já em si, antes de todo e qualquer conteúdo particular, negar, é resistir ao que lhe é imposto”²¹⁰. Essas condições surgem quando o pensamento é crítico de si mesmo por meio da dialética negativa. Superar a normalidade do pensamento que até então possui caráter iluminador da realidade na intenção de questionar põe em reflexão a naturalização do conceito. Ao não positivar a dimensão negativa da dialética, o seu instante, o não conceitual, que permanece numa permanente tensão crítica à concepção de sua relação com a identidade no interior da realidade, dá-se a *exposição do outro*, que não está enquadrada no sistema de pensamento.

Ora, ao dizer da insuficiência de qualquer que seja a compreensão da realidade, postula-se, por meio da linguagem dialética, a reciprocidade que transcende a qualquer experiência da relação entre sujeito e objeto. Assim,

Por meio da linguagem, ele se libera do encanto de sua ipseidade. Aquilo que no não-idêntico não pode ser definido em seu conceito excede seu ser-aí singular no qual ele não se concentra senão na polaridade em relação ao conceito, tendendo em direção a ele. O interior do não-idêntico é a sua relação com aquilo que ele mesmo não é e que lhe recusa a sua identidade arranjada, cristalizada, consigo mesmo. Ele só alcança a si mesmo na exteriorização, não em sua cristalização.²¹¹

A experiência de reconhecer-se na sua insuficiência é o elemento vital, componente necessário para a dialética negativa que não tem a finalidade de voltar-se contra si mesma, mas de possibilitar e de dar voz à sua própria fundamentação conceitual. O aspecto cético dessa

²¹⁰ ADORNO, *Theodor. Dialética negativa*, 2009, p. 25. In: GS, Band 6, p.30. “Denken ist, an sich schon, vor allem besonderen Inhalt Negieren, Resistenz gegen das ihm Aufgedrängte”.

²¹¹ ADORNO, *Theodor. Dialética negativa*, 2009, p. 141. In: GS, Band 6, p. 165. “Durch die Sprache löst es sich aus dem Bann seiner Selbstheit. Was am Nichtidentischen nicht in seinem Begriff sich definieren läßt, übersteigt sein Einzeldasein, in das es erst in der Polarität zum Begriff, auf diesen hinstarrend, sich zusammenzieht. Das Innere des Nichtidentischen ist sein Verhältnis zu dem, was es nicht selber ist und was seine veranstaltete, eingefrorene Identität mit sich ihm vorenthält. Zu sich gelangt es erst in seiner Entäußerung, nicht in seiner Verhärtung”.

reflexão filosófica exige não permanecer nos resultados abstratos, mas proceder a uma investigação que tem como quesito uma permanente resistência, sem perder de vista o limitado espírito crítico. Enquanto nas ciências particulares as perguntas e as indagações possuem a sua segurança nas respostas e são extintas quando respondidas no dizer do autor da *Dialética negativa*, na filosofia em uma preliminar resposta surgem novos desdobramentos provocados por outras interrogações que levam a pensar novas possíveis questões. A filosofia, entendida como experiência,

[...] não conhece, como é o caso da pesquisa, uma relação consecutiva de “antes e depois” entre a pergunta e a resposta. Ela precisa modelar a sua pergunta segundo aquilo que experimentou para poder recuperá-lo. Suas respostas não são dadas, feitas, geradas; nelas reaparece a questão desdobrada, transparente [...] Termos como problema e solução soam falsos na filosofia porque postulam a independência do pensado em relação ao pensamento precisamente lá onde pensamento e pensado são mediados reciprocamente.²¹²

Nessa perspectiva, a liberdade da filosofia crítica, que tem seu momento expressivo no movimento do não conceitual, impregna no seu interior uma experiência e um conteúdo que continuam sendo fracassados frente à positividade do conceito que tem como pretensão dizer o real expresso no juízo categorial. O momento de expressão do pensamento se caracteriza pela relação com os limites da possibilidade de o conhecimento ser heterogêneo.

A experiência do não-idêntico pode ser compreendida na autocrítica do encontro com o não conceitual mediante a possibilidade da sua relação com a facticidade da realidade e do pensamento. A filosofia da não identidade inerente às suas circunstâncias e imanente à realidade, em princípio, permanece insuficiente contra o esquecimento histórico que requer ser causado independentemente de sua relação. Por isso, a negatividade que está intrínseca na desagregação da realidade se configura em seus elementos positivos na relação com o não conceitual. Os elementos de positividade continuam na negatividade, a qual não é suprimida pela identidade em face a si mesma. Numa linguagem diferente e questionadora,

Secretamente, a não-identidade é o *telos* da identificação, aquilo que precisa ser salvo nela; o erro do pensamento tradicional é tomar a identidade por sua finalidade. A força que lança pelos ares a aparência de identidade é a força do próprio pensamento. [...] Em termos dialéticos, o conhecimento do não-idêntico também está presente no fato

²¹²ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 61. In: GS, Band 6, p. 71-72. “Sie kennt nicht, wie die Forschung, ein Erst-danach von Frage und Antwort. Sie muß ihre Frage modeln nach dem, was sie erfahren hat, damit es eingeholt werde. Ihre Antworten sind nicht gegeben, gemacht, erzeugt: in sie schlägt die entfaltete, transparente Frage um. [...] Worte wie Problem und Lösung klingen in der Philosophie verlogen, weil sie die Unabhängigkeit des Gedachten vom Denken gerade dort postulieren, wo Denken und Gedachtes durch einander vermittelt sind”.

de que justamente ele identifica, mais e de maneira diversa da maneira do pensamento da identidade.²¹³

O que é preservado nessa relação é a não identidade, que é motor da própria reciprocidade da dialética em movimento para o não-idêntico. Portanto, a realidade não está encarcerada e não se dá a partir da mediação do conceito que carrega tudo em si, mas na sua relação com os fatos, acontecimentos e reflexões críticas que a limitam a dizer uma única concepção de verdade. Desse modo, a filosofia adorniana não tem por finalidade ser, em nenhuma etapa de seus escritos, conduzida por um pensamento reflexivo motivado pelo espírito de sistema. Todavia, o espírito sistemático é uma das características de seu movimento filosófico com a perspectiva central de pensar a história como descontinuidade dos fatos. Para o autor em estudos,

As ideias vivem nas cavernas existentes entre aquilo que as coisas pretendem ser e aquilo que elas são. A utopia estaria acima da identidade e acima da contradição, uma conjunção do diverso. Em virtude dela, a identificação se reflete segundo o modo como a língua usa a palavra fora da lógica, língua que não fala da identificação de um objeto, mas da identificação com homens e coisas.²¹⁴

Essa vitalidade do pensar dialético na perspectiva adorniana salvaguarda uma racionalidade que permite trazer à superfície, às luzes da investigação, um pensamento que pode proporcionar uma racionalidade que não se identifica em possuir uma verdade em si mesma e se deixar abarcar ao sistema organizado na qual está imersa a sociedade contemporânea. O pensamento é imposto por um sistema organizado que configura e determina a realidade a partir de conceitos a fim de fortalecer uma ideologia que, na visão adorniana, está fragilizada e indica um estado de crise em âmbitos multidimensionais.

Assim, de acordo com o exposto, se torna cada vez mais evidente, “o sistema, uma forma de representação de uma totalidade para a qual nada permanece exterior [...]”²¹⁵, impõe uma

²¹³ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 130. In: GS, Band 6, p. 152. “Insgeheim ist Nichtidentität das Telos der Identifikation, das an ihr zu Rettende; der Fehler des traditionellen Denkens, daß es die Identität für sein Ziel hält. Die Kraft, die den Schein von Identität sprengt, ist die des Denkens selber: [...]. Dialektisch ist Erkenntnis des Nichtidentischen auch darin, daß gerade sie, mehr und anders als das Identitätsdenken, identifiziert”.

²¹⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 131. In: GS, Band 6, p. 153. “Die Ideen leben in den Höhlen zwischen dem, was die Sachen zu sein beanspruchen, und dem, was sie sind. Utopie wäre über der Identität und über dem Widerspruch, ein Miteinander des Verschiedenen. Um ihretwillen reflektiert Identifikation sich derart, wie die Sprache das Wort außerhalb der Logik gebraucht, die von Identifikation nicht eines Objekts sondern von einer mit Menschen und Dingen redet”.

²¹⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 29. In: GS, Band 6, p. 35. “System, Darstellungsform einer Totalität, der nichts extern bleibt”.

lógica absolutamente opressora e em favor de tudo aquilo que ecoa estranho ou heterogêneo ao pensamento. O ente heterogêneo e dinâmico da dialética que preserva a negatividade deve ser eliminado por meio do sistema que não deve nada tolerar fora de seu círculo ordenador e esquematizador. O saber absoluto, nesse modo de concepção, não permite um conhecimento com um potencial plural e um pensamento que constitui o mundo em suas diferenças. Por isso, a realidade, na concepção adorniana, está relacionada ao conceito de constelação:

O objeto abre-se para uma insistência monadológica que é consciência da constelação na qual ele se encontra: a possibilidade de uma imersão no interior necessita deste exterior. No entanto uma tal universalidade imanente do singular é objetiva como história sedimentada. Essa história está nele e fora dele, ela é algo que o engloba e em que ele tem seu lugar. Perceber a constelação na qual a coisa se encontra significa o mesmo que decifrar aquilo que ele porta em si enquanto algo que veio a ser. [...]. Somente um saber que tem presente o valor histórico conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto; atualização e concentração de algo já sabido que transforma o saber.²¹⁶

O momento da não identidade supera uma concepção filosófica que está recaída sobre si mesma e ignora tudo aquilo que é dessemelhante ou distante de seu conhecimento. Aquela realidade que não se enquadra ou não é resolvida dialeticamente na positividade pela força do próprio pensamento e que, em princípio, é aparência, na dialética negativa é tratada como possibilidade de uma verdade possível. As instâncias não reconciliadas mantêm-se e estão abertas enquanto oposição e mediação dialética. Fazer a experiência e expressar-se a partir do não-idêntico é a condição de ser do conceito que busca comunicar-se e permanecer para além de sua expressão categorial: “[...] e, assim aproximar-se do não conceitual: essa confiança é imprescindível para a filosofia e, com isso, parte da ingenuidade da qual ela padece. De outra forma, ela precisaria capitular, e, com ela, todo espírito”.²¹⁷

²¹⁶ ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*, 2009, p. 141-142. In: GS, Band 6, p. 165. “Das Objekt öffnet sich einer monadologischen Insistenz, die Bewußtsein der Konstellation ist, in der es steht: die Möglichkeit zur Versenkung ins Innere bedarf jenes Äußeren. Solche immanente Allgemeinheit des Einzelnen aber ist objektiv als sedimentierte Geschichte. Diese ist in ihm und außer ihm, ein es Umgreifendes, darin es seinen Ort hat. Der Konstellation gewahr werden, in der die Sache steht, heißt soviel wie diejenige entziffern, die es als Gewordenes in sich trägt. [...]. Nur ein Wissen vermag Geschichte im Gegenstand zu entbinden, das auch den geschichtlichen Stellenwert des Gegenstandes in seinem Verhältnis zu anderen gegenwärtig hat; Aktualisierung und Konzentration eines bereits Gewußten, das es verwandelt”.

²¹⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 16-17. In: GS, Band 6, p. 21. “und dadurch ans Begrifflose heranreichen könne, ist der Philosophie unabdingbar und damit etwas von der Naivetät, an der sie krankt. Sonst muß sie kapitulieren und mit ihr aller Geist”.

4 FORÇA CRÍTICA DO PENSAMENTO DIALÉTICO

*Todavia, aquela parte da verdade que pode ser alcançada por meio dos conceitos, apesar de sua abrangência abstrata, não pode ter nenhum outro cenário senão aquilo que o conceito reprime, despreza e rejeita.*²¹⁸

Pensar a filosofia como exercício do não-idêntico, requer compreender as formas de exposição e as dificuldades da descontinuidade do conhecimento enrijecido pela racionalidade instrumentalizada: uma filosofia que consegue refletir o processo que fere a dimensão da alteridade do sujeito cognoscente quanto à grandeza de sua perspectiva de emancipação. Em contraposição da concepção da positividade do absoluto e sua autorrealização na história, Adorno expõe outro ponto de vista: “A história é a unidade de continuidade e descontinuidade”²¹⁹. Isto é, a história, ao ser rememorada, recordada, trazida ao âmbito da reflexão e do pensamento em sua potência de criticidade, possibilita recriar, dar vida própria e dinamicidade ao filosofar. Os acontecimentos ou fatos históricos e seus contextos são importantes, mas a memória torna-se possível por meio de uma leitura crítica, na qual o exercício de sua exposição se dá na reconciliação da negatividade.

4.1 Por uma filosofia crítica da memória

*Mas, mesmo acontecendo isto, o perigo permanece. O passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas.*²²⁰

Inicia-se com uma indagação, uma questão da qual não se pode abrir mão, que não pode ser descuidada para pensar uma filosofia crítica da memória: como (re)ler o passado, fazer dele memória e descrevê-lo de forma crítica numa cultura que promove o esquecimento das vítimas? Essa pergunta remete a uma outra: é possível pensar contra a barbárie a partir do exercício do pensamento conceitual frente a uma realidade que nos é posta?

Um conhecimento crítico sem a memória não pode ser contraído ou potencializado pela dialética negativa, já que ela faz a experiência da necessária negação do que está exposto como

²¹⁸ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*, 2009, p. 17. In: GS, Band 6, p. 21. “Was aber an Wahrheit durch die Begriffe über ihren abstrakten Umfang hinaus getroffen wird, kann keinen anderen Schauplatz haben als das von den Begriffen Unterdrückte, Mißachtete und Weggeworfene”.

²¹⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*, 2009, p. 266. In: GS, Band 6, p. 314. “Geschichte ist die Einheit von Kontinuität und Diskontinuität”.

²²⁰ ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*, 1995, p. 49.

verdade. A memória não é reduzida apenas a determinados eventos históricos pontuais ou precisos, mas de ela também perceber a experiência catastrófica das vítimas e a sua manifestação social. Segundo as considerações de Loureiro, “[...] sem a memória, nenhum conhecimento que valha a pena pode ser alcançado. A memória não é uma síntese transcendental, fora do tempo, mas é algo que possui uma essência temporal que deva ser encontrada nos gritos das vítimas [...]”²²¹. Se o sofrimento é o ambiente dos limites, o lugar da angústia da humanidade, então é o novo imperativo categórico que se potencializa na relação da dialética negativa, espaço de contraponto à racionalidade instrumentalizada e da dialética que potencializa a sua força de ação na identidade.

O pensamento crítico deve possibilitar as condições para recriar a realidade a partir do sofrimento das vítimas, não simplesmente como recordação dos fatos ou uma concepção de história passional. Diante das injustiças cometidas contra as vítimas, cabe trazer à tona uma racionalidade ética, de responsabilidade com a justiça. Por isso, “essa memória seria interpelação, protesto contra a identidade e continuidade, oposição à possibilidade de eternizar o ocorrido. Como forma de práxis, aponta, evidentemente, para uma transformação do presente, sendo uma memória essencialmente política”²²². Portanto, uma memória crítica supera uma concepção que reduz a compreensão de história estritamente ligada aos fatos, em um determinado contexto político-histórico. Ou, em outras palavras, o conceito de memória não mais está vinculado estritamente a um instrumento que elabora o passado como recordação, mas tem com perspectiva, por meio de um conhecimento crítico, reler os fragmentos da história que foram negados pelo pensamento potencializado e instrumentalizado que procura preservar identidade da realidade imposta.

Por outro lado, as estruturas de opressão e as violências persistem em nosso tempo e vão se naturalizando e fazendo novas vítimas. Vê-se, portanto, assim caracterizada, nas palavras de Ruiz, a potência mítica que se reproduz e repete em novos arcabouços, sendo a naturalização da violência perceptível em seus atos e as novas formas de opressão. Segundo ele,

A potência mimética da violência possui uma especial conotação, ela tende a reproduzir como normais as semelhanças da violência. Torna a conduta das pessoas e das instituições semelhantemente violentas. A mimese naturaliza o comportamento, neste caso violento, e o reproduz de forma inconsciente como algo normal. Ela normaliza a violência tornando-a um componente normal da vida social ou uma tática natural para o governo institucional. A mimese da violência replica sua semelhança nas atitudes e valores ao ponto de torná-los normais. O dispositivo mimético

²²¹ LOUREIRO, Robson. *Memória e elaboração do passado no cinema de Alexandre Fluge e na filosofia de Theodor Adorno*, 2014, p. 174-175.

²²² ZAMORA, José A. *História, memória e justiça – Da justiça transicional à justiça anamnética*, 2013, p. 42.

normalizador da violência lhe confere um caráter natural, induzindo a sua (re)produção como algo normal/natural.²²³

Para Adorno, a potência crítica da dialética negativa tem por objetivo fazer memória e justiça às vítimas esquecidas pela história e que são neutralizadas pelo pensamento estratégico e elitizado. A sua expressividade caracteriza-se no momento que é relido aquilo que estava previsto e em continuidade com a filosofia que preserva a positividade como excelência, característica própria de sua vocação e de sua representação dialética. Essa compreensão de filosofia, conforme Adorno, é a proliferação de uma concepção que nega as injustiças e tenta reduzi-las a um processo de vitalidade do pensamento que se afirma em meio às ruínas da história, que vai naturalizando uma hegemonia na forma de pensar. O passado tem autonomia e vida própria no pensamento reflexivo dialético. Na concepção de Mate,

O passado não é um ponto fixo à disposição de um conhecimento rigoroso e sedento de dominar toda a realidade, incluído o que foi. O passado tem vida própria, surpreende a consciência presente, toma iniciativa. Não se capta esse passado, em segundo lugar, pela ciência, pela reconstrução científica, mas mediante a recordação. O passado nos advém, nos assalta, mas não de forma mecânica. É preciso que haja um sujeito predisposto.²²⁴

Por outro lado, se os vestígios de resistência se encontram na história, estão sedimentados, e a violência e os atos bárbaros contra a humanidade são uma marca da sociedade contemporânea, perpetuam-se e fazem-se presentes na humanidade esses atos desde tempos imemoriais, como apontam os autores da *Dialética do esclarecimento*. Se o mito se naturalizou na racionalidade com suas mais diversas formas de opressão e de injustiça, a sociedade moderna desenvolve um processo de desprezo quando não há mais reconhecimento de seu poder. A autoconservação e o medo são a genealogia da sociedade e o núcleo central de fragmentação da emancipação e do entendimento humano reflexivo. No dizer de Adorno e Horkheimer,

A base do saber-poder é o terror. A obsessão do diverso faz com que se recalque a multiplicidade à unidade de comando científico. É sob esse prisma que o iluminismo científico perpetua a necessidade do sacrifício no qual se baseava o antigo poder dos feiticeiros. Nele, como no mito, a brutalidade se ritualiza e tende a justificar-se pondo-se em relação com o sagrado. Na total secularização iluminista, o sagrado volta a confirmar-se como poder obscuro que pede sangue e exige sempre mais sacrifícios humanos. Repressão, violência, fanatismo, superstição, intolerância são o produto paradoxal do pleno e vitorioso desdobramento da racionalidade.²²⁵

²²³ RUIZ, Castor Bartolomé. *(In)justiça, violência e memória: o que se oculta pelo esquecimento, tornará a repetir-se pela impunidade*, 2013, p. 10.

²²⁴ MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentário às teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história*, 2011, p. 57.

²²⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 143.

Nessa perspectiva, observa-se o preciso e oportuno diagnóstico elaborado por Adorno e Horkheimer para quem o sacrifício faz parte da violência e do artifício de troca em que as vítimas estão permanentemente sob o domínio crescente do exercício da técnica, da abstração e da escravização da natureza. No percurso da dominação pela técnica, a racionalidade iluminista trouxe consigo as origens da instrumentalização da natureza e do sofrimento mítico. A figura de Ulisses²²⁶ na *Odisseia*, de Homero, retrata o protótipo da sociedade que precisa mimetizar seu sofrimento às custas da abstração impositiva que traz em si os germes da barbárie e da dominação.

A racionalidade moderna potencializou e salvaguardou uma resistência mítica reprimida que, voltada a si mesma, justifica-se no processo de racionalização e em sua dominação. Na concepção de Ruiz, na atualidade, a racionalidade reproduz a violência em si mesma, justifica os meios em vista de fins desejados, usa de estratégias e mecanismos violentos e impõe uma lógica instrumental para alcançar suas metas:

Na definição da violência anteriormente exposta há dois elementos que diferenciam claramente da agressividade.²²⁷ [...] A violência opera como meio estratégico para um fim almejado. A intencionalidade do sujeito elabora hermenêuticamente a violência como estratégia apropriada para um objetivo [...]. A racionalidade instrumental produz a violência como ato, o que diferencia qualitativamente da pulsão agressiva [...]. Segundo elemento constitutivo da violência é a negação total ou parcial da alteridade. Só o ato que nega o outro pode ser considerado violento.²²⁸

A racionalidade instrumental, nas suas múltiplas formas, procedimentos e situações de violências, desrespeita os direitos fundamentais dos seres humanos e transgredir os limites das leis morais²²⁹ e da ética. Mas a conclusão é a seguinte:

²²⁶ Na leitura de Adorno e Horkheimer, a vitória de Ulisses sobre cada potência mítica é a conquista sobre o seu próprio eu que se personifica no ir além de si mesmo. A astúcia de Ulisses tem, em grande parte, sua origem e é renovada no culto e na prática do sacrifício oferecido às divindades. Portanto, “Atua ao mesmo tempo como vítima e sacerdote. Ao calcular seu próprio sacrifício, ele efetua a negação da potência a que se destina esse sacrifício. Ele recupera assim a vida que deixara entregue” (ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 51).

²²⁷ Na compreensão de Ruiz, a agressividade é considerada como uma pulsão natural, ou seja, algo intrínseco da natureza de todos os seres vivos, no entanto, ela “[...] influencia a violência e mantém em comum a potência mimética, [...] contudo ambas não se identificam” (RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. *A justiça perante uma crítica ética da violência*, 2009, p. 90-91).

²²⁸ RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. *A justiça perante uma crítica ética da violência*, 2009, p. 90-91.

²²⁹ Os seres humanos e outras espécies criaram rituais para neutralizar sua agressividade e a destruição da própria espécie em vista de sua sobrevivência. Mas desde os primórdios da humanidade “As leis morais, não matarás, o direito e outras formas de tradição seriam recursos suplementares dos rituais que os seres humanos encontraram para neutralizar a pulsão mimética da violência” (RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. *A justiça perante uma crítica ética da violência*, 2009, p. 89).

Adorno pensou muito benjaminianamente que seria preciso convocar solenemente à recordação para evitar a repetição da barbárie. Se, apesar desse novo imperativo categórico – “reorientar o pensamento e a ação para que Auschwitz não se repita” –, os genocídios, as ditaduras e a injustiça social se repetiram e continuam campeando por seus lucros, será porque não basta a memória ou porque não temos recordado bem?²³⁰

Na sociedade instrumentalizada, existe a naturalização da violência como funcionalidade e necessidade de sobrevivência. Na intenção de atingir seus fins preestabelecidos, usam-se meios objetivos e estes, se transformam em elementos constitutivos intrínsecos à sua prática. A abstração é o elemento essencial para a racionalidade instrumental impor seu domínio e sua forma hegemônica de pensar o mundo. Quanto mais o conhecimento moderno consegue objetivar a natureza e constituir um pensamento restrito, mais progride a dominação.

O sujeito que não tem capacidade crítica de refletir tem sua percepção da realidade condicionada pela racionalidade instrumentalizada em seu modo de pensar. A desagregação dos potenciais da racionalidade crítica refere-se à capacidade de o sujeito interpretar os processos históricos a partir do conhecimento instrumentalizado. Nesse viés, destaca-se uma passagem que explicita a preocupação de Adorno com relação à racionalidade procedimental instrumentalizada que abarca o plano histórico-social e as estruturas que se tornaram cada vez mais autoconservadoras:

A deformação deplorada do mundo, uma deformação que abre as portas para o clamor pela ordem vinculante que o sujeito espera em silêncio que venha de fora, de maneira heterônoma, é, na medida em que sua afirmação é mais do que mera ideologia, fruto não da emancipação do sujeito, mas do fracasso dessa emancipação.²³¹

Frente ao exposto, percebe-se a importância de um pensamento crítico que compreende a realidade em sua não identidade, em que o não-idêntico potencializa um conhecimento em sua constelação. No exercício do filosofar é que se faz a experiência do encontro entre a realidade e o pensamento, as formas diversas de conhecer o mundo e seus diversos desdobramentos de possibilidades *sui generis*. Mas essa relação não se fundamenta num abandono do conceito. Antes, porém, ele é constituído no alcance de sua relação com a realidade

²³⁰ MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentário às teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história*, 2011, p. 33.

²³¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 87. In: GS, Band 6, p. 101. “Die beklagte Entformung der Welt, Auftakt zum Ruf nach verbindlicher Ordnung, die das Subjekt stillschweigend von außen, heteronom erwartet, ist, soweit ihre Behauptung mehr ist als bloße Ideologie, Frucht nicht der Emanzipation des Subjekts sondern von deren Mißlingen”.

que está além dela. Se a realidade se refaz a partir da história, permanece além do conceito. A experiência com a realidade não é suficiente, mesmo para a dialética negativa que, na sua relação com a realidade, reconhece os limites enquanto atividade intelectual e de práxis.

Diante do exposto, merece destaque Walter Benjamin, pensador que demarcou de modo peculiar o tema da memória. No seu texto *Sobre o conceito da história*, contrapõe a história entendida como sinônimo de progresso. De acordo com Gagnebin, tais teses têm sua particularidade não como uma mera especulação sobre os processos históricos elaborados, mas, acima de tudo, “[...] uma reflexão crítica sobre nosso discurso a respeito da história (das histórias), discurso esse inseparável de uma certa prática. Assim, a questão da escrita da história remete às questões mais amplas da prática política e da atividade da narração”²³². Para Benjamin, a história deve ser considerada um objeto de uma permanente construção em que seu espaço não é o tempo homogêneo nem um sentido vazio de significado, mas um espaço no qual se dão as experiências da humanidade. Nessa perspectiva, na VI tese, *sobre o conceito de história*, Benjamin expressa da seguinte forma:

O perigo ameaça tanto a existência da tradição com os que a receberam. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como vencedor do Anticristo.²³³

Assim, faz-se necessário considerar o exercício reflexivo e de discernimento enquanto um processo exigente e de inconformação com a realidade o qual é constantemente influenciado e afetado. Esses fatos e acontecimentos carecem de uma explicitação e caracterização coerente e consistente e que muitas vezes são falaciosos e amparados por exposições a partir de argumentos que defendem determinadas ideologias.

De acordo com Zamora, a crítica de Benjamin ao progresso “[...] pretende mostrar el carácter catastrófico de un horror que se despliega de modo regular y conforme a la ley, y para ello señala las circunstancias en las que el poder se impuso a través del estado de excepción que se ha convertido en la regla”²³⁴. Ou nas próprias palavras de Benjamin na tese VII da obra *Sobre o conceito de história* “nunca houve um momento da cultura que não fosse também um momento de barbárie. E, assim, como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o

²³² GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Prefácio - Walter Benjamin ou a história aberta*, 1994, p. 7.

²³³ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história*, 1994, p. 224.

²³⁴ ZAMORA, José Antonio. W. Benjamin: *Crítica del capitalismo y la justicia mesiánica*, 2009, p. 71.

processo de transmissão da cultura”²³⁵. A história como progresso produz a cultura da barbárie, e a barbárie no interior da cultura transforma-se em totalitarismo e expõe-se como instrumento de opressão que resulta em novas atrocidades contra a humanidade. Na *Dialética do esclarecimento*, é identificada como reação ao medo e o impulso crescente para o progresso e o domínio da natureza, sobrevivência e exercício de um poder exacerbado e instrumentalizado.

Benjamin toma uma posição de ruptura com o conceito hegeliano de história e sua dialética que preserva a identidade da realidade por meio do conceito, usada como possibilidade de legitimar fatos e acontecimentos históricos. Em face disso, volta-se ao ponto de partida dessa investigação a respeito de como a história tem uma importância significativa para a filosofia: a história, assim concebida, pode ter sua tensão vital na sucessão de fatos mudos, alegóricos e isolados, uma atitude crítica possibilita deslegitimar as estruturas opressoras do presente. Nesse sentido, na tese VIII, Benjamin²³⁶ assevera que precisamos construir uma concepção de história que possa articular e proferir a verdade e não retratar a falsidade de uma ideologia que se reproduz em todas as instâncias da vida, já que ela traz em si, a barbárie em suas mais variadas formas de manifestações no interior das culturas. Conforme Souza, ao reler o conceito de história em Benjamin,

O que pode ser feito no mundo “sem distinguir entre os grandes e os pequenos? Esta é a verdadeira tese da inversão da história, inversão da história apenas do “grande”. Pois a grande história aposta que tudo o que de irrelevante aconteceu está irremediavelmente perdido para ela, subsumiu-se em sua lógica e hipotecou seu sentido à mera inexistência: este é o fundamento da crença em sua (da grande história) legitimidade. O que significa, assim, que “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”? Tem-se, aqui, a sugestão de que o problema se dá em termos de *verdade* e *falsidade* – exatamente como consta, já, no âmago desta frase (“leva em conta a verdade”). O que está sendo dito, em última análise, é que a história que ignora esta verdade é uma história *não-verdadeira*, ou melhor, seu sentido, em sua seletividade majestosa, não coincide com sua intenção: sua malha é por demais grossa, e muito de significativo escapa de sua rede, em um processo de parcialização de sentido. A grande história é dessa forma *essencialmente falsa*, enquanto seletiva; seu sentido é *essencialmente falso*, enquanto se baseia em sua falsa seletividade. A grande história, na qual o Idealismo tantas esperanças depositou, e a qual Hegel elevou a alturas insuspeitadas, não é, portanto, mais do que uma *parcialidade* precária, uma parcela apenas da realidade que se hipertrofia e preenche a totalidade dos espaços, transformando-se por sua vez em Totalidade, em uma dinâmica de violência. Mas não uma parcela ingênua da realidade, porém exatamente aquela que *tomou para si*, desde as auroras do logos, a tarefa de *condução* e de *definição* do mundo. A grande história dispensa, despreza e desconhece os rastros, restos, traços e sobras, sob o pretexto de mantê-los por assim dizer *aufgehoben* em sua *verdadeira* realidade e em seu marchar triunfante.²³⁷

²³⁵ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*, 1994, p. 225.

²³⁶ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*, 1994, p. 226.

²³⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. *(Dis)pensar o ídolo*. Responsabilidade radical no pensamento contemporâneo, 2014, p. 79.

Levando em conta o estado de exceção que, na leitura de Benjamin, está instaurado, o processo do conhecimento e os conceitos constituídos não mais têm caráter de verdade, mas são conhecimentos instrumentalizados e subordinados às estruturas de dominação. Ao denunciar que ainda a humanidade vive sob o domínio da racionalidade instrumental e uma história deprimente, sugere que ela, a humanidade precisa de um conceito de história que possa revelar a verdadeira faceta da história que reproduz a barbárie no interior da cultura como forma de controle e manipulação do ser humano.

A filosofia, apesar de sua fragilidade, pode, pela força da dialética negativa, potencializar o pensamento na negatividade, tendo por objetivo uma leitura crítica da realidade. Para isso, faz-se necessária uma dialética essencialmente crítica que possibilita a compreensão dos horrores cometidos contra a humanidade e o seu processo histórico-social. E por essa razão, nas palavras de Adorno,

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam [...]. Assim, a corrosão por dentro representa algo objetivo; e as figuras ambíguas que efetivam o seu retorno só o fazem porque as condições lhe são favoráveis.²³⁸

A partir da hipótese exposta fica evidenciado, na óptica adorniana, que as formas de violência reconstróem o caminho da razão que se efetivou pela sua autoafirmação e que se reproduz na própria realidade com sua *força messiânica*. Nesse sentido, em seu texto *O que significa elaborar o passado*, Adorno distingue qual é o significado do (re)elaborar os escombros da sociedade de forma consciente, principalmente os *acontecimentos bárbaros* e quer fazê-lo de modo a que não se torne apenas um chavão que reproduz a lógica dominadora do pensamento opressor.

A violência em si mesma possui elementos que operam com meios estratégicos e objetivos para um fim planejado e almejado conforme as circunstâncias de instrumentalização e racionalização. O pensamento instrumentalizado caracteriza-se no esquecimento do passado

²³⁸ ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*, 1995, p. 29-30.

como condição para o desenvolvimento do conhecimento. No que se refere às ideias, Mate faz esta importante observação:

São dois olhares, pois sobre a mesma história: o do homem moderno que endossa o sofrimento humano, custo do progresso, ao capítulo da fatalidade natural e do anjo da história ou do alegorista que vê nele uma responsabilidade do homem. Pensamento mítico no primeiro caso, e histórico no segundo. A visão dos vencedores se prolonga naqueles sistemas ou interpretações que consideram Auschwitz um mero acidente da história que deve, certamente, ser corrigido para que a história siga seu caminho.²³⁹

Nessas circunstâncias, numa concepção puramente instrumentalizada, o mundo e a história têm sua essência e seu método na exposição do conceito de verdade reduzido à filosofia da consciência cartesiana e da filosofia da identidade, em que a autoexposição do pensamento e da verdade se dá por um caminho seguro. A verdade é posta e sua determinação segue um caminho traçado e seguro em vista de atingir os objetivos. A crítica de Adorno se dirige à práxis social dialética restringida e aos fenômenos subordinados aos conceitos e às suas regras.

A todo preço, esquecer o passado é aceito como uma justificativa razoável para aqueles que reproduzem a violência por meio de novas estratégias pelas quais a memória, o resgate das vítimas e o sofrimento do passado incomodam. Mais do que rememoração de fatos, de acontecimentos, “a elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência e, por esta via, também o seu eu”²⁴⁰. Quando se refere ao papel da filosofia, é necessário apontar para a sua indagação sobre a importância e o significado de elaborar o passado para fazer justiça às vítimas. Por isso, a sociedade que procura esquecer-se da história, ao não fazer uma memória crítica, passa a possuir fortes tendências de reproduzi-la em suas injustiças. Isso é visível do ponto de vista da lógica discursiva em que as categorias de contraposição contribuem para a negação da alteridade e para atingir um objetivo definitivo e instrumentalizado. As situações e as realidades diferentes são assimiladas uma à outra como equivalentes, justificadas inexoravelmente e imemoravelmente em sua significação intencional. Para Adorno, nessa característica de pensamento, ou seja, a dialética da história, “os acontecimentos são como substituídos pelos dejetos coisificados e enrijecidos”.²⁴¹

A história, os acontecimentos, enquanto experiências do sujeito, são interpretados ao contrário da verdade exposta e notória do conceito. Esta reflexão acolhe a extremidade oposta,

²³⁹ MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz*, 2005, p. 236.

²⁴⁰ ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*, 1995, p. 48.

²⁴¹ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 51.

aquilo que parece estranho e insustentável do pensar como atividade objetiva que traz à consciência uma realidade pela própria ação e sustentação de pensamento. Nesse sentido, cumpre lembrar as palavras de Filho:

É por isso que o resgate da dignidade humana passa, antes de tudo, pela memória, por um direcionamento da ação que esteja comprometido com o conhecimento do passado de dor, enfim, por uma história dos excluídos e dos vencidos, que possa redimir a humanidade da sua fria indiferença e prevenir a ação política de continuar aceitando a máquina do progresso em sua inclemência.²⁴²

Por isso, a importância de elaborar o passado numa perspectiva dialética crítica frente a uma consciência reificada: seu pensamento é ferido e abalado pela sensibilidade do sujeito que faz a experiência dos negligenciados da história. Na história reificada, justificam-se os atos bárbaros numa perspectiva de consolo às vítimas e esquece-se de fazer a justiça a elas por meio da memória de qualquer ato de violência. Por isso, na sua concepção,

Esse imperativo, longe de convertermos em estátuas de sal presas pelo passado, quer bem mais que isso, quer mobilizar a lembrança solidária com as vítimas, a memória das esperanças não-cumpridas e as injustiças pendentes de ressarcimento contra tudo que segue produzindo dor e sofrimento, aniquilando os indivíduos. Já não cabe nem a inocência nem o desconhecimento diante do horror da história.²⁴³

Essa recordação não pode ser simplesmente para que o passado não se repita, mas o objetivo fundamental está no ato de fazer justiça às vítimas – mesmo que essa reparação não seja suficiente para aqueles que sofreram nem para cessar a violência crônica da realidade contra as pessoas mais vulneráveis da sociedade – com o objetivo de que um pensamento crítico tenha a audácia de olhar para um futuro esperançoso em que o sofrimento seja compreendido em sua experiência e dor.

A dialética da reconciliação se dá a partir da memória que se manifesta e que desenvolve nas possibilidades de reação contra qualquer violência que impõe medo. Ou seja, um pensamento que se sustenta no fato de que o sofrimento nela está exposto e não é eliminado em nome de uma filosofia que em si mesma busca preservar a sua identidade, carrega em si rastros de morte e sofrimento em sua identidade²⁴⁴. Elaborar o passado para fazer justiça às vítimas

²⁴² SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. *O anjo da história e a memória das vítimas: o caso da ditadura militar no Brasil*, 2009, p. 126.

²⁴³ ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno – pensar contra a barbárie*, 2008, p. 13.

²⁴⁴ Na compreensão de Souza “[...] evidencia-se que nenhum tipo de sublimação resolve completamente a questão da barbárie original, como o que é mais importante e difícil perceber – os grandes paradigmas de barbárie *final* têm origem nos laboriosos processos de superação da barbárie *original*. Ainda mais: o próprio processo de

tem por finalidade combater qualquer violência ou atrocidade em sua memória e trazer à tona a dor e a resistência dos que sofreram e morreram em nome de um poder firmado pela violência. Nas palavras de Ruiz,

Onde se localiza a potência crítica da justiça? [...]. A justiça existe na forma de temporalidade aberta. Ela integra a potência anamnética que presentifica o passado e contém a potência utópica de antecipar o sentido do futuro almejado. A abertura temporal da justiça é um desdobramento da sua condição ética. A justiça não se limita à razoabilidade dos argumentos, algo do presente, nem à legitimidade dos procedimentos, próprio da ordem estabelecida. A justiça, embora exija ambos os elementos, existe a partir de sua relação com a alteridade humana, em especial o outro injustiçado, o que a torna eminentemente ética. A dimensão ética faz da memória das vítimas uma condição necessária da justiça. Os injustiçados não podem ser esquecidos, já que sua recordação é parte constitutiva do sentido da justiça. O passado da barbárie ou da injustiça há de ser lembrado como condição da justiça do presente.²⁴⁵

O objetivo norteador aponta para a capacidade de identificar, em meio as desesperanças, as condições das próprias vítimas, mesmo que aparentemente não existam, embora também seja insuficiente tudo o que está em prol de sua reparação. Mas se existe uma concepção, um sentimento de que elaborar o passado de forma crítica pode trazer à tona o sofrimento aos indivíduos que procuram de forma gritante superar as consequências das violências sofridas, faz-se necessário compreender os principais elementos próprios da história que estão no centro dessa relação.

Esta questão está relacionada à recusa de lembranças desagradáveis – que remetem à mentalidade que exclui toda e qualquer possibilidade de pensar uma racionalidade crítica, a não idêntica. Ela considera a impotência do pensamento esclarecido que se encontra em conformidade com a dialética do esclarecimento.

Para que Auschwitz não se repita, é necessário trazer à memória os fatos com suas circunstâncias, por mais variáveis que sejam, que ainda se conservam reprimidas e permanecem de uma forma ou outra na realidade e não se reproduzam novamente a um novo estado de barbárie. Isso causa uma estranheza à consciência, um pensamento que se opõe à concepção tradicional de conhecimento. Na compreensão positivista de progresso, a realidade existente identifica-se em suas determinações e se constitui em sua força para um movimento determinado, necessário e imanente à realidade:

transmissão da cultura reproduz a cada passo o processo genético original, exteriorizando, objetivando uma situação apenas depurada pela retrospectiva historiográfica (SOUZA, Ricardo Timm de. *Justiça em seus termos: dignidade humana, dignidade do mundo*, p. 29) [Grifos do autor].

²⁴⁵ RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. (Introdução). *Justiça e memória: para uma crítica ética da violência*, 2009, p. 8.

O que é o mesmo que dizer que a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento.²⁴⁶

A elaboração do passado significa um meio eficaz de desencantamento do transcorrido na medida em que o sujeito, que ainda sofre as consequências, admite identificar as circunstâncias pelas quais se assente de forma passiva com um sentimento simplesmente de culpa. Em tal situação, os mecanismos psicológicos são de repressão e estão imanentes à própria realidade do sujeito que sofre as consequências e encontra-se em uma situação de precariedade e vulnerabilidade.

Apagar a memória seria muito mais um resultado da consciência vigilante do que resultado da fraqueza da consciência frente à superioridade de processos inconscientes. Junto ao esquecimento do que mal acabou de acontecer ressoa a raiva pelo fato de que, como todos sabem, antes de convencer os outros é preciso convencer a si próprio.²⁴⁷

Por isso, elaborar o passado não é viver um ressentimento, um remorso, mas é fazer-lhe justiça. Cabe a indagação: por que elaborar o passado se ele se assemelha em grande parte com as realidades atuais, principalmente com as situações de guerras e violências? Para que *Auschwitz não se repita*, a dialética negativa tem um papel importante, qual seja, possibilitar que o poder violento do conhecimento, do pensamento e do conceito, que está instrumentalizado, seja colocado em questão por intermédio de uma reflexão que acentue a dimensão autocrítica. Por isso, o não-idêntico está em permanente movimento e traz à luz uma racionalidade filosófica que está preocupada com os problemas e situações sociais:

La memoria digna de ese nombre es la memoria del pasado ausente. Hay un pasado que está presente y es el de los vencedores. Ahora bien, como el vencedor de hoy se siente receptor de un patrimonio que han creado los vencedores del pasado, se sienten autorizados para señalar determinados días del calendario y festejarlos de generación en generación. Pero también hay un pasado vencido, ausente del presente. Ese es el pasado moral y políticamente creativo. Pero ese pasado no se celebra sino que se le recuerda para hacer actual la injusticia pasada y para marcar un sentido al futuro.²⁴⁸

²⁴⁶ ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*, 1995, p. 33.

²⁴⁷ ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*, 1995, p. 34.

²⁴⁸ MATE, Reyes. *Fundamentos de una filosofía de la memoria*, 2009, p. 34.

A história carrega a passividade e a esperança e, portanto, permanece na cena e na *anamnese*, despertando o não vivido e a ausência do que estava perdido intencionalmente. Pensar o perdido é tarefa nobre e primordial para a dialética do não-idêntico em oposição a uma totalidade abarcadora que se fundamenta estritamente naquilo que é conceitual.

É nessa perspectiva que se constitui a possibilidade de dar voz às vítimas. Em outras palavras, numa linguagem adorniana, a construção de uma racionalidade do não-idêntico – sem hipostasiar uma atividade conceitual em si mesma, mas numa atividade filosófica – rompe com o pensamento condicionado pela estrutura mediada pela consciência do limite da racionalidade autoconservadora. Conforme Adorno,

Em vez disso, ela tem por tarefa perseguir a inadequação entre pensamento e coisa; experimentá-la na coisa. A dialética não precisa se deixar intimidar pela acusação de estar possuída pela ideia fixa do antagonismo objetivo, apesar de a coisa já estar pacificada; nada singular encontra a sua paz no todo não-pacificado. Os conceitos aporéticos da filosofia são as marcas daquilo que não é resolvido, não apenas pelo pensamento, mas objetivamente.²⁴⁹

A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição da possibilidade da verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito, aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, que é objetivamente mediada. É no próprio exercício reflexivo que a filosofia tem sua tarefa primordial e cuja exposição se dá naquilo que foi redimido e caiu no esquecimento pela história. A possibilidade da filosofia que se constrói em sua hermenêutica tem seu enraizamento num movimento incessantemente do seu objeto, da sua práxis, daquilo que a cultura e a sociedade em sua esperança manifestam em sua singularidade, ou seja,

Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. Essa segue o ímpeto expressivo do sujeito. A necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado.²⁵⁰

²⁴⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 133. In: GS, Band 6, p. 156. “Statt dessen ist es an ihr, der Inadäquanz von Gedanke und Sache nachzugehen; sie an der Sache zu erfahren. Den Vorwurf der Besessenheit von der fixen Idee des objektiven Antagonismus, während die Sache schon befriedet sei, braucht Dialektik nicht zu scheuen; nichts Einzelnes findet seinen Frieden im unbefriedeten Ganzen. Die aporetischen Begriffe der Philosophie sind Male des objektiv, nicht bloß vom Denken Ungelösten”.

²⁵⁰ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 24. In: GS, Band 6, p. 29. “Worin der Gedanke hinaus ist über das, woran er widerstehend sich bindet, ist seine Freiheit. Sie folgt dem Ausdrucksdrang des Subjekts. Das Bedürfnis, Leiden beredt werden zu lassen, ist Bedingung aller Wahrheit. Denn Leiden ist Objektivität, die auf dem Subjekt lastet; was es als sein Subjektivstes erfährt, sein Ausdruck, ist objektiv vermittelt”.

O desejo da verdade está reservado naquilo que está oculto e aparente para a razão iluminadora, pois se manifesta no horror e tem sua expressão no inexistente na cena da história. Não que precisa salvá-la e transformá-la segundo os princípios metodológicos que asseguram a fórmula de dizer aquilo que o pensamento guarda em si, mas um olhar sobre aquilo que se torna suspeito em face do que pode ser expresso na temporalidade. É a experiência do abismamento diante do horrível e os vestígios e, por consequência, dos escombros da barbárie. A tensão dialética entre a realidade e o pensamento não é desviada nem excluída de seu pensamento crítico e de sua utopia. Segue, assim, o comentário de Mate:

La verdad que persigue el conocimiento es más que lo que está presente; también implica a lo ausente. ¿Cómo se conoce lo desconocido, lo que ha quedado en las cunetas de la historia etc.? La categoría “concepto” es insuficiente pues no se puede aprehender o captar lo que no es. Hay que poner en marcha otros recursos, a sabiendas de que en ese caso la iniciativa viene del exterior. Se puede hablar de negatividad en el sentido de que el conocimiento cuestiona la pretensión de lo fáctico a presentarse como la realidad. Lo negativo, lo oculto u ocultado, lo ausente, toman la iniciativa y colocan al conocimiento en una posición de máxima fragilidad, obligado siempre a revisarse, a incorporar la nueva pregunta que impele a recomponer el equilibrio anterior.²⁵¹

Porém, isso não significa que será uma tarefa fácil para um pensamento que se encontra no reverso da ciência instrumentalizada e iluminada por um aparato tecnológico com a tarefa de conseguir perceber os mais remotos dos vestígios históricos que se encontram soterrados em ruínas. O pensamento que preserva a identidade como condição necessária, mediado por uma perspectiva de totalidade, constitui-se como instância que mantém vivo um pensar instrumentalizado. Para Zamora, a condição de possibilidade de uma crítica encontra-se na resistência do próprio sofrimento que permanece na sua experiência do não-idêntico e tem sua insuficiência no pensamento. Para ele, “a oportunidade para que o pensamento identificador e discursivo possa tomar consciência do pouco que alcança para penetrar no pensado, do pouco que alcança sua meta: o não-idêntico nasce da experiência do sofrimento”.²⁵²

Se a tarefa da reflexão filosófica tem como principal objetivo destrinchar o recalque da história tradicional, daquilo que está reprimido pelo discurso conceitual, o momento expressivo da dialética negativa é considerado importante para uma concepção crítica da realidade. Surge a questão: em que medida é possível que aquilo que foi reprimido, a história ocultada, aquilo que não chegou a ser história, possa ser concebido como pensamento crítico? O ponto central

²⁵¹ MATE, Reyes. *Fundamentos de una filosofía de la memoria*, 2009, p. 20.

²⁵² ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno - pensar contra a barbárie*, 2008, p. 206.

que instiga a proposta do pensador frankfurtiano enraíza-se no encontro daquele que não tem rosto e é negado pelo pensamento iluminador. Sendo assim,

Na *dialética negativa*, o conhecimento deve se voltar para o que não se inseriu, não se enquadrou, segundo Adorno, na dinâmica da história nem como vencedor nem como vencido, para o que, nas suas palavras bastante benjaminianas, são os “resíduos e pontos sombrios que escapam à dialética”. É isto o que significa que a justiça aos mortos é irreparável.²⁵³

O instrumento da justificação ideológica redimida a partir de uma representação mimética limita-se a uma semiformação e, dessa forma, o oprimido é visto somente como resignado e vítima. Isso se mostra a partir daquilo que foi reprimido em nome do progresso. Nessa acepção, segundo Duarte, integrar o instante de expressão que, com efeito, “[...] confere à filosofia uma habilidade para penetrar nas camadas mais profundas de uma realidade que subjaz à realidade da aparência da reconciliação universal, para dar ‘voz à sua falta de liberdade’, algo que a ciência certamente não pode fazer”²⁵⁴. Pode-se perceber que a racionalidade instrumentalizada que tem sua potencialidade no formalismo objetivo, na coação do objeto e da história real com suas contradições, elimina a tensão dialética entre a realidade e os mecanismos de resistência. Para Adorno, as mediações históricas e sociais nas quais a dialética negativa está imersa, frente às sombras da não liberdade e da vida ferida, tornam-se contundentes para a reflexão filosófica enfrentar os paradoxos éticos e o esforço de pensar a possibilidade da própria negação da identidade enquanto categoria e essência de esgotamento crítico e da falsidade do pensamento.

A tarefa por excelência da filosofia é possibilitar que a verdade possa ser dita a partir de um rigor reflexivo sem deixar-se seduzir por uma exposição de si mesma. O pensamento blindado e o arcabouço teórico-cognitivo da racionalidade instrumentalizada é, nas palavras de Souza, um período de “[...] grave doença da temporalidade [...]. A primeira tarefa da filosofia é, portanto, ver como se constrói a naturalização de uma tal estrutura de violência – sempre de algum modo, negação da alteridade, do diferente, do não-idêntico”²⁵⁵. Frente a essa leitura, surge a questão: qual é o papel do passado para a dialética negativa fazer a justiça e memória das vítimas em vista de um pensamento crítico do presente?

Há uma naturalização da violência e da própria história que se reconstrói em suas

²⁵³ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e dialética negativa em Theodor Adorno*, 2005, p. 21. [Grifo da autora]

²⁵⁴ DUARTE, Rodrigo. *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão*, 2008, p. 35.

²⁵⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 32-32.

necessidades, reproduzindo os mecanismos de barbárie em sua contingência e, a partir da contribuição ideológica da dialética que preserva em sua identidade, o destino dos indivíduos. Para além de se deter em dados empíricos, evidencia-se: “Com a administração do massacre de milhões, a morte tornou-se algo que antes nunca fora necessário temer dessa forma. Não há mais nenhuma possibilidade de que ela se insira na experiência vivida do indivíduo como algo em uma harmonia qualquer com o curso de sua vida”.²⁵⁶

Nesse sentido, desafia-se a desenvolver a possibilidade da racionalidade do não-idêntico na relação dialética entre arte e sociedade. Na concepção de Adorno, a arte autêntica, autônoma, ou seja, a não instrumentalizada pela indústria cultural, caracteriza-se como expressão de um conhecimento que se constitui como contraponto ao contexto histórico e social, pois a relação com a sociedade está impregnada por uma dialética negativa, manifestação do pensamento do não-idêntico.

4.2 Arte e sociedade: possibilidade do não-idêntico

*O caráter enigmático das obras de arte permanece intimamente ligado à história.*²⁵⁷

Um aspecto relevante a se referenciar e mencionar no pensamento filosófico de Adorno é a não identidade do não-idêntico, que é preservada por meio da arte, através de sua linguagem que se renova permanentemente em razão de seu caráter enigmático, de memoração e de reconciliação crítica da realidade. É crítica porque, ao se expor com uma linguagem própria, nela contida de modo silencioso, opõe-se à sociedade reificada da racionalidade instrumental, um pensamento que tem a característica de objetivar o conteúdo na identidade positivada em si mesma. Na concepção de Adorno, a arte autêntica é o lugar da experiência do abismamento, que se expressa em forma de constelação e que traz à tona uma dialética negativa considerada crítica. Torna-se inadequada para um pensamento que procura guardar em si a sua conservação intermediada por conceitos considerados absolutos, válidos em si mesmos. Isso caracteriza a arte, ao mesmo tempo, como condição dos conceitos se renovarem incessantemente ao

²⁵⁶ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 299. In: GS, Band 6, p. 355. “Mit dem Mord an Millionen durch Verwaltung ist der Tod zu etwas geworden, was so noch nie zu fürchten war. Keine Möglichkeit mehr, daß er in das erfahrene Leben der Einzelnen als ein irgend mit dessen Verlauf Übereinstimmendes eintrete. Enteignet wird das Individuum des Letzten und Ärmsten, was ihm geblieben war”.

²⁵⁷ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 140.

experienciar o mundo, pois o conteúdo se revela a partir da realidade imanente que carrega em si mesma, sem estar submetida a nenhum procedimento filosófico instrumentalizado. Nesse sentido, sua condição permanece como promessa de felicidade, utopia negativa, da racionalidade do não-idêntico.

A arte é o lugar da experiência de outra forma de ler o mundo e de interpretá-lo a partir da capacidade autocrítica, sem ter a pretensão de ser uma nova racionalidade e nem a pretensão de ser expressão de um novo mundo, ou de ter um procedimento que se distancia da realidade social. A arte possibilita uma permanente tensão entre pensamento e realidade, espaço em que o mundo se encontra nela e expõe-se à interpretação como possibilidade de expressão do não-idêntico. Isso porque “a condição do caráter enigmático das obras de arte é menos a sua irracionalidade do que sua racionalidade”²⁵⁸. Destaca-se, nesse sentido, a participação no processo do conhecimento da realidade e de seu contexto por intermédio de um pensamento que tem condições de compreender seu enigma, sua ininteligibilidade. Ou, como aduz Fernández, “a antinomia fundamental da arte consiste em que ela é oposta da sociedade e, ao mesmo tempo, um fato social”²⁵⁹, que a coloca em um permanente estado de dificuldade ou de perigo por causa do constante movimento dialético e relacional de sua manifestação na sociedade.

Nas obras de arte autônoma, ainda é possível encontrar a possibilidade de existir uma linguagem que expressa uma racionalidade própria para refletir, para além do arcabouço da dialética que preserva a identidade de um pensamento conceitualizando. Por isso, a relação entre arte e sociedade é caracterizada nas seguintes palavras: “As obras de arte destacam-se do mundo empírico e suscitam um outro como uma essência própria, oposto ao primeiro como se ela fosse igualmente uma realidade”²⁶⁰. Pensar uma dialética que potencializa a negatividade como uma forma de construir um conhecimento relacional que seja reflexivo e crítico na possibilidade do não-idêntico, conforme propõe o pensamento filosófico de Adorno, é possível por meio da arte.

Na arte, há um conhecimento que não se deixa abarcar por um pensamento instrumentalizado. Sua manifestação não abre mão da liberdade de revelar-se por meio do conceito mediado pelo não-idêntico. Na experiência estética, o conteúdo crítico da arte é a

²⁵⁸ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 140.

²⁵⁹ FERNÁNDEZ VEGA, José. *Crítica e prazer na estética de Adorno*. A crítica do prazer e o prazer da crítica, 2005, p. 35.

²⁶⁰ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 12.

expressão do não-idêntico caracterizado como mudança e deslocamento tradicional da forma de pensar, do habitual. Conforme Gagnebin,

A importância decisiva da reflexão estética na filosofia de Adorno me parece se situar ali, nesta renovação do pensamento por aquilo que não foi pensado nem previsto, por aquilo que ameaça o pensamento, mas também o estimula, enfim, por algo que não lhe pertence, que lhe é estrangeiro, mas de que pode se aproximar para inventar novas configurações de sentido.²⁶¹

A arte é a aceitação do transitório que possibilita a construção de uma racionalidade do não-idêntico, do desprendimento filosófico da *Dialética negativa*. Segundo Souza, o conteúdo da arte pode ser assim enunciado com seu potencial dialético negativo e de estranhamento ao mundo: “A consciência da preeminência do não-idêntico frente ao idêntico – uma racionalidade do não-idêntico”²⁶². O sujeito se depara, fica abismado, mas também *olha e fica estupefato e*, num instante, é incapaz de compreender o que quer realmente dizer, pois fala uma linguagem que não é a da racionalidade hegemônica. Para ser compreendida, deve-se fazer um esforço além daquilo que está posto pelos parâmetros tradicionais de expressão do conhecimento que, de antemão, já fornece uma verdade, um conhecimento pré-determinado. Isso conduz à ideia central que deve ser observada, isto é, ao momento da identidade da arte:

Toda obra de arte aspira por si mesma à identidade consigo, que, na realidade empírica se impõe à força a todos os objetos, enquanto identidade com o sujeito, e deste modo, se perde. A identidade estética deve defender o não-idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade.²⁶³

Ela busca conquistar seu espaço e seu direito de existência em meio a uma pluralidade de concepções²⁶⁴. Sofrendo as consequências da racionalidade instrumental, a arte autêntica

²⁶¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*, 2006, p. 91.

²⁶² SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e a razão do não-idêntico*, 2004, p. 96.

²⁶³ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 15.

²⁶⁴ Se em cada época a arte tem seus procedimentos e seu caráter artístico, desde a antiguidade até nossos dias, a arte moderna, vive num contexto complexo, pois tem um papel importante, mesmo que seja aparentemente *muda* e tendo por razão ser contraponto ao conhecimento instrumentalizado. O próprio conceito de arte passa por dificuldade de ser reconhecido. Percebe-se a dificuldade e complexidade para realizar uma reflexão filosófica sobre a filosofia da arte. Veja-se nas palavras de Adorno como é o conceito de estética e sua complexidade para ser reconhecida como disciplina filosófica no meio acadêmico: “Tal como um cata-vento gira a cada pé de vento filosófico, teórico-científico, voltando-se ora para a metafísica, ora para o empirismo, normativa um dia e descritiva outro, visto agora a partir do artista e logo a partir do amador; hoje, ela vê o centro da estética na arte para o qual o belo natural se deve interpretar apenas como um primeiro grau, e amanhã encontra no belo artístico unicamente um belo natural de segunda mão” (ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 365). Adorno faz uma crítica a Kant e a Hegel, em cujas obras a arte estaria orientada por princípios filosóficos definidos, por normas globais e por conceitos preestabelecidos. Ambos teriam conseguido desenvolver uma grande estética sem nada compreenderem da importância da obra de arte como produção de um conhecimento crítico. Numa visão tradicional, a arte tinha por finalidade expressar beleza, gosto, ou ser uma representação da realidade sensível por

precisa retomar seu princípio de existência, a fim de possibilitar que seja um espaço, em forma de constelação, desenvolver um potencial crítico. A arte testemunha um mundo caracterizado e dominado pela violência numa perspectiva de denúncia e de resistência à cultura de massa.

No decorrer da *Dialética do esclarecimento*, é possível encontrar referências sobre a possibilidade e a condição das obras de arte autônomas como mediadoras e favoráveis à elaboração de um conhecimento crítico que, sendo assim, não se deixa abarcar pela lógica da racionalidade instrumental. Ou seja, “com o progresso do esclarecimento, só as obras de arte autênticas conseguiriam escapar à mera imitação”²⁶⁵. Na *Teoria estética*, “o lugar da arte tornou-se nela incerto [...]. Foi abalada, à medida que a sociedade se tornava menos humana”²⁶⁶, pois ela fala e produz sentido histórico: “A racionalidade é, na obra de arte, o momento criador de unidade e organizador, não sem relação com a que impera no exterior, mas não copia a sua ordem categorial”²⁶⁷.

Por isso, para Adorno, tem-se uma dificuldade em saber até que ponto a arte influi e participa da sociedade e de que forma mantém sua relação, sem ser instrumentalizada. A origem da reflexão adorniana sobre a possibilidade da obra de arte está associada às condições de sua relação e sua sobrevivência em uma época em que não se sabe mais nada sobre seus pressupostos²⁶⁸. Essa pluralidade no fenômeno estético é assim caracterizada: “[...] na impossibilidade, de tratar a arte em geral por meio de um sistema de categorias filosóficas; por outro lado, na dependência das proposições estéticas a respeito de posições teóricas-cognoscitivas, que lhe servem de pressupostos”²⁶⁹.

A racionalidade da arte autêntica aspira, por si, à sua identidade e possibilita um diálogo crítico aberto com conceitos não definidos de antemão. A outra, a racionalidade instrumentalizada, estabelece a sua força pelas normas estratégico-finalistas para todos os

meio de um sistema filosófico que já determinava sua condição de ser. Na concepção de Adorno sobre a obra de arte, não há mais necessidade da correspondência entre conteúdo e forma. E arte autônoma é aquela que não está ainda tão acessível às massas e, por isso, ela resiste à instrumentalização e à comercialização, ou seja, uma mercadoria industrializada.

²⁶⁵ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 26.

²⁶⁶ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 11.

²⁶⁷ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 70.

²⁶⁸ É importante abrir um parêntese para distinguir e esclarecer o conceito tradicional e o conceito pós-tradicional do fenômeno estético. Nas palavras de Gerson Trombetta: “Abordagem tradicional é entendida aqui como aquela que tem como guia um sistema filosófico e um objeto preciso – o belo ou beleza [...], ou seja, parte de um princípio filosófico predeterminado e analisa a arte e o conjunto dos fenômenos estéticos em decorrências teóricas deste princípio. Já a abordagem pós-tradicional é entendida como aquela que já não leva em conta um sistema filosófico e que alarga as possibilidades onde a arte pode atuar. O fenômeno estético, aqui, não é reduzido à ideia de beleza ou *exemplo de aplicação* de um princípio filosófico, mas também de conteúdo de verdade ele mesmo” (TROMBETTA, Gerson Luiz. *A relação entre arte e filosofia: um problema, várias abordagens*, 2001, p. 98).

²⁶⁹ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 365.

objetos e impõe uma lógica estruturada e determinada. Já na arte autônoma, a comunicação com a realidade social se dá a partir do diálogo de não comunicação direta, mas por meio da experiência do não-idêntico. Ou dito de outro modo, a arte autêntica não tem por finalidade e função de crítica diretamente à filosofia e sua racionalidade. Segundo Tiburi,

A arte representa a experiência do abismamento, o lugar do estranho [...]. O conhecimento não intencional, sem uma consciência de ser conhecimento. A arte não existe porque a filosofia precisa ser criticada, embora a filosofia possa ser criticada através da arte.²⁷⁰

Nesse ponto, é perceptível uma diferença entre a racionalidade que é científico-instrumental e a racionalidade da arte enquanto diálogo e relação com a sociedade, a qual possibilita a construção de novos conhecimentos numa perspectiva de resistência e de denúncia. O conteúdo da arte não está totalmente exposto na obra, permitindo, com isso, que seja interpretada de forma espontânea a partir de uma língua relacional e de liberdade em relação à sua natureza empírica. Tal caráter de contraponto presente na obra de arte faz com que tenha autonomia e resistência em relação às ideologias e às influências que poderia sofrer ao ter contato com elementos da realidade da sociedade que traz à reflexão. Para Tiburi,

A verdade da arte não é a verdade da razão tradicional, sua verdade está no fato de ser ela mentira, ilusão, que em referência à ilusão do estado de coisas real se torna verdade. Sua verdade é poder dizer que o existente engana [...]. A arte contém em si um momento racional, com elementos teleológicos compreensíveis pela lógica tradicional, e outro momento de uma racionalidade indecifrável por esta lógica, a qual Adorno trata como sendo a lógica imanente da obra.²⁷¹

A autonomia da arte em relação ao conhecimento conceitual e institucionalizado possibilita salvaguardar o caráter crítico de resistência à realidade no momento de sua relação com os elementos de racionalidade trazidos à tona pela dialética negativa. Na acepção de Petry, a autonomia da arte se caracteriza da seguinte forma: ela participa do mundo empírico e da realidade histórica pela qual se constitui por intermédio da realidade social da humanidade. Por outro lado,

[...] a arte tem um momento afirmativo, ao mesmo tempo em que contém uma dimensão de negatividade. A afirmação nela presente se refere àquilo que projeta por meio de sua forma, ao passo que a negatividade se relaciona à recusa em participar do mundo empírico, ao qual ela se eleva no momento em que supera a ideia de uma

²⁷⁰ TIBURI, Marcia. *Crítica da razão e mimesis do pensamento no pensamento de T. W. Adorno*, 1985, p. 80.

²⁷¹ TIBURI, Marcia. *Crítica da razão e mimesis do pensamento no pensamento de T. W. Adorno*, 1985, p. 83-85.

finalidade e de uma função social, qualidades essas que não coincidem com seu caráter social.²⁷²

A arte é expressão de uma comunicação indireta com o mundo, e o momento de relação que a constitui, por força de sua exposição e caracterização, não se identifica com a identidade da realidade. No entanto, a arte possui um caráter ambíguo: como artefato da realidade empírica, pela qual está exposta, e, ao mesmo tempo, distancia-se e tem autonomia de revelar seu conteúdo sem determinar os elementos que a caracterizam como uma obra de arte.

Concebida como capacidade muda de manifestar conhecimento específico, uma racionalidade própria, não fala em si mesma, não se deixa reificar pela lógica formal em função do processo técnico-instrumental. A arte não oculta a realidade, mas procura resgatar o que, de certa forma, a racionalidade normalmente reprime. Na nudez da arte está exposto o não-idêntico, característica que possibilita manifestar uma racionalidade oculta, reprimida, que carrega os antagonismos políticos e sociais como potencial crítico. Conforme Freitas,

A arte, desse modo, afasta-se da sociedade para dela falar de modo crítico e mais verdadeiro. Entretanto, essa proximidade não é algo pacífico e seguro, pois o isolamento da arte acaba atribuindo-lhe uma dimensão ideológica, pois deixa a realidade como está. O engajamento político da arte, na quase totalidade das vezes, é realizado à custa de sua dimensão artística propriamente dita. Assim, a arte precisa correr o risco do isolamento total, se pretende ter validade *sui generis*. A dimensão social da arte é então altamente aporética, ou seja, sem saída. Não há como estabelecer uma norma para dizer se a arte consegue firmar esse vínculo coletivo em segundo grau ou se ela se perde em um isolamento insignificante. Somente a análise crítica das obras é capaz de detectar se sua realização foi bem-sucedida, de tal modo que ela contenha uma dimensão social.²⁷³

No ente da arte, está contido o contexto social, pois resguarda uma natureza própria de domínio estético, em que seu conteúdo se constitui e se manifesta essencialmente na relação de estranheza, de resistência e de denúncia ao que está já posto e determinado. Essa ideia se destaca da seguinte forma: “O caráter ambíguo da arte enquanto autônoma e *como fato social* faz-se sentir sem cessar na esfera da sua autonomia”.²⁷⁴

Adorno quer salvaguardar a tensão que existe entre filosofia e arte na relação dialética. Porém, possibilita que a filosofia tenha sua liberdade de pensar e refletir a partir do conhecimento que a arte autônoma expõe. Na afinidade com a filosofia, a arte não é transformada puramente em uma reflexão filosófica. A verdade da arte pode ser caracterizada

²⁷² PETRY, Franciele Bete. *A relação dialética entre arte e sociedade em Theodor W. Adorno*, 2014, p. 399-400.

²⁷³ FREITAS, Verlaïne. *Adorno e a arte contemporânea*, 2008, p. 26.

²⁷⁴ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 16.

enquanto contraponto que a filosofia necessita para desenvolver um pensamento filosófico crítico. Desse modo, como expressa Freitas, “o prazer que a arte nos proporciona é o de descortinar este véu que paira sobre nossa individualidade concreta, reprimida e abafada pelo esforço individual de inserção na sociedade”.²⁷⁵

Por isso, a arte não pode ser vista como alternativa de uma nova verdade paradigmática, nem ser transformada em racionalidade objetiva que se expõe à sociedade como independente das demais formas de conhecimento. A relação da arte vai se construindo a partir de uma linguagem silenciosa, não conceitual, pela qual a filosofia precisa realizar uma cuidadosa e atenta intelecção para compreender aquilo que ela quer dizer de forma enigmática. A obra de arte autônoma não está impregnada de um conhecimento abstrato ou indiferente ao seu espaço social, conforme expõe o texto da *Teoria estética nas palavras dos comentadores*:

A *Teoria Estética* vai nos mostrar que as obras de arte além de nos despertar os sentimentos do belo, do êxtase, nesses mesmos sentimentos nos revelam o estremecimento, o espanto, a dor, a negação, a esperança. Impressionam nossa sensibilidade e pressionam a nossa racionalidade. Para Adorno, pois, deve existir no pensamento conceitual um momento mimético, como na arte deve existir um momento racional.²⁷⁶

Ao buscar compreender a obra de arte, é possível identificar ainda uma racionalidade crítica que não se deixou moldar nem manipular pela linguagem da racionalidade instrumental, tão veementemente repreendida pela concepção crítica de Adorno. Dito em outras palavras, a arte verdadeira tem sua negatividade imanente e sua capacidade de resistência na sua não comunicação direta ao mundo administrado: “Só pelo feiticismo, pela cegueira da obra de arte perante a realidade de que ela mesma é parte, é que a obra transcende o sortilégio do princípio de realidade espiritual”.²⁷⁷

A arte autêntica, ao resistir à instrumentalização, em sua circunstância e situação de existência, vive um momento de estranheza com o mundo. Aquilo que, em princípio, deveria ser percebido de antemão, acaba tornando-se cegueira, fuga perante uma racionalidade objetiva que somente é entendida por um viés de interpretação e de reflexão. Num momento em que há um descrédito em relação à racionalidade moderna, o conhecimento da arte autêntica caracteriza-se como uma nova possibilidade, uma forma eficiente de conter um conteúdo de

²⁷⁵ FREITAS, Verlaïne. *Adorno e a arte contemporânea*, 2008, p. 29.

²⁷⁶ ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Orgs.). *Adorno – o poder educativo*, 2008, p. 95 [Grifo dos autores].

²⁷⁷ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 375.

verdade. A perda da evidência da arte, de acordo com Adorno, “tornou-se manifesto que tudo o que diz respeito à arte deixou de ser evidente, tanto em si mesma como na sua relação ao todo, e até mesmo o seu direito de existência”²⁷⁸. Portanto, a autenticidade da arte caracteriza-se não em sua negação abstrata, mas em ser persistente e, ao mesmo tempo, resistente frente à racionalidade que, por meio de seu método de interpretação, objetiva abalá-la e legitimá-la.

Adorno reconhece a relação de aproximação com o mundo das coisas, o dado proveniente do real, no que diz respeito ao caráter empírico inerente à obra de arte. O paradoxo da duplicidade da arte como autônoma e produto social faz reconhecer seu caráter crítico ante a dominação. Como bem observa e ilustra Paviani,

A arte assume uma dimensão política, quando, sem deixar de ser uma forma típica de racionalidade e de imaginação, através de sua expressão, mostra a verdade oculta e reprimida do homem concreto [...]. Conquistada uma nova racionalidade e uma nova sensibilidade, a arte desperta o homem e a sociedade de seu sono ideológico, da situação consciente ou inconsciente que o cerca.²⁷⁹

Na concretude da obra de arte está contida uma racionalidade do não-idêntico que expressa um determinado contexto social. Na particularidade de cada obra, estão os elementos necessários para realizar-se uma reflexão crítica sobre a sociedade. Em cada obra de arte permanecem elementos contidos que se manifestam de forma implícita.

De acordo com Adorno, “o processo de repulsa deve continuamente renovar-se. Cada obra de arte é um instante; cada obra conseguida é equilíbrio, uma pausa momentânea do processo, tal como ele se manifesta ao olhar atento”²⁸⁰. A arte carrega os antagonismos não resolvidos e os coloca numa perspectiva dialética de transformação da realidade porque seu conteúdo não é neutro ou inseparável da realidade da sociedade na qual se insere e se relaciona. Mas, por outro lado, a arte, ao se colocar numa atitude de imparcialidade frente à realidade social e política da qual participa, manifesta a sua materialidade, os elementos salvaguardados e protegidos em relação à teoria. A linguagem instrumentalizada se revela por outro viés. Conforme Souza,

A realidade presente na arte é a realidade que não pode ser real na não-arte da facticidade histórica do preponderante e do hegemônico. A arte é a testemunha viva de uma realidade diferente. Uma realidade que não é, que não tem tempo para ser, paradoxo no seio do ocidente: o Não-ente, aqui entendido em seu máximo conteúdo de realidade. Não a impossibilidade afirmada do para-além-do-possível na dinâmica

²⁷⁸ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 11.

²⁷⁹ PAVIANI, Jayme. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*, 1996, p. 40.

²⁸⁰ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 15.

da totalidade auto-suficiente, mas a possibilidade do possível que, à revelia de postulados autônomos de sentido, vibra excentricamente em relação ao hábito ocidental de dotação de sentido: o não ser.²⁸¹

Mas como a filosofia pode alcançar a verdade ou o conhecimento crítico da realidade, visto que [a filosofia], por sua vez, encontra-se em estranhamento perturbador em relação ao real? O papel da filosofia não é de neutralidade, mas de mediação reflexiva, ou seja, enquanto atividade intelectual a filosofia tem a capacidade de refletir e interpretar o caráter enigmático e o conteúdo de verdade da obra de arte. A arte não tem a pretensão de ocupar o espaço da filosofia, porém a “arte necessita da filosofia que a interpreta, para dizer o que esta não pode dizer, enquanto somente através da arte pode ser dito, ao não dizê-lo”²⁸², numa linguagem muda e discreta, pois a filosofia, ao realizar a sua autocrítica, restabelece e restitui sua natureza, sua práxis com a sociedade – nesse caso, pela mediação da concretude da obra. Seu conteúdo se desvincula do colapso da razão totalizante e se liga, segundo Adorno, à natureza reprimida.

Nesse sentido, a mimesis proveniente de um processo histórico precisa reencontrar a sua reconciliação na filosofia da arte e se contrapõe à racionalidade das finalidades específicas do fulcro da modernidade. Conforme Freitas, “as obras de arte não são apenas um mero aparecer, como se sua essência se esgotasse na materialidade daquilo que se mostra”²⁸³. Elas realizam um contínuo processo de repulsa, de aversão e de autonomia ante a linguagem processual e dominadora da racionalidade instrumental. Exposto à reflexão, segundo Adorno, “o processo de repulsa deve continuamente renovar-se. Cada obra de arte é um instante”²⁸⁴ que desencadeia o que nela foi reprimido enquanto expressão artística porque sua natureza impõe limites ao objeto do conhecimento pela sua capacidade de fazer memória e expressar uma natureza reprimida.

Diante do explicitado, surgem algumas questões centrais, quais sejam: emerge a partir da arte uma racionalidade que supera os limites da razão para uma racionalidade mimética? É possível pensar uma racionalidade autêntica e crítica na mediação dialética entre pensamento e realidade? Frente a essas indagações, conforme Tiburi, “a arte será um modo de saber – enquanto saber originário – diverso do conhecimento científico ou da racionalidade tradicional”²⁸⁵. Adorno explicitará que a arte é ainda o único lugar de uma verdade possível,

²⁸¹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 101.

²⁸² ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 89.

²⁸³ FREITAS, Verlaïne. *Adorno e a arte contemporânea*, 2013, p. 49.

²⁸⁴ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 18.

²⁸⁵ TIBURI, Marcia. *Crítica da razão e mimesis no pensamento de T.W. Adorno*, 1995, p. 19.

dada a sua característica peculiar de intangibilidade e insuficiência, é incompreensível ao conhecimento conceitual.

Na obra de arte, está expresso de modo *sui generis* o contexto social, uma não identidade, que é inabarcável pela razão tradicional. Pela mimesis, a linguagem da arte cria a possibilidade de penetrar com conceitos o que não é conceitual, com a intenção de recuperar a reflexividade da racionalidade autêntica reprimida no interior de uma sociedade, nas relações sociais. A arte possui um duplo caráter: de um lado, o de ser parte inerente ao mundo da vida, a realidade do mundo e expressá-lo na racionalidade do não-idêntico; por outro, o de evidenciar seu distanciamento ao possuir uma linguagem própria, impenetrável e indeterminável pela racionalidade dialética que por meio do conceito que monopoliza o mundo. Face ao exposto, a arte reivindica a necessidade da filosofia, que a interpreta e comunica sua autonomia.

Desse modo, se a arte revela conhecimento de modo parcial, necessita que o seu conteúdo seja interpretado por meio da razão de forma crítica já que proporciona a capacidade de decifrar seu conteúdo e sua racionalidade. Por outro lado, a razão, em sua manifestação, não possui uma verdade em si mesma, precisa encontrá-la na experiência e na relação com a estética, por meio da dialética negativa:

Quanto melhor se compreende uma obra de arte, tanto mais ela se revela segundo uma dimensão, tanto menos, porém, ela elucida o seu elemento enigmático constitutivo. Só se torna resplandecente na mais profunda experiência da arte. Se uma obra se abre inteiramente, atinge-se então a sua estrutura interrogativa e a reflexão torna-se obrigatória; em seguida, a obra afasta-se para, finalmente, assaltar uma segunda vez com o ‘que é isto?’ aquele que se sentia seguro da questão. É possível, porém, reconhecer como constitutivo o caráter enigmático lá onde ele falta: as obras de arte que se apresentam sem resíduo à reflexão e ao pensamento não são obras de arte.²⁸⁶

Na concepção adorniana, ao explicitar seu conteúdo, a arte autêntica permanece estranha aos conceitos formulados e predeterminados pela racionalidade instrumental. A verdade da arte não aparece explicitamente na sua forma, se apresenta como um espaço, a rigor, inconquistável pela razão. Conforme Duarte, “na arte a presença do momento mimético atua, de modo imunizante, contra a sedução do tornar-se dominador”²⁸⁷ ao manifestar a sua potencialidade, muitas vezes, em um reduto desconhecido na tentativa de tornar-se compreensível e inteligível enquanto tradução de uma linguagem muda.

Numa relação dialética de movimento, o impulso mimético da arte autêntica cria a possibilidade de ser mediadora de uma verdade existente. O espírito alienado encontra uma

²⁸⁶ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 142.

²⁸⁷ DUARTE, Rodrigo. *Mimesis e racionalidade*. A concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno, 1993, p. 135.

relação adequada em favor do caráter enigmático que possibilita a expressão de uma linguagem própria. A mediação do conteúdo da verdade da arte, segundo Adorno, constitui um conhecimento dialético, pois carrega uma natureza reprimida que busca potencializar-se pela sua capacidade de resistência e antítese em relação à sociedade. A mimesis enquanto expressão artística não é neutra, mas está em relação no interior de uma obra de arte a partir de uma aproximação não violenta com o objeto na qual se dá a experiência do não-idêntico. Por isso, o comportamento mimético se refugia na arte, que se torna um espaço favorecido de uma capacidade de expressão de conhecimento. Sua natureza remete para além das relações de dominação e busca o que foi reprimido e submetido diante do relacionamento social. Nesse sentido, o conhecimento que está na arte caracteriza-se como continuação do não-idêntico proposto na dialética negativa.

A racionalidade mimética é o conhecimento de uma verdade não intencional que se constitui como contraponto a qualquer lógica discursiva, pois sua relação com o mundo é de transitoriedade e sua linguagem interrompe-se para garantir seu espaço de constelação, de tensão e de reflexão. Adorno esclarece que,

O processo de repulsa deve continuamente renovar-se. Cada obra de arte é um instante; cada obra conseguida é um equilíbrio, uma pausa momentânea do processo, tal como ele se manifesta ao olhar atento. Se as obras de arte são respostas à sua própria pergunta, com maior razão elas próprias se tornam questões.²⁸⁸

A obra de arte relaciona-se com a sociedade instrumental, mas em compensação não se identifica com ela, de modo que há uma relação de autonomia entre elas. Assim, a mimesis não é mais identificada como uma simples cópia ou reprodução da realidade, mas como aquela que designa um conceito estético de expressão que possibilita impulsionar o que está reprimido pelo contexto social no qual está inserida. Assim, a mimesis expressa uma racionalidade. Segundo Adorno, “a racionalidade é, na obra de arte, o momento criador de unidade e organizador, não sem relação com o que impera no exterior, mas não copia a sua ordem categorial”²⁸⁹. Mas, ao ser percebida, oculta-se, distanciando-se para retornar com um espírito novo, uma outra racionalidade possível. Ela resiste à integração social em forma de denúncia via sua reconciliação como uma natureza ainda não manipulada pela racionalidade instrumental.

²⁸⁸ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 16.

²⁸⁹ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 70.

O que está intrínseco na obra de arte é seu caráter enigmático e sua autonomia. Assim, Adorno pondera, que “o caráter enigmático das obras de arte permanece intimamente ligado à história. Por ela se tornaram outrora enigmas, por ela continuam a sê-lo [...]”²⁹⁰. Nisso está sua possibilidade de conhecimento, o que expressa sua condição de ser, pelo que representa. O lado autêntico da arte está em que esta se caracteriza como enigmática e, ao mesmo tempo, ao se demonstrar, constrói caminhos, faz memória histórica, possibilita ler a realidade pelo não-idêntico. O enigma, entretanto, se revela, mas não é esgotado, acaba renovando e compondo novamente o seu conteúdo de verdade. Ao renovar-se, o enigma necessariamente compõe novamente seu conteúdo. Paviani assevera que

As obras de arte são realizações de uma linguagem aparentemente muda, mas de uma mudez que fala. A expressão artística, afirma Adorno, tem um caráter dialético: ao mesmo tempo que fala, volta constantemente à sua mudez, e caráter enigmático: ao mesmo tempo que procura dizer o real, acaba ocultando-se.²⁹¹

De acordo com Adorno, pode-se perceber que a racionalidade instrumental baseada na ciência e na técnica – enquanto racionalidade predominante no conhecimento moderno científico – é apenas uma das formas de linguagem que predomina e determina a sociedade, as formas de vida e as ações do ser humano nas mais variadas configurações sociais e históricas. Frente a esse contexto, a arte configura-se como uma das formas de saber, de uma linguagem, em relação à emancipação da razão na perspectiva da *denúncia*.

Em suma, ao se tematizar o caráter enigmático na racionalidade da arte autêntica há que se destacar que isso remete para perceber-se o próprio papel da filosofia na história. A arte é entendida como fonte de saber em que a não identidade está contida nela. Como espaço que torna possível encontrar conteúdo de verdade, guarda nela a apologia da negatividade da ilustração moderna. Em decorrência disso, a arte é a afirmação e a negação de si mesma. Isso é, ao mesmo tempo em que se legitima para poder existir, também se configura como expressão da racionalidade do não-idêntico, mesmo de forma silenciosa. Sendo assim, permanece a indagação: como é que seu silêncio, a sua mudez, se caracteriza?

O ponto de partida da reflexão, conforme já esboçado, é a convicção de que a obra de arte possui um conteúdo próprio que se expressa como autonomia estética e, por isso, tem um grande potencial crítico liberado do pensamento tradicional. Por esse motivo, a arte participa

²⁹⁰ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 140.

²⁹¹ PAVIANI, Jayme. *A arte na esfera da indústria cultural*, 1987, p. 26-27.

“[...] do movimento real da história [...]”,²⁹² em que a sociedade aparece, numa linguagem adorniana, como um pressuposto necessário. A arte participa do processo histórico, e o que expressa está no campo da *imaginação dialética*, como afirmam os principais estudiosos e intérpretes do pensamento adorniano. A tensão que caracteriza o desenvolvimento dialético entre mimesis e racionalidade e que possibilita uma crítica imanente é descrita da seguinte forma por Duarte:

Para tanto, deve-se antes de tudo ressaltar a ambiguidade do conceito do domínio estético da natureza. Ela preserva, por um lado, os traços principais do seu correlato, i.é, do domínio real, econômico, da natureza. Por outro lado, ele se situa num ponto de vista crítico e este último, em virtude da presença do movimento estético imanente.²⁹³

Ao preservar a sua identidade, a arte é inabalável e irredutível à racionalidade instrumentalizada. O caráter enigmático da obra de arte não é neutro nem está desligado ou mesmo alheio à história. A obra de arte continua sendo enigma porque a história concreta se expressa nela, haja vista que a própria história quer se revelar, também sua racionalidade e seus mistérios. Por se tornar enigma e por permanecer aliada à história, a “[...] arte é refúgio do comportamento mimético. Nela, o sujeito expõe-se, em graus mutáveis de sua autonomia, ao seu outro, dele separado e, no entanto, não inteiramente separado”²⁹⁴. A arte quer ser o lugar da experiência enigmática que traz à tona a autocrítica da razão, sem ter a pretensão de querer ser um conhecimento específico e determinado, mas a racionalidade do não-idêntico.

4.3 Por uma racionalidade antissistemática

*A utopia do conhecimento seria abrir o não-conceitual com conceitos, sem equipará-lo a esses conceitos.*²⁹⁵

Observa-se, diante do proposto nesta investigação, que se faz necessário destacar uma peculiaridade, característica própria da dialética negativa, na qual a relação entre sujeito e objeto se configura do seguinte modo: se na concepção tradicional existe uma *adaequatio rei*

²⁹² ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 139.

²⁹³ DUARTE, Rodrigo. *Mimesis e racionalidade*. A concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno, 1993, p. 133.

²⁹⁴ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1970, p. 68.

²⁹⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p.17. In: GS, Band 6, p. 21. “Die Utopie der Erkenntnis wäre, das Begriffslose mit Begriffen aufzutun, ohne es ihnen gleichzumachen”.

*et intellectus*²⁹⁶, a compreensão da dialética, para Adorno, não tem como determinação ou finalidade esgotar a realidade por intermédio da expressão do conceito. O movimento dialético preserva a pluralidade das mediações [o que proporciona autonomia] e ressalta a dimensão da negatividade, aspecto fundamental para um pensamento crítico. Ou seja, a heterogeneidade enquanto exercício interpretativo da realidade e em sua exposição conceitual é preservada na dialética negativa, já que é concebida como experiência e relação do pensamento num viés crítico e de autonomia.

A potencialidade diz respeito à possibilidade crítica de uma razão reflexiva, que não mais tem a prepotência da totalidade, mas de uma relação e de uma exposição que permite experienciar as tensões existentes em sua própria contradição. Vê-se, desse modo, sob os mais diferentes aspectos, que o pensamento “[...] se opõe radicalmente à pura contemplação e/ou à grosseira identificação e se manifesta, em seu mesmo conceito, com esforço, construção, desconstrução. [...] A força especulativa, capaz de fazer saltar o insolúvel, é a negação”.²⁹⁷

A problemática supracitada requer a afirmação de um método de matriz constelar como caracterização fundamental e primeira do pensamento filosófico. Esse se desenvolve na relação com a realidade, de forma dialética, no intuito de conceber uma maneira de ler o contexto da realidade a partir do desvelamento contido na história, considerando as suas múltiplas infinitudes de variações. Por outro lado, o que deve ficar explícito é que, no procedimento dialético, o método é construído no processo, tendo em conta que

[...] a sequência das variações não obedece a uma lógica estrita; não está conduzida pelos conceitos de fundamento e de consequência [...]. Assim as variações não resultam uma da outra como necessidade lógica, não formam eles de uma cadeia lógica, que ou chega a um fim ou volta ao início [...]. Enquanto a sequência das variações poderia ter sido, até certo grau, diferente, o conteúdo de cada uma está firmemente conjugado ao conteúdo das outras. Cada uma aponta para as outras, fazendo com que o conjunto de todas forme uma estrutura de explicação mútua.²⁹⁸

O procedimento de passagem de uma à outra (concepções filosóficas e respectivos conteúdos) se realiza em forma de constelação e está interconectado, se revela em sua variação, tal como a heterogeneidade dos conceitos se relaciona mutuamente em vista da experiência filosófica. Nesse âmbito, é ainda importante ressaltar que o pensador de Frankfurt optou

²⁹⁶ ADORNO W. Theodor. *Três estudos sobre Hegel*, 2013, p. 117.

²⁹⁷ PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, 2000, p. 79.

²⁹⁸ TÜRCKE, Christoph. *Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à Dialética negativa*, 2004, p. 51.

deliberadamente por um pensamento antissistemático e contra, portanto, uma visão instrumentalizada da linguagem que perdeu a característica crítica.

Frente à tese exposta, o não-idêntico preserva-se e mantém-se eminentemente crítico em sua negatividade, na relação com o pensamento identificador da racionalidade e da linguagem instrumentalizada pela concepção de identidade do pensamento. A dialética negativa, na leitura de Zamora, “[...] não quer avançar, apressar-se na busca da síntese, mas prefere demorar-se, abandonar-se sem reservas ao objeto e deter-se para resgatar o que foi sacrificado pelo pensamento identificador”²⁹⁹. Frente ao exposto, percebe-se que o pensamento se estranha a si mesmo todas as vezes que expõe sua representação ou pretensão de identidade, ao colocar-se em movimento enquanto negatividade. A interpretação não seria uma exposição ou apropriação exclusiva de interesses particulares e instrumentalizados por parte do sujeito, mas uma experiência de relação e de reflexão que salvaguarda o pensamento crítico e a racionalidade do não-idêntico.

Esse caráter assistemático torna a reflexão filosófica de Adorno por vezes enigmática e indecifrável. Como bem observa de forma precisa Seligmann-Silva, “não pode deixar-se de lembrar também que sua recusa a reduzir o pensar filosófico a uma modalidade dos ‘trunfos’ levou-o a escrever uma obra que também se opôs à tradicional forma sistemática de apresentação das ideias”³⁰⁰. Nesse sentido, evidencia-se uma filosofia que permite e possibilita dar voz ao não-idêntico em vista de *desordenar* a linguagem articulada ao pensamento edificador que está bem estruturado a partir de uma racionalidade instrumentalizada.

Em vista de explicitar a figura paradigmática do espaço anômico, que tem sua força intrínseca a partir de elementos indeterminados, o não-idêntico pode ser assim expresso pelas palavras de Pucci: “Deve abandonar os problemas por cuja grandeza antes queria a totalidade se responsabilizar; hoje a interpretação se escorrega por entre as malhas dos grandes problemas [...] através da combinação de elementos mínimos, desprovidos de intenção”.³⁰¹

Adorno explicitou claramente em *Minima moralia* que não mede palavras para destacar que a produção de um texto requer a precaução e a nitidez em cada fragmento ou parágrafo em vista de não reduzir o conteúdo a uma forma determinada de antemão. Destarte, o escritor deve abrir mão, abdicar de escrever numa linguagem que evidencia demasiadamente a linearidade

²⁹⁹ ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno – pensar contra a barbárie*, 2008, p. 211.

³⁰⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*, 2009, p. 83.

³⁰¹ PUCCI, Bruno. *Atualidade da filosofia em Adorno*, 2000, p. 4.

discursiva, aquilo que se quer *ocasionar para fora* a partir de seus próprios condicionamentos. Desse modo,

Faz parte da técnica de escritura poder desistir até mesmo de ideias fecundas quando a construção exige. Sua abundância e força dão alento exatamente a ideias reprimidas. Como à mesa, não se deve comer o último bocado nem beber até a derradeira gota. Do contrário, nos expomos à suspeita de pobreza.³⁰²

Em se tratando de uma perspectiva metodológica processual, o caminho se constitui enquanto abertura permanente que, de acordo com Benjamim [parafraseado por Adorno], constitui uma viagem por paisagens áridas nas quais, a partir da abstração, se pode chegar ao filosofar sólido: “É preciso atravessar o deserto de gelo da abstração para alcançar definitivamente o filosofar concreto”³⁰³. De acordo com a compreensão de Adorno, o legado da filosofia está em ela ser crítica sem ter a pretensão de desenvolver um pensamento enrijecido, mas de um movimento e de relação permanente com a realidade pela qual ela está inserida.

Em decorrência disso, emerge da dialética adorniana, que rompe com a perspectiva tradicional de dialética, que é um modo de expressão do pensar filosófico que traz uma estrutura petrificada e constitutiva em vista de demonstrar sua estrutura, a segurança e hábitos filosóficos basilares. Souza, nesse sentido, expõe que

Este é o móvel fundamental do pensamento de Adorno: o pensamento que não esquece seus próprios condicionamentos, sua história, seus limites, suas origens e motivações originais, quase obsessivamente fixado em seus próprios condicionamentos, e que não suporta nenhum tipo de sublimação conciliatória em um todo racional, em algum tipo de Totalidade.³⁰⁴

A proposta que pretende explicitar o que é a filosofia visa expor e delimitar sua relação com a realidade. Nela o pensamento traz à tona o conceito, mas de modo ou em forma de constelação. Em decorrência disso, na concepção da filosofia adorniana o pensar deve romper com o seu próprio refúgio de acomodação, de seu caráter de *genialidade* – bem estruturado com o objetivo de construir espaços para um diálogo interdisciplinar. Essa modalidade de exercício filosófico tem por intenção edificar uma racionalidade aberta para o diferente [não-idêntico] a partir de uma linguagem que seja capaz de criticidade.

³⁰² ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 81.

³⁰³ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 7-8. In: GS, Band 6, p. 9. “- meinte er dazu, man müsse durch die Eiswüste der Abstraktion hindurch, um zu konkretem Philosophieren bündig zu gelangen”.

³⁰⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno e a razão do não-idêntico*, 2004, p. 96.

O nervo da dialética como possibilidade de construir uma negação determinada está em sua criticidade e em não ter a pretensão de ser aquilo a que se opõe; ademais, quer ser uma racionalidade ética na medida em que se relaciona com a sociedade sem querer subsumir as suas diferenças e isolar-se. As possibilidades da realidade existente de ir além do que existe são assim caracterizadas por Zamora:

Adorno opta, pois, por um pensamento que assume em si a esperança como uma dimensão essencial que o acompanha e, ao mesmo tempo, lhe mostra seus limites, já que o pensamento apenas vai além de si mesmo por meio da esperança, sem que isso suponha poder atribuir a realidade esperada [...]. Mas para chegar a entender a verdade como expressão do sofrimento, o pensamento tem que perceber em si mesmo o instinto, a necessidade e o desejo. Somente então se converte a duração em sua forma necessária, quer dizer, a rememoração, o impulso para salvar o passado como vivente.³⁰⁵

A crítica à racionalidade instrumentalizada está centrada no limite de se opor à linguagem reificada, sendo capaz, ao se expor, de demonstrar a sua falsidade, mas, ao mesmo tempo, de garantir que sua relação não seja de oposição fechada, característica de um pensamento totalitário. Ou, em outras palavras, pensar filosoficamente caracteriza-se como possibilitar que “a experiência do mundo, aquela visão para a realidade cujo pensamento também constitui um momento”³⁰⁶ da dialética negativa, momento assistemático fundamental para o próprio pensamento. Para Adorno, na dialética negativa o pensamento compreende-se a si mesmo em sua própria autorreflexão crítica em que as diferenças são integradas e não excluídas.

Nessa concepção, não há mais um sujeito que impõe uma lógica de abstração em vista de extrair do objeto apenas o que lhe interessa a partir dos fatos e acontecimentos. Essa nova abordagem possibilita reconhecer aquilo que permanece fora da sistematização do pensamento. Em sua experiência intelectual, o sujeito cognoscente se protege “[...] contra a construção de um muro entre si mesmo e o objeto, contra a suposição de seu ser-por-si como o em-si e por-si”³⁰⁷, possibilitando a reciprocidade e a espontaneidade em sua relação com o conceito e com a realidade a ser compreendida. Uma autorreflexão aberta tem consequências recíprocas quanto menos estiver submetida à identidade da dialética que guarda em si uma positividade. Tal caracterização da dialética negativa é assim referido por Adorno:

³⁰⁵ ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno – pensar contra a barbárie*, 2008, p.282-284.

³⁰⁶ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 33. In: GS, Band 6, p. 40. “Welterfahrung, jenen Blick für die Realität, dessen Moment auch der Gedanke ist”.

³⁰⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 34. In: GS, Band 6, p. 41 “[...] eine Wand zwischen sich und das Objekt zu bauen, sein Fürsichsein als das An und für sich zu supponieren”.

“O pensamento não-regulamentado possui uma afinidade eletiva com a dialética que, enquanto crítica ao sistema, lembra aquilo que estaria fora do sistema; e a força que libera o movimento dialético no conhecimento é aquela que se erige contra o sistema”.³⁰⁸

Pensar aquilo que não está exposto ou posto ao pensamento esclarecedor evita formalizar o não-idêntico em facticidade ou numa identidade instrumentalizada. A crítica à identidade sem identificar-se com ela, tampouco sem usurpar o seu lugar, está no interesse do não conceitual não abrir mão do conceito na perspectiva de sempre ir além dele por meio dele. Supõe uma autorreflexão permanente: “Seu verdadeiro interesse está no singular, o não-conceitual, o excluído e esquecido, ali onde a tradição filosófica declarou seu desinteresse. “O não-idêntico se mantém, pois, negativo e, contra toda pretensão de identidade, também não-idêntico consigo mesmo”³⁰⁹. Adorno considera as obras de arte como refúgio num espaço no qual o não-idêntico se identifica com a contraposição e com a expressão de uma linguagem ainda não instrumentalizada.

A arte carrega em seu interior o sofrimento, uma natureza oprimida, reprimida e desfigurada da humanidade, que não tem a finalidade de ser um conhecimento próprio em si mesma, que nega a realidade. No entanto, suporta e carrega a possibilidade da reconciliação do não-idêntico para além de toda dominação mensurada e imposta pela sociedade instrumentalizada. Conforme Adorno,

O conhecimento não possui nenhum de seus objetos completamente. Ele não deve promover o aparecimento do fantasma de um todo. Assim, a tarefa de uma interpretação filosófica de obras de arte não pode ser produzir a identidade dessas obras com o conceito, consumi-las nesse conceito; não obstante, a obra desdobra-se em sua verdade por meio dessa identidade. Em contrapartida, o que pode ser abarcado, seja como prosseguimento regulado da abstração, seja como aplicação dos conceitos àquilo que é concebido em sua definição, pode ser útil enquanto técnica no sentido mais amplo possível: para uma filosofia que não se subordina, ele é indiferente.³¹⁰

³⁰⁸ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 35. In: GS, Band 6, p. 42. “Der unreglementierte Gedanke ist wahlverwandt der Dialektik, die als Kritik am System an das erinnert, was außerhalb des Systems wäre; und die Kraft, welche die dialektische Bewegung in der Erkenntnis entbindet, ist die, welche gegen das System aufbegehrt”.

³⁰⁹ ZAMORA, José Antonio. *Th. W. Adorno – pensar contra a barbárie*, 2008, p. 212-213.

³¹⁰ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 20. In: GS, Band 6, p. 25. “Erkenntnis hat keinen ihrer Gegenstände ganz inne. Sie soll nicht das Phantasma eines Ganzen bereiten. So kann es nicht die Aufgabe einer philosophischen Interpretation von Kunstwerken sein, ihre Identität mit dem Begriff herzustellen, sie in diesem aufzuzehren; das Werk jedoch entfaltet sich durch sie in seiner Wahrheit. Was dagegen, sei's als geregelter Fortgang der Abstraktion, sei's als Anwendung der Begriffe aufs unter ihrer Definition Befabte, sich absehen läßt, mag als Technik im weitesten Sinn nützlich sein: für Philosophie, die nicht sich einordnet, ist es gleichgültig”.

A mudez da arte que se constitui não como imitação ou representatividade de uma realidade, mas como experiência do próprio sofrimento de uma identidade que impõe limites em virtude de sua condição de existir e de se constituir em *aparência real e de mediação*. Portanto, a experiência do pensamento na relação de aproximação com a realidade tem sua racionalidade constituída a partir do sofrimento e da mediação dialética do não-idêntico que carrega o que é fragmentário para a filosofia da identidade, expressão da objetividade: “Toda dor e toda negatividade, motor do pensamento dialético, se mostram como a figura multiplamente mediatizada e, por vezes irreconhecível, do elemento físico, assim como toda felicidade visa ao preenchimento sensível e conquista nesse preenchimento sua objetividade”.³¹¹

A consciência crítica perdeu sua potencialidade para a ideologia que preserva a objetividade, ou seja, a manipulação e a abstração tornam-se aparência efêmera, sem autonomia frente às potências que a manipulam e a individualizam em vista de interesses próprios. O impulso do progresso que quer romper com o sistema arcaico concebido como opressor recaiu na mesma órbita, ou seja, na dominação da natureza por meio da violência. Assim,

Esses impulsos fundem-se com o desprazer da fome na fúria contra a vítima, fúria essa cuja expressão a aterroriza e paralisa convenientemente. No progresso que leva até a humanidade, isso é racionalizado por meio de projeção. O *animal rationale* que tem apetite por seu adversário precisa, já detentor feliz de um supereu, encontrar uma razão. Quanto mais plenamente o que ele faz segue a lei da autoconservação, tanto menos pode conferir o primado dessa autoconservação a si mesmo e aos outros.³¹²

Interpretar o mundo é uma dificuldade e um desafio para o pensamento crítico da dialética negativa. O pensamento instrumentalizado impõe uma lógica da autoconservação do conceito que absorve qualquer concepção filosófica que procura enfatizar a heterogeneidade da não identidade na sua relação com o mundo. O sujeito irmana-se não para igualar-se ao objeto, mas para, a partir dele, possibilitar um encontro crítico em que ele próprio reconhece-se na condição de experiência e de possibilidade de ser, já que o sujeito se encontra sempre em relação e não somente é fruto estrito da racionalidade.

A autopreservação de ideias petrifica-se de modo que seu domínio acabe por salvaguardar as deduções caracterizadas como verdades absolutizadas, o que impossibilita

³¹¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 173. In: GS, Band 6, p. 202. “Aller Schmerz und alle Negativität, Motor des dialektischen Gedankens, sind die vielfach vermittelte, manchmal unkenntlich gewordene Gestalt von Physischem, so wie alles Glück auf sinnliche Erfüllung abzielt und an ihr seine Objektivität gewinnt”.

³¹² ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 27-28. In: GS, Band 6, p.33. “Diese fusionieren sich mit der Unlust des Hungers zur Wut aufs Opfer, deren Ausdruck dieses zweckmäßig wiederum schreckt und lähmt. Beim Fortschritt zur Humanität wird das rationalisiert durch Projektion. Das animal rationale, das Appetit auf seinen Gegner hat, muß, bereits glücklicher Besitzer eines Überichs, einen Grund finden. Je vollständiger, was es tut, dem Gesetz der Selbsterhaltung folgt, desto weniger darf es deren Primat sich und anderen zugestehen”.

estabelecer o diálogo com um pensamento que se dá por intermédio da filosofia que, em última instância, preserva a negatividade. Essa relação possibilitará a reconstrução do conceito em sua dinamicidade, permitindo que a reconstrução da noção de sujeito e objeto não seja uma definição fixa e absolutizada. A utopia de outra racionalidade, de uma nova configuração de organização do pensar a relação com a sociedade, evidencia que a dimensão da negatividade, que não é uma simples negação sem sentido, permite as diversas manifestações dos objetos em sua heterogeneidade e multiplicidade de estabelecer relação. Na compreensão de Tiburi, Adorno acentua a primazia do objeto em relação ao sujeito cognoscente em vista de perceber a heterogeneidade da realidade e fazer a experiência da autorreflexão. Para ele,

O sujeito será elaborado nessa relação sem ditar previamente as regras que a posso constituir. A interpretação corresponderá ao que poderia chamar uma práxis do pensamento, a uma experiência, tanto espiritual, quanto material. Ela será “não-regulamentada” enquanto a relação entre teoria e práxis não está a priori definida, assim como pensa Adorno no que concerne aos termos sujeito e objeto.³¹³

A relação entre sujeito e objeto se dá na tensão permanente, ciclo contínuo que não elimina nenhum dos dois ao se articular a partir da própria experiência dialética e da construção ininterrupta do conhecimento. Essa relação permanente conserva a negatividade como ponto nevrálgico de possibilidade e condição para o pensamento crítico. Desse modo, há uma articulação constante entre sujeito e objeto que possibilita à dialética negativa uma compreensão dinâmica da realidade, aberta ao pensar filosófico.

A dialética negativa, ao viabilizar uma nova interpretação da realidade, transforma as categorias, dispondo-as em forma de constelação, e acentua que a realidade está sempre aberta e em movimento no qual o sujeito crítico tem mais liberdade de se expressar e de construir um conhecimento que seja mais dinâmico. Na dialética negativa, que entra em contraposição a um pensamento sempre igual, a uma concepção vulgar de conhecimento, Adorno termina sua introdução afirmando que “a ele serve o pensamento, uma parte da existência que, como sempre negativamente, atinge o não-ente. Somente a distância extrema seria a proximidade; a filosofia é o prisma que capta suas cores”.³¹⁴

Para Adorno, a identidade já é uma característica própria e específica da ideologia, pois a realidade deve, pela força do pensamento, adequar-se por intermédio de uma síntese objetiva

³¹³ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e Dialética negativa em Theodor Adorno*, 2005, p. 140.

³¹⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 56. In: GS, Band 6, p. 65. “Ihm dient Denken, ein Stück Dasein, das, wie immer negativ, ans Nichtseiende heranreicht. Allein erst äußerste Ferne wäre die Nähe; Philosophie ist das Prisma, das deren Farbe auffängt”.

– e sua não identidade fica reprimida em seu potencial, em querer manifestar outra possibilidade de se expressar – tem somente por sua finalidade os elementos específicos de sua abstração. Por isso, na configuração das possibilidades do conhecimento até então numa visão tradicional, compreende-se a realidade como produção da abstração na lei de seu próprio movimento e a identidade é constituída a partir de sua ideologia: “Nesse pensamento, contudo, também se esconde o momento de verdade da ideologia, a indicação de que não deve haver nenhuma contradição, nenhum antagonismo”.³¹⁵

O conhecimento elaborado sobre a realidade é provisório, pois ela não permanece sempre a mesma e os próprios conceitos serão apenas temporários, por isso se faz necessário sempre analisar e revisar a compreensão. O primado do objeto atenta ao não conceitual, por isso, num sentido mais amplo, “*o espírito do mundo é*, mas ele não é nenhum espírito do mundo, ele não é nenhum espírito”³¹⁶, considerado com o negativo da concepção dialética, na possibilidade de interpretar o mundo, assumindo a condição do devir do pensamento crítico.

Assim, a dialética negativa consiste, de modo ímpar, em realizar uma interpretação da realidade e, por conseguinte, construir um conhecimento que se contrapõe duramente à racionalidade instrumentalizada. A finalidade do pensamento filosófico não é desvendar algum enigma ou intenções que foram ocultadas pela história, que foram esquecidas, mas trazer à tona, provocar uma nova reflexão crítica sobre a realidade existente ou que foi encoberta pela racionalidade intencional pelas suas formas de poder. Por isso, a dialética negativa se opõe a uma concepção de um sujeito transcendental na apreensão do objeto e propõe uma recíproca relação que não significa apenas uma reconstrução de um pensamento sob outra óptica. Segundo Adorno,

Na medida em que ainda interpretavam o heterogêneo como sendo elas mesmas, e, por fim, como o espírito, o heterogêneo já sempre se tornava uma vez mais para elas o igual, o idêntico no qual se repetiam como em um juízo analítico gigantesco, sem espaço para o qualitativamente novo. Estamos profundamente habituados a pensar que a filosofia não é possível sem uma tal estrutura de identidade, que nesse caso ela se desintegraria em uma pura justaposição de constatações. A mera tentativa de voltar o pensamento para o não-idêntico ao invés de para a identidade é tomada por um contrassenso.³¹⁷

³¹⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 130. In: GS, Band 6, p. 152-153. “In ihm jedoch steckt auch das Wahrheitsmoment von Ideologiedie, Anweisung, daß kein Widerspruch, kein Antagonismus sein sollte”.

³¹⁶ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 253. In: GS, Band 6, p. 298. “Der Weltgeist ist, aber ist keiner, ist nicht Geist [...]”.

³¹⁷ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 135. In: GS, Band 6, p. 158. “Indem sie noch das Heterogene als sich selber, schließlich den Geist, deuteten, wurde es ihnen schon wieder zum Gleichen, Identischen, in dem sie sich, wie mit einem gigantischen analytischen Urteil, wiederholten, ohne Raum fürs qualitativ Neue. Eingeschliffen ist die Denkgewohnheit, ohne solche Identitätsstruktur sei Philosophie nicht möglich und

Na dialética negativa, a tensão permanente diz respeito à negação da verdade enquanto confrontação com a identificação da identidade de um pensamento que está revestido, segundo Adorno, por uma lógica e um sistema fechado de apreensão da realidade. O que deve ser buscado e resgatado está no oposto ao pensamento iluminado, ou seja, está naquilo que está nos escombros, nas ruínas, está nos limites da história tradicional e não é reconhecido, de forma alguma, pela dialética da identidade. O conceito que fundamenta os elementos da realidade se reconstrói em forma de constelação e não está mais adequado ao esquema estrutural do sujeito que o classifica e manipula conforme seus interesses.

Por outro lado, pensar a realidade e refleti-la enquanto experiência dialética da negatividade traz à consciência a dimensão da positividade e da heterogeneidade do pensamento como possibilidade de perceber que existe outra realidade além daquela que é abarcada pelo sujeito – percebida não mais a partir de categorias fixas, mas desde o encontro e na relação com o objeto. O desafio está posto: a tarefa difícil da dialética negativa de investigar a realidade exerce uma interferência não intencional ou pragmática para além dos princípios impostos. O conhecimento da não identidade pode ser assim caracterizado:

A ideia de uma filosofia transformada seria a ideia de se aperceber daquilo que lhe é dessemelhante, determinando-o como aquilo que lhe é dessemelhante. – O momento da não-identidade no juízo identificador é facilmente discernível, na medida em que todo objeto singular subsumido a uma classe possui determinações que não estão contidas na definição de sua classe.³¹⁸

Essas verdades fundamentadas pela tradição moderna, os sistemas fechados e irreconciliáveis, determinam-se em uma realidade por força de sua reflexão ideológica. O pensamento unidimensional perde a potencialidade de estar em uma relação dinâmica com a realidade, excluindo o legado histórico e o próprio conteúdo que oferece. A filosofia moderna, ao tecer uma crítica à tradição, impõe uma lógica de compreender os fenômenos da natureza e seu conhecimento sobre a realidade, a dimensão histórica. Nesse sentido, Adorno faz uma crítica ao pensamento moderno e destaca a importância do cerne da dialética negativa: “[...] o conteúdo enquanto aquilo que é aberto e não previamente decidido pela estrutura: apelo contra

zerbröckle in das pure Nebeneinander von Feststellungen. Der bloße Versuch, den philosophischen Gedanken dem Nichtidentischen zuzukehren anstatt der Identität, sei widersinnig;”.

³¹⁸ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 131. In: GS, Band 6, p. 153. “Idee einer veränderten wäre es, des Ähnlichen innezuwerden, indem sie es als das ihr Unähnliche bestimmt. - Das Moment der Nichtidentität in dem identifizierenden Urteil ist insofern umstandslos einsichtig, als jeder einzelne unter eine Klasse subsumierte Gegenstand Bestimmungen hat, die in der Definition seiner Klasse nicht enthalten sind”.

o mito. O mítico é o sempre igual, que por fim se dilui e transforma em lei formal do pensamento. Um conhecimento que quer o conteúdo quer a utopia”.³¹⁹ O pensamento assistemático, na concepção dialética negativa, permanece e tem sua relação intrinsecamente na não identidade do conceito que é compreendido como relacional e heterogêneo.

Ademais, outro aspecto de fundamental importância refere-se à própria transformação da identidade que torna o espaço por excelência da formalidade do pensamento: “Se o sistema deve ser de fato fechado, se ele não deve tolerar nada fora de seu círculo mágico, então se torna, por mais dinâmico que seja concebido, finito enquanto infinitude positiva, estático”³²⁰. Adorno não mede palavras para denunciar que os sistemas fechados então prontos, por isso conservam-se em si mesmos em seus próprios limites, sem necessidade de serem questionados em seu poder investigativo nos fins ideológicos que se propõem a alcançar.

A crítica de Adorno é direcionada à filosofia ocidental, de modo ímpar a Hegel e Marx, que buscaram construir e fundamentar seus pensamentos a partir de um sistema no qual qualquer argumentação, por demais fundamentada que seja, encontra dificuldades de estabelecer uma relação de liberdade com a realidade. Adorno reconhece os limites do pensamento filosófico na busca do conhecimento e sua pretensão de reter a realidade e interpretá-la de modo desvinculado do sistema: “Aquilo que em Marx e Hegel permaneceu teoricamente insuficiente transmitiu-se para a prática histórica; é por isso que é preciso refletir novamente de maneira teórica, ao invés de deixar que o pensamento se curve irracionalmente ao primado da prática”³²¹. Por outro viés, sem abandonar o próprio conceito e a forma sistemática de compreender o mundo, a proposição adorniana consiste em dar possibilidades à própria realidade de se manifestar em seus limites e dificuldades por meio de um pensamento crítico que dá vigor e vida à dialética negativa.

Em contraposição, Adorno apresenta um modelo alternativo que está na base de sua filosofia e que pode ser assim caracterizado segundo suas palavras: “De fato, a dialética não é nem apenas método, nem algo real no sentido ingênuo do termo [...]. É a coisa, e não o impulso

³¹⁹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 56. In: GS, Band 6, p. 65. “[...] Inhalt zu als dem Offenen, nicht vom Gerüst Vorentschiedenen: Einspruch gegen den Mythos. Mythisch ist das Immergleiche, wie es schließlich zur formalen Denkgesetzlichkeit sich verdünnte. Erkenntnis, die den Inhalt will, will die Utopie”.

³²⁰ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 31. In: GS, Band 6, p. 36 “Soll das System tatsächlich geschlossen sein, nichts außerhalb seines Bannkreises dulden, so wird es, sei es noch so dynamisch konzipiert, als positive Unendlichkeit endlich, statisch”.

³²¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 126. In: GS, Band 6, p. 147. “Was in Hegel und Marx theoretisch unzulänglich blieb, teilte der geschichtlichen Praxis sich mit; darum ist es theoretisch erneut zu reflektieren, anstatt daß der Gedanke dem Primat von Praxis irrational sich beugte”.

à organização própria ao pensamento, que provoca a dialética”³²². Por isso, na concepção filosófica de Adorno, os conceitos não podem mais fundamentar-se e articular-se em torno do sistema, mas em forma de constelação, em que a relação entre pensamento e realidade se funde numa crítica imanente e livre de qualquer conteúdo de manipulação e de dependência de um para com o outro.

O pensamento crítico procura refletir e colocar em discussão as principais questões norteadoras dos problemas que envolvem a realidade, mas tem o cuidado em não querer de antemão respondê-las ou de buscar predeterminá-las por meio dos conceitos:

É verdade que as perguntas possuem, na filosofia, um peso diverso do que possuem nas ciências particulares. Enquanto nas ciências particulares elas são eliminadas pela solução, seu ritmo em termos da história da filosofia seria antes o da duração e do esquecimento.³²³

Se a filosofia até então buscava entender e interpretar o mundo, tomando certa distância em relação à sua transformação, cabe agora ter presente, na concepção adorniana, que a práxis diz respeito à transformação do pensamento e da realidade. É na transformação da realidade que se dá a interação e a reconciliação da práxis com a filosofia, ou seja, sua ação no mundo e seu pensamento que se reflete em si mesmo. Nas palavras do autor frankfurtiano, “os pensamentos que são verdadeiros devem renovar-se incessantemente pela experiência da coisa, a qual, não obstante, só neles recebe suas determinações”.³²⁴

É na interação com a realidade que a teoria reflete sobre seus limites, desenvolve sua mediação dialética e a sua suscetível condição de interpretar o mundo. Com isso, a teoria adorniana concebe e salvaguarda um pensamento crítico e imanente à realidade em vista de ser contraponto às falsas concepções e compreensões que se constroem em um pensamento que nega a heterogeneidade. Por isso, “se a dialética negativa reclama a autorreflexão do pensamento, então isso implica manifestamente que o pensamento também precisa, para ser verdadeiro, hoje em todo caso, pensar contra si mesmo”³²⁵. Nessa perspectiva, Adorno acentua

³²² ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 126. In: GS, Band 6, p.148 “Tatsächlich ist Dialektik weder Methode allein noch ein Reales im naiven Verstande. [...] Sie, nicht der Organisationsdrang des Gedankens veranlaßt zur Dialektik”.

³²³ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 61. In: GS, Band 6, p. 71. “Tatsächlich sind in der Philosophie Fragen von anderem Gewicht als in den Einzelwissenschaften, wo sie durch die Lösung fortgeschafft werden, während ihr philosophiegeschichtlicher Rhythmus eher der von Dauern und Vergessen wäre”.

³²⁴ ADORNO, W. Theodor. *Observações sobre o pensamento filosófico*, 1995, p. 21.

³²⁵ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 302. In: GS, Band 6, p.358. “Erheischt negative Dialektik die Selbstreflexion des Denkens, so impliziert das handgreiflich, Denken müsse, um wahr zu sein, heute jedenfalls, auch gegen sich selbst denken”.

a importância de uma teoria que seja crítica, de uma dialética negativa que consegue estabelecer um diálogo permanente com o mundo e não ser um mero instrumento de compreensão da realidade que reconstrói a história somente em seus fatos e acontecimentos. Como aduz Tiburi, “os cacos da história ferem a sensibilidade e o intelecto do sujeito e instauram-se para sempre na razão”³²⁶. É uma história que sempre se encontra em transitoriedade e que tem seus principais elementos numa linguagem que revela a natureza e salva as esperanças, um pensamento que preserva a utopia como iluminação filosófica para que o falso não possa se concretizar como verdade.

Nesse sentido, uma reflexão filosófica que se dá em forma de constelação consegue romper com as formas habituais de compreender o mundo, superando os elementos objetivos que se reproduzem em formas de dominação da natureza em prol de um pensamento uniformizado que descarta a realidade em sua singularidade e individualidade. Nessa perspectiva, a história, encoberta pela ideologia em suas diversas formas de manifestação e justificação pela racionalidade instrumental, é reconstruída em sua própria dor pelo viés crítico da dialética negativa.

4.4 Sujeito crítico e emancipação

Se para Adorno a identidade do pensamento positivo é a forma originária das ideologias, a concepção do negativo faz parte de uma crítica imanente à realidade, isto é, constitui-se enquanto possibilidade de ser contraponto à totalidade dominante da linguagem e da racionalidade violentada das formas imperativas da cognoscibilidade do mundo. A filosofia não se restringe a pensar as experiências dos vencidos e dos oprimidos, mas propicia perguntar pelas possibilidades de seu reconhecimento, a fim de se constituírem como sujeitos partícipes da história em direção à emancipação por meio da reflexividade *dialético-filosófica*: como possibilitar uma racionalidade do não-idêntico no contexto do sujeito danificado que vive uma falsa liberdade coisificada e politizada, que petrifica a consciência e a estetização do mundo? Ainda há uma esperança possível no contexto da desesperança, de um mundo desencantado e em crise de utopias? Adorno reconhece o caráter materialista do conhecimento contra qualquer forma de fetichização do objeto, pois não é fruto de uma pura racionalidade, mas é na experiência e na contingência da história que se dá a relação e, por sua vez, as possibilidades

³²⁶ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e Dialética negativa em Theodor Adorno*, 2005, p. 162.

da heterogeneidade do pensamento, enquanto instrumento de identificação crítica da realidade. A subjetividade se constrói e faz a sua experiência no sofrimento, não mais na manipulação do objeto, mas na sua relação com a práxis social da dialética histórica, condição de tensão da dialética negativa e não de uma mera reconciliação ideologizada. Portanto, o sujeito crítico constitui-se na relação com o material à medida que participa da comunicabilidade e da experiência com o mundo.

A realidade é contingente, é lugar do abismamento, do estranhamento e do momento da intangibilidade do objeto que se demonstrará a partir de determinadas experiências e da reflexão interiorizada pelo sujeito cognoscente. Não há uma submissão de relação de um sobre os outros, nem um abandono da subjetividade, mas uma experiência que enriquece o sujeito e a constituição de pensamento que seja capaz de reconhecer e que se identifica em sua intersubjetividade com o mundo e a sociedade em seu contexto e em sua particularidade intra-histórica. Nessa acepção,

O primeiro é auscultar na história e na sociedade a pervasividade da sombra da qual ele se apercebe, e descrevê-la com toda a radicalidade possível. O segundo é buscar, na experiência do cotidiano, especialmente daquilo que é desprezível e passa despercebido, no evanescente, nos “vão da história”, elementos que talvez possam estar relativamente a salvo dessa sombra que tudo cobre, e que assim representem sinais de esperança.³²⁷

Essa nova compreensão realizar-se-á a partir de uma racionalidade do não-idêntico que traz à tona uma crítica imanente de dialética negativa na apreensão e interpretação dos elementos micrológicos da realidade, em que as verdades, os conceitos e as formas de experiências são variáveis, alteráveis e heterogêneas. Por isso, a interpretação filosófica desenvolvida pelo pensador frankfurtiano não pode ser entendida como uma atividade meramente mental, exclusiva e própria do sujeito, mas se caracteriza como uma experiência intelectual de relação, de abertura e de consequência de elementos não intencionais entre o pensamento e a realidade. Para ele,

Se a harmonia entre o sujeito e o objeto pôde vigorar outrora, essa harmonia foi produzida pela pressão e se mostra como frágil, assim como a mais recente. A transfiguração de condições passadas serve a uma renúncia posterior e supérflua que se experimenta como incontornável; somente como perdidas elas conquistam seu brilho. Na era do indivíduo desagregado e do coletivo regressivo, o culto das fases pré-subjetivas chega a si mesmo no horror.³²⁸

³²⁷ MUELLER, Enio. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*, 2009, p. 15.

³²⁸ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 164. In: GS, Band 6, p. 192. “Sollte anno dazumal Harmonie von Subjekt und Objekt gewaltet haben, so war sie gleich der jüngsten vom Druck bewirkt und brüchig. Die

No âmbito desse contexto, a realidade não é inseparável de sua manifestação e do reconhecimento do objeto que se oferece ao sujeito que se deixa transformar nos elementos que foram perdidos pelos pensamentos agora potencializados para uma autocrítica. Os elementos mediatizados pelo sujeito histórico e particular dar-se-ão não mais na simples forma de pensar, mas na sua relação de experiência com a primazia do objeto e na abertura que estabelece com o mundo empírico, inteligível e de investigação. Se há uma verdade possível, não estaria fora da história e do sujeito concreto que, na fragilidade de seus limites, de seu reconhecimento, tem a possibilidade de não mais naturalizar as mais diversas formas de violência por meio da experiência.

Essas formas de violência se manifestam de modos multiformes e pluridimensionais. São instrumentos de controle e de dominação que, na concepção de Adorno, naturalizam-se em prol de um pensamento hegemônico, imprescindível em seus diversos campos de atuação e de gestão das realidades, inclusive pensados e motivados estrategicamente. Em outras palavras, a instrumentalização das formas de pensar e os padrões de comportamentos predominantes promovem o autoritarismo e configuram-se como expoentes de transformações sociais e culturais. O sujeito torna-se objeto da *máquina pensante*, das formas de individualizar as condições dos resultados que estabelecem a padronização das ações e dos pensamentos de controle social.

É recorrente que a potência dialética emerge na experiência da alteridade que o pensamento do não-idêntico – força com elemento constituinte de sua relação em uma tensão dialética permanente – postula numa integração não violenta, mas integradora entre o real, o mundo e a possibilidade de ser alcançável frente o inatingível. Segundo Souza, “sua impotência frente a uma realidade é o questionamento desta realidade. A sua potência advém do reconhecimento de sua impotência”.³²⁹

Se a primazia do objeto se caracteriza como possibilidade de construir uma nova relação, a dialética negativa, que tem um posicionamento antissistemático, pode ser definida como aquela que busca dizer alguma coisa que outras formas de conhecimento não conseguem falar. O conhecimento é construído a partir da concepção do não-idêntico. Conforme aduz Schippling,

Verklärung vergangener Zustände dient später und überflüssiger Versagung, die sich als ausweglos erfährt; erst als verlorene gewinnen sie ihren Glanz. Ihr Kult, der vorsubjektiver Phasen, kam im Zeitalter des zerfallenden Individuums und der regressiven Kollektive zu sich selbst im Grauen”.

³²⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*, 2010, p. 101.

“um sujeito que pratica uma tal experiência ‘não-reduzida’, que permite ao desconhecido, à variedade, influir sobre ele, experimenta um conhecimento filosófico verdadeiro, ganhando individualidade e formando a sua identidade ao longo deste processo”.³³⁰

Por meio da dialética negativa, o sujeito identifica uma realidade que ainda não está integrada no seu sistema cognitivo, dialético, que tem sua expressão por meio da filosofia, porém a não identidade do objeto permanece irreconciliada, demonstra sua força à consciência, à negatividade. Em outras palavras, “a dialética precisa se limitar a partir da consciência que possui de si mesma”³³¹, em que a não identidade é o *telos* da identificação da própria aparência do pensamento, do lugar do não-idêntico e da liberdade da manifestação da filosofia adorniana.

O conceito possui seu momento de *irracionalidade*, ausência de *consciência*, perda da *identidade* própria e da *identificação* da realidade. O nervo vital da dialética negativa não está nos objetos apreendidos e classificados por um sistema lógico de conceitos, livre de quaisquer contradições ou formas racionais, mas “em contrapartida, o *telos* da filosofia, o aberto e não-coberto é antissistemático quanto a sua liberdade de interpretar fenômenos com os quais ela se confronta desarmada”³³², em que a sua liberdade está em ser heterogêneo enquanto sistema, interpretação da realidade e na sua experiência de relação não consciente, de não identidade irreconciliável com a objetividade do mundo.

Se, por um lado, o conhecimento do mundo se dá pela apreensão, identificação e abstração, com a ajuda da racionalidade, por outro lado, esse processo, na concepção de Adorno, só é possível por intermédio da dialética negativa que possibilita que a realidade não seja identificada estritamente por um conceito fechado, por um pensamento determinista. Ou seja, o conceito permanentemente está sendo reestruturado por meio da experiência que não reduz os objetos à racionalidade dialética por intermédio do processo de identificação da realidade. Para Adorno, a dialética negativa refere-se à experiência e à consciência da não identidade que não mais é reduzida à *norma da adaequatio*, mas de um pensamento que sempre se renova em uma linguagem própria, ou seja, à capacidade de ser reescrita sob o olhar da heterogeneidade. Portanto, a dialética negativa proporciona em sua experiência com o mundo o motor de sua própria crítica e a sua habilidade de relacionar-se com as próprias contradições

³³⁰ SCHIPPLING, Anne. *O "não-idêntico" na ideia de razão de Theodor W. Adorno e a resultante possibilidade de uma filosofia fecunda para a pós-modernidade*, 2014, p. 133.

³³¹ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 157. In: GS, Band 6, p. 184. “Dialektik muß sich einschränken aus dem Bewußtsein von sich selbst heraus”.

³³² ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 25-26. In: GS, Band 6, p. 31. “Demgegenüber ist das Telos der Philosophie, das Offene und Ungedechte, so antisystematisch wie ihre Freiheit, Phänomene zu deuten, mit denen sie unbewehrt es aufnimmt”.

da realidade e as conceituações objetivadas que muitas vezes se apresentam como impenetráveis.

De modo dinâmico, o conceito vai se constituindo em sua realidade diversa e múltipla a partir de um procedimento antissistemático, mas sem qualquer desprezo com a interrelação com os conceitos. Segundo Seligmann-Silva, “antes, Adorno acredita que é através da abertura destes ao transitório que eles podem se manter fiéis à realidade”³³³. Nesse sentido, os conceitos estão em permanente relação dialética com as realidades diversas, não secularizados ou com as definições acabadas. Nesse momento é importante afirmar que as verdades, as concepções e as ideias que os conceitos expressam estão no campo da transitoriedade e de uma interpretação e compreensão aberta.

Dessa forma, resistir ao pré-pensado, determinado e às mais variadas concepções de conhecimento impostas se constitui como a força do pensamento da dialética negativa. A crítica ao projeto iluminista não significa que para Adorno temos a morte da razão ou seu enfraquecimento. Por meio da dialética negativa, a razão torna-se crítica e seu potencial permite o não-idêntico ter sua caracterização na relação entre o sujeito e objeto e reconhecer a pluralidade das realidades e suas interfaces. Pensar a realidade a partir de suas diferenças significa estar em constante abertura e reconhecer que o pensamento se constrói quando não está enclausurado e objetivado pela filosofia que preserva em sua identidade num conceito enrijecido. Por conseguinte, pode-se asseverar que o pensamento crítico se mantém vivo para aqueles que não se limitam a aceitar as formas impostas de conhecimento, que não estão conformados com a realidade fixada a partir de instrumentos e procedimentos sistemáticos e impositivos. O caráter manipulador ainda insiste em pulverizar suas potencialidades autoritárias, o que não possibilita um diálogo aberto e crítico.

Em suma, a teoria crítica adorniana abre espaço para pensar um sujeito liberto das amarras da subjetividade ocidental – que transforma os indivíduos em objetos instrumentalizados em sua própria experiência com o mundo – e que tem uma relação de alteridade, para além da mera compreensão da realidade. A sua utopia reside na reconciliação recíproca entre o sujeito e objeto que, sem ter como objetivo torná-lo conceitual, cria a liberdade e admiração de uma práxis autocrítica solidária e enriquecedora. Nesse sentido, “o primado do objeto significa o progresso da diferenciação qualitativa daquilo que é mediado em si, um

³³³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*, 2009, p. 84.

momento na dialética que não se acha para além dela, mas se articula nela”³³⁴. Essa articulação não pode ser hipostasiada pelo sujeito, mas na primazia do objeto, abre-se para uma nova experiência, sem perder sua autonomia de reconhecer em si mesmo o momento de não identidade do objeto em sua consciência crítica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

³³⁴ ADORNO, Theodor. *Dialética negativa*, 2009, p. 158. In: GS, Band 6, p. 185. “Vorrang des Objekts bedeutet die fortschreitende qualitative Unterscheidung von in sich Vermitteltem, ein Moment in der Dialektik, nicht dieser jenseitig, in ihr aber sich artikulierend”.

A pesquisa desenvolvida acerca da filosofia exercício de abertura ao não-idêntico em Adorno visou explicitar a tese de que o pensamento crítico e filosófico é entendido como uma ruptura radical com as formas instrumentalizadas, ou seja, ideologizadas da racionalidade hegemônica. A questão está revestida de complexidade, mas, ao mesmo tempo, carrega uma chave de leitura, a saber: como entender a racionalidade do não-idêntico de modo que proporcionasse opor-se às formas de abstração tradicional nas quais a dialética exerce um poder objetivo de manipulação e de totalidade sobre a realidade?

Para dar conta do intentado, procurou-se, em primeiro lugar, explicitar um pensar negativo e crítico que possibilitasse à filosofia abordar a realidade sem estar atrelada a uma racionalidade que impõe um modelo de conhecimento administrado. No entanto, na óptica adorniana, o pensamento deve ter uma consciência da responsabilidade com o mundo no qual o núcleo central constitui-se em um exercício interpretativo da realidade numa inquietude permanente na perspectiva da reflexividade dialética. Tratou-se de compreender a estrutura secularizada do pensamento que, na concepção de Adorno, acentuou-se à luz das ideias da racionalidade técnico-instrumental que vigora nos tempos atuais como aparato ao sistema econômico e às mais diversas formas de ideologias.

Na conferência da aula inaugural intitulada *Atualidade da filosofia*, percebeu-se que Adorno tem uma posição filosófica de crítica à sociedade pela qual explicita seu projeto filosófico e, a partir da qual, elabora sua crítica às concepções de filosofia. Na sua visão, as concepções de pensamento filosófico não possibilitam compreensões críticas da realidade e, por conseguinte, não permitem a transformação do mundo. A posição adorniana situa-se na matriz dialético-materialista que busca alternativas ao pensamento tradicional e, à sua maneira, quer conduzir o pensamento crítico pela dialética negativa que mantém a potencialidade crítica da racionalidade pelo viés assistemático, isto é, por não mais se guiar por um sistema fechado e um método pré-determinado.

Essa característica ou forma de pensar se sustenta em razão de uma concepção de filosofia negativa cujo método constitui-se num processo de crítica imanente no qual o exercício de exposição nunca tem uma chave segura e cristalizada pela lógica de interpretar a realidade. O exercício de interpretação da realidade compõe-se mediado pela autorreflexão, sem legitimar ou impor uma estrutura ideológica, e dá-se a partir do comparativo de imagens históricas que não se encontram de antemão prontas e sedimentadas:

Pues las imágenes históricas, que no forman el sentido de la existencia, pero resuelven y disuelven sus cuestiones, no son meramente algo dado por sí mismo. No se encuentran lista ya en la historia como preparados orgánicos; no es preciso descubrir visión ni intuición alguna al respecto, no son mágicas divinidades de la historia que habría que aceptar y honrar.³³⁵

Por um lado, cabe à filosofia orientar o pensamento a partir de uma realidade complexa e refletir criticamente, buscando ultrapassar as concepções instrumentalizadas pela lógica da dialética positiva. Por outro lado, precisa reorientar o pensamento no sentido de que a verdade, mesmo que passível de ser explicitada, seria impossível de ser abarcada e exposta em conceitos capazes captar a totalidade do real, aquilo que passou a ser história. A filosofia como exercício do não-idêntico traz à vida os conceitos petrificados que se construíram na pura identidade submetida inexoravelmente em sua forma de se relacionar com a história no contexto da vida danificada e os faz vir à experiência de heterogeneidade.

Adorno tematiza a desumanização das pessoas, das instituições e da sociedade: “Assim, as instituições criadas pelas pessoas são ainda mais fetichizadas: desde o momento em que os sujeitos passaram a se conhecer somente como intérpretes das instituições, estas adquiriram o aspecto de algo divinamente ordenado”³³⁶. Pretenderam-se os pensamentos que acentuam que uma razão ordenadora precisa de resultados imediatos e hegemônicos que regem o mundo e a realidade pelo critério da calculabilidade, condição de possibilidade para a ciência moderna. A racionalidade autoconservadora sublima a realidade na qual a multiplicidade do conceito está condicionada pela capacidade articuladora, isto é, pelos padrões impostos sem resistência.

A postura crítica da filosofia e a transformação do pensamento, dentro de seus limites e confrontos, constitui-se em resistência ao pensamento instrumentalizado. É possível estabelecer uma relação intrínseca entre pensamento e realidade a partir de uma crítica imanente pelo viés do não conceitual, do não-idêntico, sem abrir mão do conceito e propondo-se a compreender a realidade.

Assim, em Adorno o conceito na dialética da não identidade tem sua característica nas múltiplas formas de se relacionar e na dinamicidade interrelacional do objeto com o sujeito. Ou noutras palavras, trata-se de trazer o não-idêntico à expressão do pensamento, que tem na liberdade a manifestação da dialética negativa e da própria experiência capaz de possibilitar a exposição de uma crítica filosófica, viabilizadora do pensar a verdade sem reduzir o conceito à tradicional estrutura sistemática de manipular o conhecimento. Na compreensão de Mueller, a

³³⁵ ADORNO, Theodor. *Actualidad de la filosofía*, 1991, p. 98.

³³⁶ ADORNO, Theodor. *Mensagem numa garrafa*, 1996, p. 40.

filosofia tradicional “[...] agora só é possível ainda na forma de uma constante negação, de uma resistência que se expressa como desconstrução implacável de todo o projeto que visa confinar o mundo num espaço único de identidade”.³³⁷

Dito de outro modo, a negatividade constitui-se enquanto possibilidade de ruptura das estruturas da dominação. A negatividade da dialética torna-se o ponto de partida em vista da superação do falso pensamento e da construção de uma racionalidade crítica que possa compreender a realidade sem a finalidade da preservação e de afirmação da identidade. Essa constante negação da realidade encontra-se na dialética negativa em que o pensamento não se transforma em ideologia, mas propõe que os conceitos, dilatados à própria razão, desnaturalizem-se em sua comunicável relação com o mundo e sua irreconciliável diferença.

Entretanto, pensar de forma contrária a qualquer concepção tradicional de conhecimento, que vê a realidade submissa ao sujeito e do itinerário epistêmico-metodológico da identidade do mundo, é o desafio para a concepção de filosofia para Adorno. Nessa perspectiva, reside a esperança de um sujeito livre, consciente de que a crítica é necessária para resgatar a confiança na razão. Conforme assevera Santos, “por isso, a razão precisa se libertar da estrutura sistêmica que envolve as atividades dos seres humanos”³³⁸. Nesse sentido, a relação entre sujeito e objeto não é concebida em uma relação de submissão, de enquadramento do mundo ou aprisionamento da realidade, mas de reciprocidade e heterogeneidade.

Adorno acentua a importância do objeto, do mundo, pela dialética negativa na qual o processo cognitivo se dá de maneira aberta e dinâmica, possibilitando condições da teoria à práxis ser autorreflexiva e de um comprometimento social. Esse compromisso da filosofia caracteriza-se como uma posição e, do ponto de vista da dialética negativa, o pensamento assume as suas limitações sem ter a pretensão de atribuir um sentido positivo e iluminador à verdade pensada. Opera com um resultado que não se dá na construção fiel à realidade com base em uma racionalidade capaz de guardar a tensão a sua autocrítica.

A dialética negativa na aceção adorniana contrapõe-se ao sentido hegeliano de superar e guardar (*aufhebung*) e não tem a pretensão de transformar a negatividade em positividade. Pelo contrário, quer proporcionar vida, dando voz ao pensamento carregado dos resíduos de morte, de escombros e injustiças irreparáveis aos indivíduos que não tiveram significado na dialética e na história. Na *Dialética negativa*, Adorno insiste em afirmar que o pensar não é

³³⁷ MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*, 2009, p. 134.

³³⁸ SANTOS, Marcelo L. *O pavor de uma sociedade inumana*, 2011, p. 136.

harmônico, pois, no dizer de Freitag, “consistiria no esforço permanente de evitar as falsas sínteses, de desconfiar de toda e qualquer proposta definitiva para solução de problemas, de rejeição de toda visão sistêmica, totalizante da sociedade”.³³⁹

Na perspectiva da dialética negativa, a crítica à positividade ocorre porque ela advoga a eliminação da negatividade em vista da sobrevivência do conceito como fundamento sólido da consciência e da afirmação de uma concepção filosófica que tem sua máxima na abstração da realidade adequada ao pensamento como critério de verdade e de referência de mundo. Ao contrário, a concentração no negativo está relacionada com a configuração da relação entre positividade e a reconciliação de modo que a práxis do pensamento ou a utopia não sejam uma mera imposição do conceito à realidade apreendida pela ideologia ou à síntese do pensamento. Para Adorno, a positividade do pensamento e da relação de reconciliação constitui-se e demonstra-se quando a dialética negativa, em seu particular movimento da não identidade, traz sua força de resistência e seu potencial crítico pela via da negação, uma maneira própria e ímpar de interpretar a realidade. Assim, na dialética negativa, com a força do pensar crítico e radical enquanto potencialidade na relação entre uma realidade que pretende ser e o que é de fato em sua mais ampla complexidade e apreensão cognoscível.

A crítica de Adorno à filosofia da identidade dará lugar à força do pensamento da não identidade e terá sustentação na articulação como experiência e relação na qual o conteúdo está na esfera da revelação e da reconciliação: memória, arte, filosofia. Estas se articulam numa forma de pensamento dialético-negativo em vista de uma filosofia que se constitui enquanto exercício permanente e aberto – pensamento enquanto negação da identidade e de toda tentativa de abarcar a totalidade do real em um sistema filosófico fechado. Por esse viés, a identidade que, na concepção de Adorno é a potência da ideologia, fica desarticulada pela reconciliação da positividade na mediação dialética do não-idêntico e pelo pensamento não mediatizado pelo conceitual. Assim é que se caracteriza a não identidade do objeto que salvaguarda uma racionalidade inalcançável pela abstração e pela adequação à razão, contra uma dialética que preserva a identidade na perspectiva de pensar a partir do sistema em que a totalidade é seu referencial e objeto de determinação.

Logo, poder-se-ia dizer que o significado de autorreflexividade não está no nível de uma simples reprodução da realidade e da reconstrução do pensamento: O “pensar enquanto

³³⁹ FREITAG, Barbara. *Teoria crítica ontem e hoje*, 1988, p. 48.

capacidade de mediação nasce do confronto com o pesando”³⁴⁰ que concebe o mundo como espaço da heterogeneidade e de uma filosofia que se compromete com a verdade. Com base nessa forma de conceber a relação entre sociedade e indivíduo, a dialética negativa tem como ponto de partida um posicionamento crítico que se opõe ao pensamento que promove a injustiça e a subserviência da cultura da barbárie.

Nesse sentido, a memória tem um significado não somente de recordação do passado ou apenas o caráter de informação, mas ela permite reconstruir um pensamento crítico-comprometido e de responsabilidade frente às injustiças perpetradas. Desse modo, “a memória, ao fazê-lo presente, questiona a soberania do presente, assim como a interpretação ideológica que se faz passado”³⁴¹. Ou noutra expressão, esse *passado presente* possibilita uma autonomia ao pensamento da dialética negativa de forma a descortinar uma realidade até então comprometida com uma racionalidade que preserva seu exercício na positividade da totalidade dominante e de uma identidade falsa. O potencial crítico da memória está exatamente em expressar sua posição frente a um conteúdo sedimentado e de estilo sistemático que, ao reconciliar a realidade no conceito, tem seu processo hegemônico efetivado e reconhecido pela racionalidade dialética positivada. A dialética negativa, portanto, possibilita uma autocrítica do sujeito que reconhece uma realidade ainda não compreendida com o pensamento instrumentalizado

O pensar filosófico que se constitui no processo da dialética negativa é um caminho a ser construído a partir de questões, de posicionamentos críticos e do compromisso da filosofia com a transformação da realidade. A abrangência do pensar crítico tem esta característica própria: ser contraponto à pretensão da razão que busca, numa integração sistêmica, apoderar-se do mundo. A resistência à instrumentalização da razão na *Teoria estética* é posta da seguinte forma: a realidade reconciliada na obra da arte autêntica conserva uma capacidade crítica e de autonomia e “toda experiência da obra de arte está ligada ao seu ambiente, seu valor posicional, ao seu lugar em sentido próprio e em sentido figurado”.³⁴²

Por intermédio da obra de arte autônoma, há uma liberdade de expressão do pensamento – mesmo que, muitas vezes, seja de uma racionalidade reprimida, enigmática e mediatizada em si mesma –, enquanto espaço de defesa do não-idêntico que, embora inacabada e descontínua (antimétodo), tem a capacidade de ser a manifestação da *experiência do mundo* (*welterfahrung*)

³⁴⁰ TIBURI, Marcia. *Metamorfose do conceito: ética e Dialética negativa* em Theodor Adorno, 2005, p. 159.

³⁴¹ MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz*, 2005, p. 162.

³⁴² ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1988, p. 385.

e da racionalidade da não identidade, condição e caminho essencial do movimento dialético e da ruptura com a forma reguladora e especulativa de exposição do conhecimento. Se para Adorno a arte salva a racionalidade do não-idêntico, um conteúdo de verdade é uma forma diferenciada de saber, ou seja, “a arte como uma forma de conhecimento”³⁴³ – oposto da racionalidade e da experiência tradicional de compreender o mundo – será um instrumento de denúncia, sem renunciar a si mesma, pois, ao participar do mundo com sua irracionalidade, é sinal de contradição, de autocrítica e de ruptura ao ser uma *mônada sem janela*.

A memória e a arte, nesse sentido, são a configuração e a possibilidade da existência da experiência da racionalidade dialética do não-idêntico e da inadequação entre conhecimento e mundo frente às estruturas que compõem as determinações que orientam o caminho da emancipação do pensamento enquanto exposição objetiva e instrumentalizada da realidade. Se a verdade é pensada a partir do transitório, do não estabelecido, então, segundo Adorno, “uma sociedade emancipada, contudo, não seria um estado unitário, mas a realização do universal na reconciliação das diferenças”.³⁴⁴

Por fim, num sentido amplo, o pensamento autocrítico que Adorno propõe ao mundo moderno não abandona a razão nem o conceito, mas oportuniza à filosofia como exercício do não-idêntico a sair de sua acomodação para o desafio de colocar-se em movimento, de ser propedêutica na sua própria experiência e na relação com a realidade e a sociedade. Enfim, a dialética negativa potencializa a razão de ser crítica de si mesma e de possibilitar que o não-idêntico seja o impulso unificador de uma compreensão da crítica da realidade, que preserva a constelação em sua construção e heterogeneidade do pensamento na sua relação com o mundo.

³⁴³ ADORNO, Theodor. *Teoria estética*, 1988, p. 69.

³⁴⁴ ADORNO, Theodor. *Minima moralia*, 2008, p. 99

REFERÊNCIAS

Obras de Theodor Adorno

ADORNO, Theodor W. Ensaio como forma In: _____. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 43, 2012.

_____. *Kierkegaard: construção do estético*. Trad. Alvaro L. M. Valls. São Paulo: Unesp, 2010.

_____. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Dialéctica negativa*. Trad. Alfredo Brotons Muñoz. Madrid: Akal Ediciones, 2005.

_____. *Negative dialektik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979. Band 4.

_____. *As estrelas descem à terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre a superstição secundária*. São Paulo: Unesp, 2008.

_____. *Minima moralia*. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

_____. *Três estudos sobre Hegel*. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Unesp, 2013.

_____. Mensagem numa garrafa. In: ZIZEK, Slavoj. (Org). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. Teoria da semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. *Revista Educação e Sociedade*, n. 56, ano XVII, p. 388-411. Dez. 1996.

_____. O que significa elaborar o passado. In: _____. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Tabus acerca do magistério. In: _____. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Educação contra a barbárie. In: _____. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Observações sobre o pensamento filosófico. In: _____. *Palavras e sinais*. Trad. Maria Helena Ruschel. Modelos Críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Sobre o sujeito e objeto. In: _____. *Palavras e sinais*. Trad. Maria Helena Ruschel.

Modelos Críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Notas marginais sobre teoria e práxis. In: _____. *Palavras e sinais*. Trad. Maria Helena Ruschel. Modelos Críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Actualidad de la filosofía*. Trad. José Luiz Arantegui Tamayo. Introd. Antônio Aguilera. Barcelona: Paidós, 1991.

_____. *Teoria estética*. Trad. Arthur Morão. Lisboa: Ed.70, 1988.

_____; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã*: Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores.

_____. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores.

_____. La crítica de la cultura y la sociedade. In: _____. *Prismas*. Trad. Manoel Sacristán. Barcelona: Ariel, 1962.

Outras referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

_____. *Estado de exceção*. Trad. Iraci D. Poletti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALMEIDA, Guido. Nota preliminar do tradutor. In: ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ARENDT, Hannah. *Da violência*. Trad. Maria Cláudia Drummond Trindade. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. Trad. Elena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991.

BACON, Francis. *Novum organum*. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Os Pensadores.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O mal-estar da pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. V.1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BICCA, Luiz. O alcance da crítica da racionalidade instrumental. In: _____. *Racionalidade moderna e subjetividade*. São Paulo: Loyola, 1997. p. 209-217.

BAHIA, Ricardo. *Das luzes à desilusão: o conceito de indústria cultural em Adorno e Horkheimer*. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2004.

BUCK-MORSS, Susan. *Origen de la dialéctica negativa: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt*. Trad. Nora R. Maskivker. México: Siglo Veintiuno Editores, 1981.

DALBOSCO, Cláudio. Racionalidade, esclarecimento e emancipação na perspectiva de Adorno e Horkheimer. In: CENCI, Ângelo (Org.). *Ética, racionalidade e modernidade*. Passo Fundo: UPF 1996.

DUARTE, Rodrigo. Sobre o conceito dialético de esclarecimento. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento*. Ijuí: UNIJUÍ, 2009, p. 13-26.

_____. *Dizer o que não se deixa dizer: para uma filosofia da expressão*. Chapecó: Argos, 2008.

_____. FIGUEIREDO, Virginia; KANGUSSU, Imaculada. *Theoria aesthetica: em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno*. Porto Alegre: Escritos, 2005.

_____. *Adorno/Horkheimer & a Dialética do esclarecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

_____. *Mimesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo: Loyola, 1993.

D'ALLONNES, Olivier Revault. Adorno não Adorno. 100 anos. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 155, p. 87-102, out./dez. 2003.

FÉRNÁNDEZ VEGA, José. Crítica e prazer na estética de Adorno. A crítica do prazer e o prazer da crítica. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia; KANGUSSU, Imaculada (Orgs.). *Theoria aesthetica: em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2005.

FLICKINGER, Hans Georg. A lógica clandestina do compreender, do pensar e do escrever. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *Finitude e transcendência*: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 211-221.

_____. *Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

FREITAG, Barbara. *A teoria crítica ontem e hoje*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FREITAS, Verlaine. TERTIUM NON DATUR: a dicotomia espírito/natureza na moral esclarecida e em sua Crítica. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento*. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 43-68.

_____. *Adorno e a arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Para uma dialética da alteridade: a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Theodor Adorno*. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas). Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2001. Edição revista em 2006.

FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*. Trad. Ana Gama e Teresa Fonseca. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREDERICO, Celso. O esquematismo kantiano e a crítica à indústria cultural. *Studia kantiana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 85 -105, nov. 2003.

_____. *O jovem Marx (1843-1844): as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Cortez, 1995.

FROMM, Erich. *Análise do homem*. Trad. Octavio Alves Velho. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta. In: _____. *Obras completas I: magia e técnica, arte e política*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 7-19.

GEYER, Carl Friedrich. *Teoria crítica: Max Horkheimer y Theodor Adorno*. Barcelona/Caracas: Alfa, 1985.

GIROUX, Henry. *Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução*. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1986.

HERMANN, Nadja. A indústria cultural. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento*. Ijuí: Unijuí, 2009.

HEGEL, G. W. F. *A razão na história: uma introdução geral a filosofia da história*. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Meneses. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Princípios de la filosofía del derecho o derecho natural y ciencia política* (Prefácio). Trad. Juan Luis Vermal. Buenos Aires: Sudamericana, 1975.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. *Teoria crítica I. Observações sobre ciência e crise*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *Origem da filosofia burguesa da história*. Trad. Maria Margarida Morgado. Lisboa: Presença, 1984.

_____. *Filosofia e teoria crítica*. Trad. Edgar A. Malagodi e Ronaldo P. Cunha. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores.

_____. *Teoria tradicional e teoria crítica*. Trad. Zeljko Loparic e Andréia Maria A. C. Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Os Pensadores.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JAMESON, Fredric. *O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Boitempo, 1997.

JAY, Martins. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de pesquisa social, 1929-1950*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *As ideias de Adorno*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.

JIMENEZ, Marc. *Para ler Adorno*. Trad. Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FERNÁNDEZ, José. Crítica e prazer na estética de Adorno. A crítica do prazer e o prazer da crítica. Trad. Iracema Macedo. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia; KANGUSSU, Imaculada (Org.). *Theoria aesthetica: em comemoração ao centenário de Theodor W. Adorno*. Porto Alegre: Escritos, 2005.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Os Pensadores.

_____. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)? In: _____. *Textos seletos*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

LEIVAS, Cláudio R. C., A Ideia de Deus como Efetividade do Mundo: A Divinização do Estado em Hegel. In: *Filosofia Política*. Série III, nº 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 153-162.

LOUREIRO, Robson. Memória e elaboração do passado no cinema de Alexandre Fluge e na Filosofia de Theodor Adorno. In: PUCCI, Bruno, FRANCO, Renato, GOMEMS, Luiz Roberto (Org.). *Teoria crítica na era digital*. São Paulo: Nankin, 2014. p. 171-192.

LUCKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Trad. Rodinei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAAR, Wolfgang Leo. Materialismo e primado do objeto em Adorno. *Trans/Form/Ação*. Marília, SP, v. 29, n. 2, p. 133-154, 2006.

MARCUSE, Hebert. *Razão e evolução: Hegel e o advento da teoria social*. Trad. Marília Barroso. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: _____. *A ideologia alemã*. Trad. Luiz C. Costa São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Livro I. São Paulo: Difel, 1985.

MASS, Olmaro Paulo. *Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento em Adorno e Horkheimer na Dialética do esclarecimento*. Passo Fundo: IFIBE, 2013.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentário às teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2011.

_____. Fundamentos de una filosofía de la memoria. In: RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. (Org.). *Justiça e memória: para uma crítica da violência*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

_____. *Memórias de Auschwitz*. Trad. Antônio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior*. Ensaio sobre o i-mundo moderno. Trad. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Unesp, 2002.

MATOS, Olgária. Apresentação à edição brasileira Walter Benjamin e Theodor Adorno: o estupro da facticidade à meia-noite do século. In: ADORNO, T.W. *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: UNESP, 2012. p. 15-46.

_____. *O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Introdução. In: HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica I*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 12-22.

_____. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MÜHL, Eldon Henrique. A crise do esclarecimento: desconstrução x reconstrução do projeto da modernidade: a racionalidade instrumental: o esclarecimento sem esperança. In: _____. *Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo*. Passo Fundo: UPF, 2003.

_____. Crítica à racionalidade instrumental: as contribuições de Adorno e Horkheimer. In: CENCI Ângelo (Org.). *Ética, racionalidade e modernidade*. Passo Fundo: UPF, 1996. p. 61-80.

_____. Modernidade, racionalidade e educação: a reconstrução da teoria crítica por Habermas. In: PUCCI, Bruno; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: UFScar, 1997. p. 242-263.

MUELLER, Enio R. *Filosofia à sobra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

NOBRE, Marcos. *A Teoria crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A crise da racionalidade moderna: uma crise de esperança. In: _____. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 68-94.

_____. Crítica do capitalismo a partir das vítimas. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, v. 52, p. 14-28, mar. 1992.

PAVIANI, Jayme. *Estética mínima: notas sobre arte e literatura*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

_____. *A arte na esfera da indústria cultural*. Porto Alegre: Pyr, 1987.

PERIUS, Oneide. *Walter Benjamin: a filosofia com exercício*. Passo Fundo: IFIBE, 2013.

_____. *A filosofia como exercício: Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

_____. *Esclarecimento e dialética negativa*. Sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno. Passo Fundo: IFIBE, 2008.

PETRY, Franciele Bete. A relação dialética entre arte e sociedade em Theodor W. Adorno. *Veritas*. Porto Alegre, v. 59, n. 2, p. 399-400, mai-ago. 2014.

PONTEL, Evandro. *Estado de exceção: estudo em Giorgio Agamben*. Passo Fundo: IFIBE, 2014.

PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. *10 lições sobre Adorno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. *Atualidade da Filosofia em Adorno*. Disponível em <www.unimep.br/bpucci/atualidade-filosofia-adorno.pdf>. Acesso em 28 de dez de 2013.

_____; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Sentido(s) da filosofia hoje*. Educação e filosofia, Uberlândia, v. 14, n. 27/28, p. 67-80, dez. 2000.

- _____. Educação para quê? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 16, n. 29, p.23-43, jan./jun. 1998.
- _____; OLIVEIRA Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Orgs.). *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: UFScar, 1997.
- _____. *Filosofia negativa e educação: Adorno*. Disponível em <www.unimep.br/bpucci/filosofia-negativa-e-educacao-adorno.pdf>. Acesso em 24 de jan. de 2014.
- RABAÇA, Silvio Roberto. *Variantes críticas: a Dialética do esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt*. São Paulo: Annablume, 2004.
- ROUANET, Sergio Paulo. *As Razões do iluminismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ROSENFELD, Denis L. A metafísica e o absoluto. In: (Org.) *Filosofia Política*. Série III, nº 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 163-182.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Trad. André Talles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. (In)justiça, violência e memória: o que se oculta pelo esquecimento, tornará a repetir-se pela impunidade. In: SILVA FILHO, José Carlos Moreira da; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo D. (Orgs.). *Justiça de transição nas Américas: olhares interdisciplinares, fundamentos e padrões de efetivação*. Belo Horizonte: Fórum, 2013. p. 79-108.
- _____. RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. (Introdução). Justiça e memória: para uma crítica ética da violência. In: _____. (Org.). *Justiça e memória: por uma crítica da violência*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 7-16.
- _____. A justiça perante uma crítica ética da violência. In: _____. (Org.). *Justiça e memória: para uma crítica ética da violência*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 87-112.
- RÜDIGER, Francisco. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- SAFATLE, Vladimir. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SANTOS, Marcelo L. O pavor de uma sociedade inumana. In: WERLANG, Júlio Cesar; ROSIN, Nilva (Orgs.). *Theodor Adorno: diálogo filosófico em educação, ética e estética*. Passo Fundo: IFIBE, 2011.
- _____. *Constelação vital: da vida excitada à vida incitada, um ensaio sobre o pensamento de Theodor W. Adorno*. 2010. 175 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://tede.pucrs.br/tdebusca/arquivo.phpcodArquivo2909>>. Acesso em 24 de jan. 2014.

SAFATLE, Vladimir. Apresentação. Os deslocamentos da dialética. In: ADORNO W. Theodor. *Três estudos sobre Hegel*. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Unesp, 2013.

SCHWEPPENHÄUSER, Hermann. Theodor W. Adorno: pensar em constelação – pensamento constelado. In: FLEICHER, Margot (Org.). *Filósofos do século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p.257-271.

_____. A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 391-415, ago. 2003.

SCHIPPLING, Anne. O "não-idêntico" na ideia de razão de Theodor W. Adorno e a resultante possibilidade de uma filosofia fecunda para a pós-modernidade. *Revista Filosófica*, Coimbra vol. 13, n. 25, p. 129-140, Mar. 2004. Disponível em: <www.uc.pt/fluc/dfci/public_publicacoes/o_nao_identico_na_ideia_de_razao>. Acesso em 20 de ago. 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *Adorno*. São Paulo: Publifolha, 2003.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. O anjo da história e a Memória das vítimas: O caso da ditadura militar no Brasil. In: RUIZ, Castor M.M. Bartolomé (Org.). *Justiça e memória: para uma crítica ética da violência*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

SOARES, Jorge Coelho. A imaginação dialética de Rolf Wiggershaus. In: WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

SOUZA, Ricardo Timm de. (Dis)pensar o ídolo. Responsabilidade radical no pensamento contemporâneo. *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea* – Vol. II, n. 2, p. 69-87, 2014.

_____. *Levinas e a ancestralidade do mal: por uma crítica da violência biopolítica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

_____. Ética em Adorno. In: WERLANG, Júlio Cesar; ROSIN, Nilva (Orgs.). *Theodor Adorno: diálogo filosófico em educação, ética e estética*. Passo Fundo: IFIBE, 2011.

_____. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

_____. *Justiça em seus termos: dignidade humana, dignidade do mundo*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

_____. Por uma crítica da razão opaca – sobre os “elementos do anti-semitismo – limites do esclarecimento” da Dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer”. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento*. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 79-96.

_____. *Totalidade & desagregação* – sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

_____. Adorno e a razão do não-idêntico. In: _____. *Razões plurais* – itinerários da racionalidade ética no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. Sobre a burrice ou luzes últimas da Dialética do esclarecimento. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento*. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 97-114.

_____. *Metamorfose do conceito: ética e Dialética negativa em Theodor Adorno*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

_____. *Uma outra história da razão e outros ensaios*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. Os 100 Anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz. *Cadernos IHU Ideias Unisinos*, São Leopoldo, vol. 11, p. 1-20, 2004.

_____. *Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor Adorno*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

TROMBETTA, Gerson Luiz. A relação entre arte e filosofia: um problema, várias abordagens. *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*. Passo Fundo: UPF, ano 17, n. 1, p.95-104, 2001.

THOMSON, Alex. *Compreender Adorno*. Trad. Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010.

TÜRCKE, Christoph. O nascimento mítico do logos. In: BONI, Luis A. de (Org.). *Finitude e transcendência: Festschrift em homenagem a Ernildo J. Stein*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Pronto-socorro para Adorno: fragmentos introdutórios à Dialética negativa. In: PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N.; ZUIN, A. A. (Orgs.). *Ensaio frankfurtianos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 41-60.

VAZ, Alexandre Fernandez. Apresentação. Da teoria crítica e a sua recepção: Adorno e Horkheimer revisitados. In: RABAÇA, Silvio Roberto. *Variantes críticas: a Dialética do esclarecimento e o legado da Escola da Frankfurt*. São Paulo: Annablume, 2004.

VALLS, Alvaro L. M. Adorno e “Ulisses ou mito e esclarecimento”. In: TIBURI, Marcia; DUARTE, Rodrigo (Orgs.). *Seis leituras sobre a Dialética do esclarecimento*. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 27-42.

_____. *Estudos de estética e filosofia da arte: uma perspectiva adorniana*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

WELLMER, Albrecht. Acerca da negatividade e autonomia da arte. Sobre a atualidade da estética de Adorno. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 155, p. 27-54, out.-dez. 2003.

WERLANG, Júlio Cesar; ROSIN, Nilva (Orgs.). *Theodor Adorno: diálogos filosóficos em educação, ética e estética*. Passo Fundo: IFIBE, 2011.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

ZAMORA, José A. História, memória e justiça – Da Justiça Transicional à Justiça Anamnética. In: SILVA FILHO, José Carlos Moreira da; ABRÃO, Paulo; TORELLY, Marcelo D. (Coord.). *Justiça de transição nas Américas: olhares interdisciplinares, fundamentos e padrões de efetivação*. Belo Horizonte: Fórum, 2013. p. 21-46.

_____. W. Benjamin: Crítica del capitalismo y la justicia mesiánica. In: RUIZ, Castor M.M. Bartolomé (Org.). *Justiça e memória: para uma crítica ética da violência*. São Leopoldo: Unisinos, 2009. p. 52-86.

_____. *Th. W. Adorno – pensar contra a barbárie*. Trad. Antonio Sidekum. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.

ZIZEK, Slavoj. Introdução: o aspecto da ideologia. _____ (Org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

M414f Mass, Olmaro Paulo.
 A filosofia como exercício de abertura ao não-idêntico:
 uma leitura a partir da dialética negativa do Theodor Adorno /
 Olmaro Paulo Mass. – 2016.
 145 f. ; 30 cm.

 Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos
 Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.
 “Orientador: Prof. Dr. Álvaro Montenegro Valls.”

 1. Adorno, Theodor W., 1903-1969. 2. Dialética. 3.
 Filosofia. 4. Pensamento crítico. I. Valls, Álvaro Montenegro.
 II. Título.

CDU 162.6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Raquel Herbcz França – CRB 10/1795)